



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

FRANCISCO IRLISSON FERREIRA DIAS

VIOLÊNCIA URBANA E O IMPACTO NO COMÉRCIO LOCAL NO BAIRRO
QUINTINO CUNHA - FORTALEZA - CE

FORTALEZA

2023

FRANCISCO IRLISSON FERREIRA DIAS

VIOLÊNCIA URBANA E O IMPACTO NO COMÉRCIO LOCAL NO BAIRRO
QUINTINO CUNHA - FORTALEZA - CE

Trabalho de Conclusão de Curso em Geografia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Geografia. Área de concentração: Geografia Urbana.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Clélia Lustosa Costa.

FORTALEZA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

D532v Dias, Francisco Irlisson Ferreira.
Violência urbana e o impacto no comércio local no bairro Quintino Cunha - Fortaleza - CE
/ Francisco Irlisson Ferreira Dias. – 2023.
141 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro
de Ciências, Curso de Geografia, Fortaleza, 2023.

Orientação: Profa. Dra. Maria Clélia Lustosa Costa.

1. Violência urbana. 2. Comércio local. 3. Quintino Cunha. I. Título.

CDD 910

FRANCISCO IRLISSON FERREIRA DIAS

VIOLÊNCIA URBANA E O IMPACTO NO COMÉRCIO LOCAL NO BAIRRO
QUINTINO CUNHA - FORTALEZA - CE

Trabalho de Conclusão de Curso em Geografia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Geografia. Área de concentração: Geografia Urbana.

Aprovada em: 14/12/2023.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Clélia Lustosa Costa (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Alexandra Maria Vieira Muniz
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Me. Tiago Batista Moreira
Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC-CE)
Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFC

A Deus.

Aos meus pais, Cosmo e Maria.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus, sinto que sem ele não conseguiria ir tão longe e alcançar meus objetivos, agradeço a ele pelas amizades construídas durante esses anos da graduação, pelas memórias e vivências tidas.

Aos meus pais, Cosmo Irlleude e Maria Orlanda, pelos ensinamentos e pelo apoio que me deram durante todos os meus estudos. Agradeço aos meus familiares, que me acompanharam até o presente momento.

A todos os meus amigos, em especial Cinthia Renata, Gisele Carvalho, Letícia Albuquerque, Mayra Arruda, Rayner Nascimento, Raynara Ferreira, Larisse Carvalho, Ádria Barreto e Ana Beatriz, que me acompanharam, me apoiaram e me ajudaram em tudo que precisei.

Aos meus professores do ensino fundamental e médio, por todo o ensinamento compartilhado, especialmente a Mary, Tia Fatinha, Tia Orlene e Lourdes, pelos conselhos, pela ajuda e pela amizade.

À Profa. Dra. Maria Clélia Lustosa Costa, por ter aceitado o meu pedido de estar me orientando neste trabalho, me dando conselhos e me direcionando para entregar um trabalho de qualidade.

Ao Prof. Me. Tiago Batista Moreira, pelos conselhos e dicas que me guiaram neste trabalho.

À Empresa Júnior do curso de Geografia e ao Movimento Empresa Júnior, que me receberam e me proporcionaram ensinamentos e vivências que não encontraria em nenhum outro lugar, além das amizades feitas durante todo o período como membro da empresa.

À Universidade Federal do Ceará, por proporcionar auxílios financeiros e bolsas acadêmicas que custearam despesas necessárias para a minha formação.

Aos professores participantes da banca examinadora, Profa. Dra. Alexandra Maria e Prof. Me. Tiago Batista, por aceitarem o convite.

A todos os professores do departamento de Geografia e aos que tive contato, que me proporcionaram aprendizados e ensinamentos na área que mais amo, a Geografia. Aos laboratórios LABOCART (Laboratório de Geoprocessamento e Cartografia Social) e LAPUR (Laboratório de Planejamento Urbano e Regional), por me fazerem sentir parte de algo maior, na pesquisa ou na docência, em especial às professoras Dra. Maria Clélia Lustosa Costa e a Dra. Adryane Gorayeb.

“O Brasil não é um país pobre, mas um país com muitos pobres.” (ADORNO, 2002, p. 111).

RESUMO

A violência urbana é um dos temas que mais ganharam visibilidade desde o século passado, pois costuma estar relacionada a outros problemas sociais como a pobreza, exclusão social, ausência de serviços públicos urbanos e o processo de urbanização. Fortaleza é considerada uma das cidades mais violentas do mundo, em um contexto socioespacial marcado por desigualdades, principalmente nos bairros mais periféricos, onde estão concentrados os tipos de crimes mais violentos, a exemplo, no bairro Quintino Cunha. Este estudo tem por objetivo entender o impacto da violência urbana no comércio local no bairro Quintino Cunha, pois sabe-se do efeito negativo da violência no desempenho econômico, que restringe o crescimento de negócios, e impacta principalmente com roubos e assaltos, além do sentimento de insegurança, tendo como objetivos específicos: i. Contextualizar os processos urbanos nos meios sociais, espaciais e econômicos do bairro Quintino Cunha e da cidade de Fortaleza; ii. Analisar dados estatísticos e mapas com relação à violência nas escalas locais, regionais e nacional; e iii. Compreender as vivências e experiências dos comerciantes do bairro Quintino Cunha com a violência. A metodologia foi pensada utilizando-se de pesquisa bibliográfica, a respeito da urbanização e problemas decorrentes dela, como carência de infraestrutura e vulnerabilidade socioespacial e econômica dos moradores. Foram estabelecidas comparações de dados secundários das taxas de crimes e violência no país, no Ceará, em Fortaleza, e em especial, no bairro Quintino Cunha. E pesquisa de campo, que concentrou-se em entender quais eram os comerciantes locais presentes no bairro. Nessa fase, foi aplicado um formulário nas ruas onde estão concentradas a maior parte dos comerciantes, delimitados com uso de SIGs e dados secundários. Como resultados, constata-se que o bairro é marcado por um contexto de desigualdade, com carência de serviços públicos e a presença de vulnerabilidade social, contando a região com muitos assentamentos precários e áreas de risco. Na pesquisa de campo, observou-se a presença do sentimento de insegurança, que impacta de forma indireta as vendas, as entregas e o funcionamento do estabelecimento.

Palavras-chave: Violência Urbana; Comércio Local; Quintino Cunha.

ABSTRACT

Urban violence is one of the themes that have gained more visibility since the last century, as it is usually related to other social problems such as poverty, social exclusion, lack of urban public services and the process of urbanization. Fortaleza is considered one of the most violent cities in the world, in a socio-spatial context marked by inequalities, especially in the most peripheral neighborhoods, where the most violent types of crime are concentrated, for example, in the Quintino Cunha neighborhood. This study aims to understand the impact of urban violence on local commerce in the neighborhood Quintino Cunha, because it is known the negative effect of violence on economic performance, which restricts business growth, and impacts mainly with robberies and assaults, Besides the feeling of insecurity, having as specific objectives: i. Contextualize the urban processes in the social, spatial and economic environments of the Quintino Cunha neighborhood and the city of Fortaleza; ii. Analyze statistical data and maps regarding violence at local scales, regional and national; and iii. Understand the experiences and experiences of the merchants of the Quintino Cunha neighborhood with violence. The methodology was designed using bibliographic research, regarding urbanization and problems arising from it, such as lack of infrastructure and socio-spatial and economic vulnerability of residents. Comparisons of secondary data on crime and violence rates were established in the country, in Ceará, in Fortaleza, and especially in the Quintino Cunha neighborhood. And field research, which focused on understanding which were the local traders present in the neighborhood. At this stage, a form was applied in the streets where most of the merchants are concentrated, delimited using Sigs and secondary data. As a result, the neighborhood is marked by a context of inequality, with lack of public services and the presence of social vulnerability, with the region with many precarious settlements and risk areas. In the field research, we observed the presence of the feeling of insecurity, which indirectly impacts sales, deliveries and the operation of the establishment.

Keywords: Urban Violence; Local Commerce; Quintino Cunha.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	- Extração dos pontos comerciais pela plataforma google my maps.....	106
Figura 2	- Categorização dos pontos extraídos nas seções de A a T.....	108
Figura 3	- Ponto Comercial vazio na Av. Mozart Pinheiro de Lucena.....	111
Figura 4	- Ponto comercial à venda na Av. Mozart Pinheiro de Lucena.....	111
Figura 5	- Vista da Rua Dona Lúcia Pinheiro.....	112
Figura 6	- Vista dos estabelecimentos do cruzamento da Avenida Mozart Pinheiro de Lucena e da Rua Dona Lúcia Pinheiro.....	118
Figura 7	- Padaria com grades.....	122
Figura 8	- Estabelecimentos comerciais e residenciais com grades e portões.....	123

LISTA DE MAPAS

Mapa 1	- Localização de Fortaleza.....	26
Mapa 2	- Densidade demográfica dos bairros de Fortaleza.....	31
Mapa 3	- IDH de renda média dos bairros de Fortaleza.....	33
Mapa 4	- Densidade demográfica por km ²	34
Mapa 5	- Localização do bairro Quintino Cunha.....	41
Mapa 6	- Localização do bairro Quintino Cunha com imagem de satélite....	42
Mapa 7	- Índice de Vulnerabilidade Social de (IVS) Fortaleza - 2010.....	44
Mapa 8	- Tubulações de água do bairro Quintino Cunha.....	45
Mapa 9	- Ligações de esgoto do bairro Quintino Cunha.....	46
Mapa 10	- Assentamentos precários do bairro Quintino Cunha.....	48
Mapa 11	- Assentamentos em áreas de risco e grau de prioridade de áreas de risco no bairro Quintino Cunha.....	55
Mapa 12	- Homicídios com análise Kernel e a presença de aglomerados subnormais.....	78
Mapa 13	- Áreas Integradas de Segurança de Fortaleza.....	80
Mapa 14	- Números absolutos de Crimes Violentos Letais e Intencionais (CVLI) por AIS de Fortaleza - CE em 2021.....	83
Mapa 15	- Números absolutos de Crimes Violentos contra o Patrimônio (CVP) por AIS de Fortaleza - CE em 2021.....	84
Mapa 16	- Números absolutos de Apreensões de Armas de Fogo (AAF) por AIS de Fortaleza - CE em 2021.....	86

Mapa 17	- Números absolutos de Apreensões de Entorpecentes (A.E) por AIS de Fortaleza - CE em 2021.....	88
Mapa 18	- Números absolutos de furtos por AIS de Fortaleza - CE em 2021	90
Mapa 19	- Ocorrências policiais nos anos de 2015 a 2017 no bairro Quintino Cunha.....	96
Mapa 20	- Quantidades de ocorrências policiais dos anos de 2015 a 2017 por logradouros no bairro Quintino Cunha.....	98
Mapa 21	- Atividades econômicas e a densidade de Kernel das atividades no bairro Quintino Cunha.....	110
Mapa 22	- Uso predominante do solo no bairro Quintino Cunha.....	113
Mapa 23	- Atividades comerciais no bairro Quintino Cunha e a densidade de Kernel delas.....	115

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	- Crescimento populacional das maiores cidades do nordeste nos anos de 2000, 2010 e 2022.....	25
Gráfico 2	- Divisão do PIB por setores de Fortaleza em 2020.....	28
Gráfico 3	- Percentual das tipografias dos assentamentos precários encontrados em Fortaleza.....	50
Gráfico 4	- Os cinco estados com maiores números absolutos de roubos a estabelecimentos comerciais nos anos de 2019, 2020 e 2021.....	75
Gráfico 5	- Casos de CVLI e AAF em Fortaleza - CE nos anos de 2015 a 2022.....	87
Gráfico 6	- Número de ocorrências de CVLI por AIS e mortes no bairro Quintino Cunha entre os anos de 2015 a 2017.....	93
Gráfico 7	- Tipos de setores.....	117
Gráfico 8	- Tipo do estabelecimento.....	117
Gráfico 9	- Tempo de permanência no estabelecimento.....	118
Gráfico 10	- Sentimento de insegurança no bairro ou em outros lugares da cidade.....	119
Gráfico 11	- Sentimento de segurança no bairro.....	119
Gráfico 12	- Fatores que colaboram para o sentimento de insegurança.....	120
Gráfico 13	- O estabelecimento já foi vítima de violência?.....	121
Gráfico 14	- Mudança de hábitos.....	121
Gráfico 15	- Formas de proteção.....	122
Gráfico 16	- A sensação de segurança com o uso de itens de proteção.....	123

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	– PIB e PIB per capita das capitais brasileiras em 2020.....	27
Tabela 2	– População e densidade demográfica dos bairros de Fortaleza.....	35
Tabela 3	– Crimes Violentos Letais Intencionais (CVLI) no Brasil nos anos de 2020 e 2021.....	66
Tabela 4	– Casos absolutos e taxas dos estados com maiores números de CVLI no ano de 2022.....	67
Tabela 5	– Casos absolutos e Mortes Violentas Intencionais - (MVI) por região nos anos de 2020 e 2021.....	68
Tabela 6	– Casos absolutos e taxas de seis estados brasileiros com números de homicídios dolosos no ano de 2021.....	66
Tabela 7	– Casos absolutos das cinco capitais com maiores números de CVLI nos anos de 2020 e 2021.....	69
Tabela 8	– Os dez estados com maiores números absolutos de roubos e assaltos de veículos em 2021.....	71
Tabela 9	– Os dez estados com os maiores números absolutos de ocorrências de roubos e assaltos de aparelhos celulares e taxas.	72
Tabela 10	– Os cinco estados com os maiores números absolutos e taxas de roubos a estabelecimentos comerciais de 2020 e 2021.....	75

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Bairros de Fortaleza e suas Áreas Integradas de Segurança.....	80
Quadro 2 – Os tipos de ocorrências policiais e a quantidade referente aos anos de 2015 a 2017 no bairro Quintino Cunha.....	91
Quadro 3 – Seções e denominações das atividades comerciais.....	107

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AAF	Apreensão de Armas de Fogo
AE	Apreensão de Entorpecentes
AIS	Área Integrada de Segurança
BNB	Banco do Nordeste
CAGECE	Companhia de Água e Esgoto do Ceará
Ciops	Coordenadoria Integrada de Operações de Segurança
CNAE	Cadastro Nacional das Atividades Econômicas
CNPJ	Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica
CSV	Valores Separados por Vírgula (Character-Separated Values)
CVLI	Crimes Violentos Letais Intencionais
CVP	Crimes Violentos contra o Patrimônio
FBFF	Federação de Bairros e Favelas de Fortaleza
FBSP	Fórum Brasileiro de Segurança Pública
FSSF	Fundação do Serviço Social de Fortaleza
GIS	Sistema de Informação Geográfica (Geographic Information System)
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IPECE	Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará
IPLANFOR	Instituto de Planejamento de Fortaleza
IVS	Índice de Vulnerabilidade Social
KM	Quilômetro
KML	Keyhole Markup Language
MEI	Microempreendedor Individual
MVI	Mortes Violentas Intencionais
PDF	Portable Document Format
PIB	Produto Interno Bruto
PLANHAP	Plano Nacional de Habitação Popular
PLHIS	Plano Local de Habitação de Interesse Social
PROAFA	Programa de Assistência às Favelas da Região Metropolitana de Fortaleza
QGis	Quantum GIS

RA	Região Administrativa
RMF	Região Metropolitana de Fortaleza
RVC	Rede Viária Cearense
SDE	Secretaria Municipal do Desenvolvimento Econômico
SEFIN	Secretaria de Finanças de Fortaleza
SEGER	Secretaria Municipal de Gestão Regional
SEINF	Secretaria Municipal de Infraestrutura
SER	Secretaria Executiva Regional
SHP	Shapefile
SIM	Sistema de Informação sobre Mortalidade
SSPDS-CE	Secretaria de Segurança Pública e Desenvolvimento Social do Ceará
SUDENE	Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste
SUPESP	Superintendência de Pesquisa e Estratégia de Segurança Pública
UF	Unidade Federativa
UNODC	Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crimes
ZEIS	Zona Especial de Interesse Social

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	20
2 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO.....	24
2.1 Dados gerais e geográficos de Fortaleza.....	24
2.1.1 Localização, demografia e renda.....	24
2.1.2 Infraestrutura e vulnerabilidade socioespacial em Fortaleza.....	36
2.2 Dados gerais e geográficos do bairro Quintino Cunha.....	40
2.2.1 Localização, demografia e renda.....	40
2.2.2 Infraestrutura e vulnerabilidade socioespacial.....	43
2.2.2.1 Os assentamentos precários.....	47
2.2.2.1.1 Os mutirões.....	49
2.2.2.1.2 Os conjuntos Habitacionais.....	50
2.2.2.1.3 As favelas.....	51
2.2.2.2 As áreas de risco.....	53
3 VIOLÊNCIA URBANA.....	58
3.1 Definição.....	58
3.2 Dados sobre a violência no Brasil, Ceará e Fortaleza.....	65
3.3 Dados sobre a violência no bairro Quintino Cunha.....	76
3.3.1 O relatório de pesquisa de cartografia da criminalidade e da violência.....	77
3.3.2 Área Integrada de Segurança 6.....	79
3.3.3 Ocorrências policiais nos anos de 2015 a 2017.....	91
4 VIOLÊNCIA URBANA E O IMPACTO NO COMÉRCIO LOCAL.....	100
4.1 Definição de comércio local.....	100
4.2 Comércio em Fortaleza.....	103
4.3 Comércio local do bairro Quintino Cunha.....	105
4.4 Violência urbana e o impacto no comércio local no bairro Quintino Cunha.....	114
4.3.1 Cruzamento: Av. Mozart Pinheiro de Lucena e Rua D. Lúcia Pinheiro.....	114
4.3.2 Resultados e análise da entrevista.....	116

5 CONCLUSÃO.....	125
REFERÊNCIAS.....	127
APÊNDICE - QUESTIONÁRIO PARA PESQUISA DE CAMPO.....	139

1 INTRODUÇÃO

A violência urbana é um fenômeno que desde o século XX vem repercutindo de forma mais simbólica no cotidiano das cidades. Essa repercussão se deu pelo aumento dos crimes durante os anos, e difundidos principalmente pelos veículos de comunicação, cada vez mais presentes na sociedade. Lira (2017) afirma que o sistema da violência está interligado a fatores urbanos e socioeconômicos. Outros autores dizem que a violência provém de fatores multifatoriais, que advêm de fatores e conflitos sociais complexos e mais acentuados.

Alguns autores consideram que fatores como os baixos salários e a pobreza, a exclusão social, a marginalização da população, a omissão do Estado em prover serviços públicos, e os processos de urbanização, que gera enclaves de pobreza nas periferias das cidades, origina um espaço urbano segregado e fragmentado. Onde as pessoas mais carentes são criminalizadas. Criminalização essa que estigmatiza as populações de baixa renda, e as rotulam de agrupamentos criminosos, reafirmando a exclusão social a qual essa parte da sociedade está fadada.

A violência provoca diversos impactos na sociedade, seja diretamente, com casos de homicídios e roubos, seja indiretamente, com a presença do sentimento de insegurança. O crescimento dos crimes violentos pode estar relacionado com o crescimento demográfico das cidades, em que são reforçadas as condições desiguais de moradia, renda, trabalho e acesso a serviços públicos, que não engloba todas as camadas da sociedade. Os jovens são os mais impactados por esse tipo de violência, podendo ser a vítima ou o infrator, principalmente quando possuem contato com facções do tráfico presente nas periferias da cidade.

O sentimento de insegurança causa o medo de sair de casa, de ser roubado, dentro ou fora de casa, o medo de sair e não ter a certeza se vai voltar, ou se os seus familiares estarão seguros. No comércio, esse sentimento pode causar problemas nas vendas, nas entregas, no medo de assaltos, na busca de diversas formas de proteção, e nos enclausuramentos com grades e portões.

Após entender a relação que os diversos autores fazem entre os problemas socioespaciais das cidades brasileiras com o aumento da criminalidade e a violência urbana, uma dúvida permeou todo o trabalho: Como essa relação se contextualiza

no espaço no bairro Quintino Cunha e como esses impactos chegam nos diferentes indivíduos, como por exemplo, os comerciantes?

Dessa forma, esse trabalho tem o objetivo de entender o impacto da violência urbana no comércio local do bairro Quintino Cunha, e como objetivos específicos: 1. Contextualizar os processos urbanos nos meios sociais, espaciais e econômicos do bairro Quintino Cunha e da cidade de Fortaleza; 2. Analisar dados estatísticos e mapas com relação à violência nas escalas locais, regionais e nacional; e 3. Compreender as vivências e experiências dos comerciantes do bairro Quintino Cunha com a violência.

A área de estudo foi escolhida de forma mais afetiva, pois é onde o autor mora e trabalha, sendo também palco de diversas experiências que o autor possui com relação à violência. O bairro localiza-se na zona oeste e periférica de Fortaleza, é marcado pelos processos urbanos decorrentes das instalações fabris e da conseqüente chegada de imigrantes do interior do estado. Possui um comércio local variado, com lojas de artigos femininos, masculinos e unissex, mercadinhos e mercados de pequeno porte, lojas de variedades e farmácias que atendem às demandas dos moradores locais. A violência urbana impacta nos diferentes modos de vida dos moradores e frequentadores do bairro, como no consumo de bens e serviços provenientes dos poderes público e privado. Assim, entender como a violência urbana impacta no comércio local é importante para mensurar os danos sociais e econômicos causados.

Moreira (2021) afirma que não há um método específico que possa abranger as especificidades que cada área da ciência tem com relação à violência e a criminalidade, devido à sua complexidade. No entanto, para esse tipo de pesquisa, escolhas teórico-metodológicas são opções que se adaptam às necessidades e objetivos da pesquisa.

O trabalho abordou o caráter quantitativo e qualitativo de acordo com Cordeiro (2014), em que os dados devem dialogar entre si, quando as pesquisas procuram entender a criminalidade e seus processamentos sociais. Desta forma, foi feita uma pesquisa bibliográfica acerca da urbanização de Fortaleza, das vulnerabilidades (sociais, espaciais e econômicas), da violência urbana e sobre o comércio local; Dados secundários para a produção de mapas e tabelas, utilizando *softwares* como o QGis 3.28.9 e *Planilhas Google*, estatísticas com relação à violência nas escalas espaciais e temporais, e dados sobre as atividades

econômicas; e pesquisa de campo, utilizando questionários de forma presencial, com o uso da ferramenta *Formulários Google* que facilitou a análise e coleta das informações, de forma rápida e precisa (BONI e QUARESMA, 2005). As respostas dos comerciantes foram coletadas nos dias 27 e 30 de outubro. Foram coletadas 19 entrevistas, tendo como referência um universo de 314 estabelecimentos comerciais feito durante o mapeamento, com uma margem de erro de 18% para um nível de confiança de 90%.

A construção do trabalho se deu em três capítulos principais. No capítulo 2 - *Caracterização da área de estudo*, foram abordados dados com relação à renda, demografia, localização, infraestrutura e a vulnerabilidade socioespacial na cidade de Fortaleza e no bairro Quintino Cunha. Foram utilizados dados do IBGE e do IPECE (renda e demografia), e do IPLANFOR (localização). Alguns autores trataram da infraestrutura e vulnerabilidade socioespacial em Fortaleza, como Almeida e Carvalho (2010), Araújo (2015), Pequeno et al. (2021), Barros (2021), dentre outros.

O terceiro capítulo - *Violência urbana*, abordará sobre a violência urbana, com autores que conceituam e a definem, como Batella e Diniz (2012), Magrini (2014), Adorno (2002) e Santos (2009) que também discutem possíveis causas e etc. Além disso, foram utilizados dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2021 e 2022), e da SSPDS-CE, sobre as Áreas Integradas de Segurança e ocorrências policiais, dos indicadores criminais e registros dos anos de 2015 a 2017 com o objetivo de entender mais sobre a criminalidade no bairro Quintino Cunha, disponibilizados pela SSPDS-CE.

O quarto capítulo - *Violência urbana e o impacto no comércio local*, analisa a relação entre a violência e o comércio local. Define o comércio local e sua formação (Ferreira e Barbosa, 2005); a classificação das atividades econômicas que ocorrem no bairro, utilizando dados do Google My Maps e Google Maps como ferramentas de espacialização, e as classificações do CNAE sobre as atividades econômicas e comerciais, espacializadas utilizando o *software* QGis 3.28.9.

O processamento dos dados para a produção dos mapas das atividades econômicas e comerciais foi feito a partir da ferramenta de Densidade de Kernel. De acordo com Bergamaschi (2010), a estimativa de kernel é um método simples de representação e análise do comportamento de padrões de pontos onde estima-se a densidade pontual do processo da área de estudo. As configurações utilizadas

foram os padrões já definidas pelo programa, e feito apenas a delimitação do processamento de acordo com os limites do bairro.

É importante mencionar que alguns problemas foram encontrados durante a aplicação do formulário:

- As pessoas não se sentiam seguras para repassar informações sobre o tipo de comércio e perguntas relacionadas;
- As pessoas não se sentiam seguras em responder perguntas com relação aos tipos de proteção utilizadas no estabelecimento;
- As pessoas não se sentiam seguras em participar da pesquisa, segundo algumas delas, o pessoal “envolvido”, que pode ter conexões com o tráfico de drogas, poderia saber e retalhar o comércio ou os funcionários;
- Depois da metade das questões respondidas, as pessoas pediam para parar e não fazer mais perguntas, além de não deixarem fazer o uso das respostas;
- Muitos dos comércios tinham clientes, então sempre quando se tentava contato, pediam para ir depois, ia e pedia novamente para voltar depois;
- Algumas pessoas ficaram muito desconfiadas, sempre questionando sobre o porquê das questões levantadas, cancelavam a entrevista ou ficavam indagando sobre os objetivos.

A temática sobre violência urbana ainda é de importante relevância no contexto socioespacial, sendo analisada pelas diferentes ciências, por causa do seu caráter urgente de resolução, já que impacta diferentemente em cada indivíduo, grupo social e área da cidade.

2 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

Desde os primórdios o ser humano se desloca sobre a superfície terrestre à procura de um lugar que possa garantir sua sobrevivência. As relações históricas e afetivas permeiam por todos esses lugares. Conhecer o meio e o lugar significa compreender as relações que ali acontecem, que são produtos da sociedade que produz suas relações sociais e de trabalho.

Desta forma, este primeiro capítulo tem o intuito de entender as características geográficas (sociais, econômicas e espaciais) do bairro Quintino Cunha, e conseqüentemente, da cidade de Fortaleza, estabelecendo comparativos na escala local, regional e nacional.

2.1 Dados gerais e geográficos de Fortaleza

Fortaleza é uma das maiores cidades do Brasil, tanto em termos populacionais como em econômicos, sendo uma das capitais mais importantes do país. No entanto, como todas as outras capitais, a presença das desigualdades sociais, econômicas e espaciais são nítidas, resultado de um processo de urbanização rápido e desregulado, que segregou e ainda segrega as camadas da sociedade, excluindo os mais desfavorecidos, excluídos do acesso à infraestrutura e serviços públicos de qualidade.

Este tópico apresentará dados de demografia, renda e sua localização, além de mostrar informações relacionadas à infraestrutura e à vulnerabilidade socioespacial na cidade.

2.1.1 Localização, demografia e renda

A cidade de Fortaleza, capital do estado do Ceará, é a maior cidade em termos populacionais do estado, com uma população de 2.428.678 de pessoas, supera a capital da Bahia, Salvador com 2.418.005 pessoas e se tornando a quarta capital mais populosa do país segundo o censo demográfico de 2022 (IBGE, 2023).

Como dito anteriormente, Fortaleza é o município mais populoso do estado, apresentava uma população de 2.141.402 pessoas em 2000, 2.447.409 em 2010, e 2.428.678. Seguido de Caucaia, com 250.470 pessoas em 2000, 324.738 pessoas

em 2010 e apresentando um crescimento de 9,5% em 2022, com 355.679 pessoas. Após Caucaia, aparece Juazeiro do Norte, com 212.133 pessoas em 2000, 249.936 pessoas em 2010 e 286.120 pessoas em 2022. Seguem também no ranking Maracanaú (234.392), em quarto lugar, Sobral (203.023) e Itapipoca (131.123), em quinto e sexto, respectivamente (IBGE, 2022).

Gráfico 1 - Crescimento populacional das maiores cidades do nordeste nos anos de 2000, 2010 e 2022*.



Fonte: Censos do IBGE de 2000, 2010 e 2022. Elaboração: Autoral, 2023.

*O censo de 2020 não pôde ser realizado, por causa da pandemia da Covid-19, sendo realizado apenas em 2022.

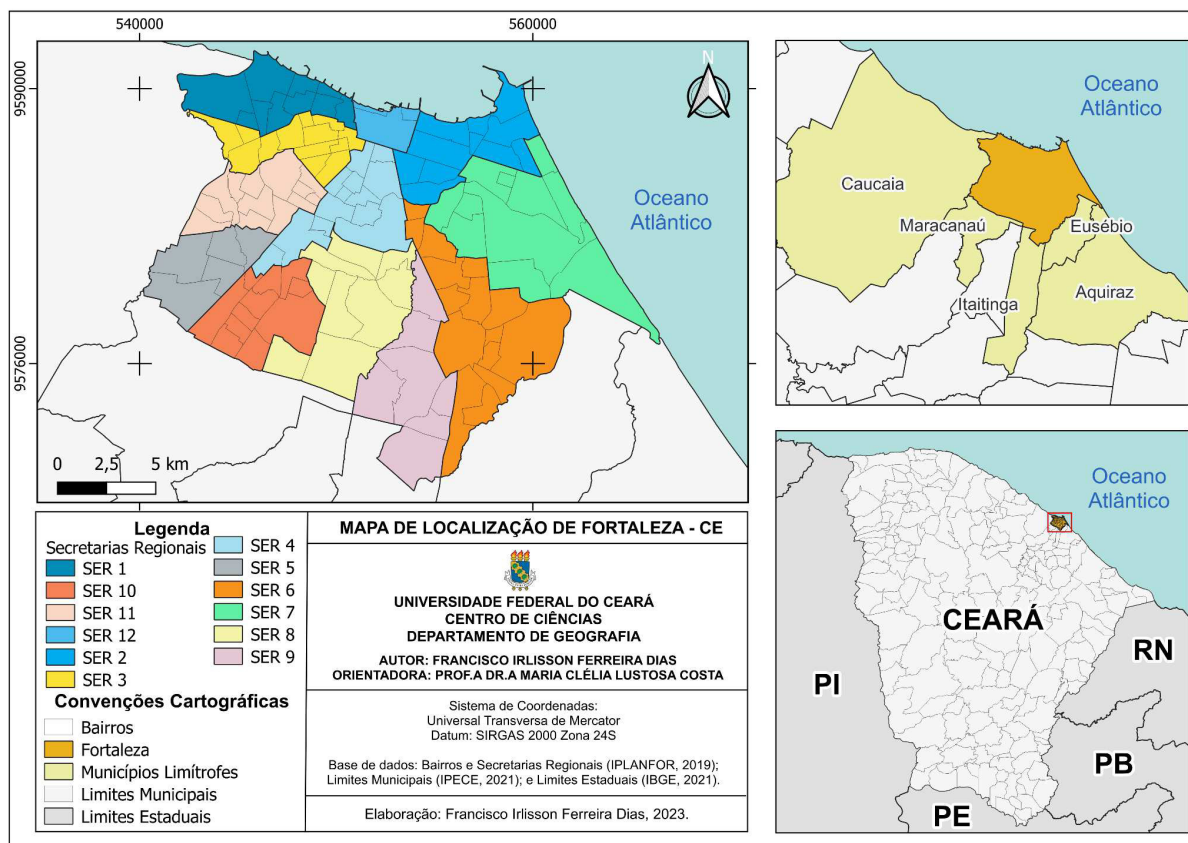
Fortaleza localiza-se a 3°43'6" ao Sul da linha do Equador e 38°32'36" a Oeste do meridiano de Greenwich. Limita-se pelos municípios de Caucaia, a oeste, Maracanaú e Itaitinga, ao sul, Eusébio e Aquiraz, a leste e Oceano Atlântico, ao norte.

Está dividida em 12 Secretarias Executivas Regionais, que vão de 1 a 12, e que compõem a Secretaria Municipal da Gestão Regional. Elas abrigam 121 bairros, que outrora eram vilas isoladas ou mesmo municípios que foram incorporados à cidade devido à rápida expansão dos seus limites, como é o caso dos municípios de Messejana e Parangaba, que agora são bairros de Fortaleza. No mapa 1, é possível observar as regionais municipais, os limites entre os bairros e os limites municipais do estado.

Revisto em 2016, a divisão municipal tem por objetivo diminuir as diferenças entre as regiões de Fortaleza, o que segundo a mudança, garante uma maior

autonomia administrativa às secretarias regionais. A reestruturação seguiu critérios, como a quantidade de habitantes, a área de cada bairro, a aproximação cultural e a utilização de equipamentos públicos pelos habitantes. Fortaleza conta com 121 bairros em 39 territórios, e que passaram de sete Secretarias Municipais de Gestão Regional (SEGER) para 12 Secretarias Executivas Regionais (FORTALEZA, 2021).

Mapa 1 - Localização de Fortaleza.



Fonte: Fortaleza em Mapas, 2023. Elaboração: Autoral, 2023.

Fortaleza possui o 8º maior PIB das capitais brasileiras, cerca de R\$ 65.160.893,00, atrás de Porto Alegre - RS (Portal G1, 2022), segundo dados do IBGE e do IPECE, aparecendo como a 11º maior entre os municípios do país, considerando todos os analisados.

Entre as capitais nordestinas, Fortaleza aparece em primeiro lugar e é a única capital nordestina que aparece entre o ranking das 10 cidades com maior PIB, seguida de Salvador (BA), com R\$ 58.938.115,00 (IPECE, 2021).

Tabela 1 - PIB e PIB per capita das capitais brasileiras em 2020.

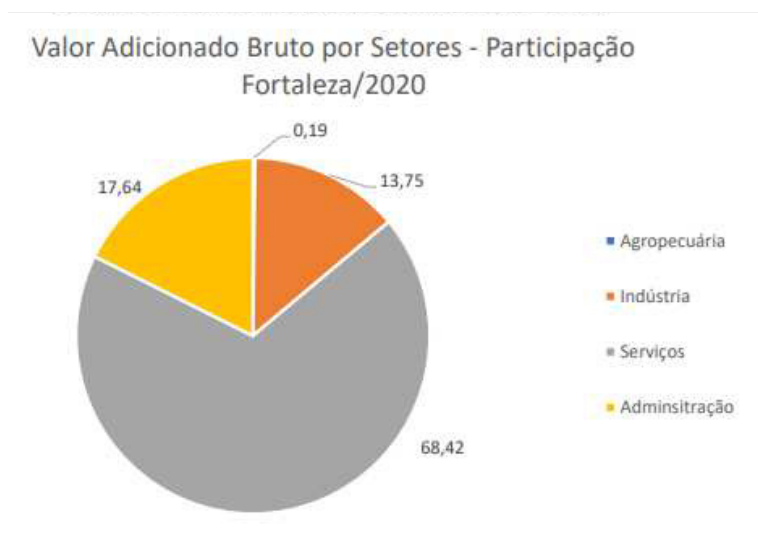
Capitais	PIB em 2020 (R\$ 1.000.000)	PIB per capita em 2020 (R\$ 1.000.000)	Capitais	PIB em 2020 (R\$ 1.000.000)	PIB per capita em 2020 (R\$ 1.000.000)
São Paulo – SP	748.759.006,97	60.750,09	Cuiabá - MT	26.528.838,59	42.918,31
Rio de janeiro - RJ	331.279.902,03	49.094,40	Vitória - ES	25.473.898,31	69.628,40
Brasília - DF	265.847.334,00	87.016,16	Maceió - AL	22.872.755,76	22.307,05
Belo Horizonte - MG	97.509.893,34	38.670,40	Natal - RN	22.729.772,83	25.525,30
Manaus - AM	91.768.773,49	41.345,11	Teresina - PI	21.578.875,01	24.858,31
Curitiba - PR	88.308.728,40	45.318,46	Florianópolis - SC	21.312.446,73	41.885,53
Porto Alegre - RS	76.074.563,08	51.116,72	João Pessoa - PB	20.766.550,52	25.402,17
Fortaleza - CE	65.160.893,26	24.253,93	Porto Velho - RO	19.448.762,11	36.059,36
Salvador - BA	58.938.115,10	20.417,14	Aracaju - SE	16.447.105,18	24.735,91
Goiânia - GO	51.961.311,27	33.826,84	Boa Vista - RR	11.826.207,40	28.180,99
Recife - PE	50.311.001,54	30.427,69	Macapá - AP	11.735.557,33	22.880,70
São Luís - MA	33.074.009,80	29.823,95	Palmas - TO	9.940.090,55	32.452,56
Belém - PA	30.835.763,45	20.562,10	Rio Branco - AC	9.579.592,27	23.171,69
Campo Grande - MS	30.121.789,02	33.243,63			

Fonte: IBGE, 2020. Elaboração: Autoral, 2023.

No entanto, com relação ao PIB per capita, Fortaleza aparece em 22º lugar no ranking das capitais brasileiras, depois de Teresina e Aracaju, e seguida de Rio Branco e Macapá. Observando também o ranking das capitais nordestinas, Fortaleza encontra-se em 7º lugar, enquanto Recife, São Luís e Natal, estão no primeiro, segundo e terceiro lugar, respectivamente.

Segundo a análise do PIB de 2022 realizada pela prefeitura, Fortaleza apresenta uma economia baseada na prestação de serviços (inclui o comércio), além da indústria e da administração pública, segundo o gráfico 2.

Gráfico 2 - Divisão do PIB por setores de Fortaleza em 2020.



Fonte: IBGE, 2020. Elaboração: Fortaleza, 2022.

É necessário fazer a distinção dos setores primário, secundário e terciário. No qual o setor primário:

“[...] abrange a agricultura em sentido restrito (isto é, a lavoura), a pecuária, a caça, a pesca, bem como a extração de minerais e de madeira, ou seja, todas as atividades de extração direta dos recursos naturais de origem vegetal, animal e mineral, não implicando em uma agregação de valor via industrialização” (ALMEIDA, SILVA e ANGELO, 2013, p.140).

Segundo Almeida, Silva e Angelo (2013, p.149), o setor secundário compreende a indústria, ou seja, todas as atividades de transformação de bens, dividindo-se em três subsetores: a indústria da construção civil, a indústria de serviços públicos e a indústria manufatureira. Já o setor terciário, compreende o setor dos serviços em geral, caracterizando-se por todas as demais atividades econômicas que não produzem bens materiais e sim prestam serviços.

O setor terciário de Fortaleza é destaque no quesito da prestação de serviços, principalmente no ramo das atividades turísticas e demais atividades

interligadas, representa cerca de 68% do PIB da cidade, segundo o IBGE (2020). De acordo com Souza (2009):

O crescimento de Fortaleza está diretamente relacionado ao desenvolvimento da função comercial que tem primazia sobre as demais. Concentrando o excedente do setor primário, a cidade se constitui em centro de coleta da produção agrícola e distribuidor de bens e serviços a uma vasta área, que extravasa os limites do Estado (SOUZA, 2009, p.28).

Martins (2023) afirma que o comércio varejista cearense é importante sinalizador da atividade comercial da atividade econômica do estado. No primeiro semestre de 2023, o comércio apresentou um crescimento de 4,5% superior ao registrado no Brasil, que foi de 4%. As principais atividades econômicas do comércio que apresentaram crescimento foram: atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo; hipermercados e supermercados; eletrodomésticos; combustíveis e lubrificantes; e artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos (MARTINS, 2023).

Já sua Região Metropolitana, que inclui cidades como Maracanaú, Caucaia, Aquiraz e Eusébio, concentra os principais polos industriais do estado, como as fábricas têxteis, alimentícias e de bebidas, junto com o setor da administração, que representam um pouco mais de 30%.

Os incentivos fiscais e financeiros feitos pela SUDENE e BNB, foram de grande significância para a economia urbana da cidade, permitindo a implantação de novas indústrias (SOUZA, 2009).

Muniz, Silva e Costa (2011), afirmam que o resultado da política de incentivos fiscais e financeiros feito pela SUDENE, favoreceram a construção civil:

[...] Foi a concentração de indústrias da RMF no Distrito Industrial de Maracanaú, instalado nos anos 1980, concorrendo para atração de trabalhadores na busca de inserção no mercado de trabalho. Paralelo a esta, outra política voltada para habitação popular, favorece a construção, no seu território, de conjuntos habitacionais construídos através do Sistema Financeiro da Habitação (MUNIZ, SILVA e COSTA, 2011, p.20).

Na questão da produção agrícola, em termos nominais o Ceará cresceu 8,3%, entre os anos de 2018 e 2019 (IPECE, 2020). A produção de frutas, como a

manga e a banana, e da castanha, contribui para o mercado interno na Agricultura, representando aproximadamente 0,20% do Produto Interno Bruto, posicionando Fortaleza como o segundo menor no setor agropecuário do Estado, favorecido principalmente pelas exportações (MUNIZ, SILVA e COSTA, 2011, p.20).

Com relação ao PIB entre os municípios da RMF (Fortaleza, Caucaia, Maracanaú, Maranguape, Pacatuba, Aquiraz, Pacajus, Cascavel, Horizonte, Eusébio, São Gonçalo do Amarante, Itaitinga, Guaiúba, Pindoretama e Chorozinho), Fortaleza encontra-se em primeiro lugar, seguido de Maracanaú (R\$ 9.893.417,54), Caucaia (R\$ 7.257.970,71), São Gonçalo do Amarante (3.759.945,80), Aquiraz (3.411.179,42) e Eusébio (3.184.375,16), respectivamente (IPECE, 2022).

O município de Fortaleza foi responsável por quase 40% do PIB anual do Estado em 2020, enquanto Maracanaú e Caucaia juntos somaram pouco mais de 10%.

De acordo com dados do censo do IBGE de 2010, disponíveis no Perfil Municipal de Fortaleza, os bairros com maiores renda média pessoal de Fortaleza são: Meireles (R\$ 3.659,54), Guararapes (R\$ 3.488,25), Cocó (R\$ 3.295,32), Bairro de Lourdes (R\$ 3.211,09), Aldeota (R\$ 2.901,57), Mucuripe (R\$ 2.742,25), Dionísio Torres (R\$ 2.707,35), Varjota (R\$ 2.153,8), Praia de Iracema (R\$ 1.903,17) e Bairro de Fátima (R\$ 1.756,11) (IPECE, 2012).

Segundo o mesmo relatório, os 10 bairros mais pobres com as menores renda média são: Conjunto Palmeiras (R\$ 239,25), Parque Presidente Vargas (R\$ 287,92), Canindezinho (R\$ 325,47), Siqueira (R\$ 326,8), Genibaú (R\$ 329,98), Granja Portugal (R\$ 334,83), Pirambu (R\$ 340,36), Granja Lisboa (R\$ 341,35), Autran Nunes (R\$ 349, 74) e Bom Jardim (R\$ 349,75).

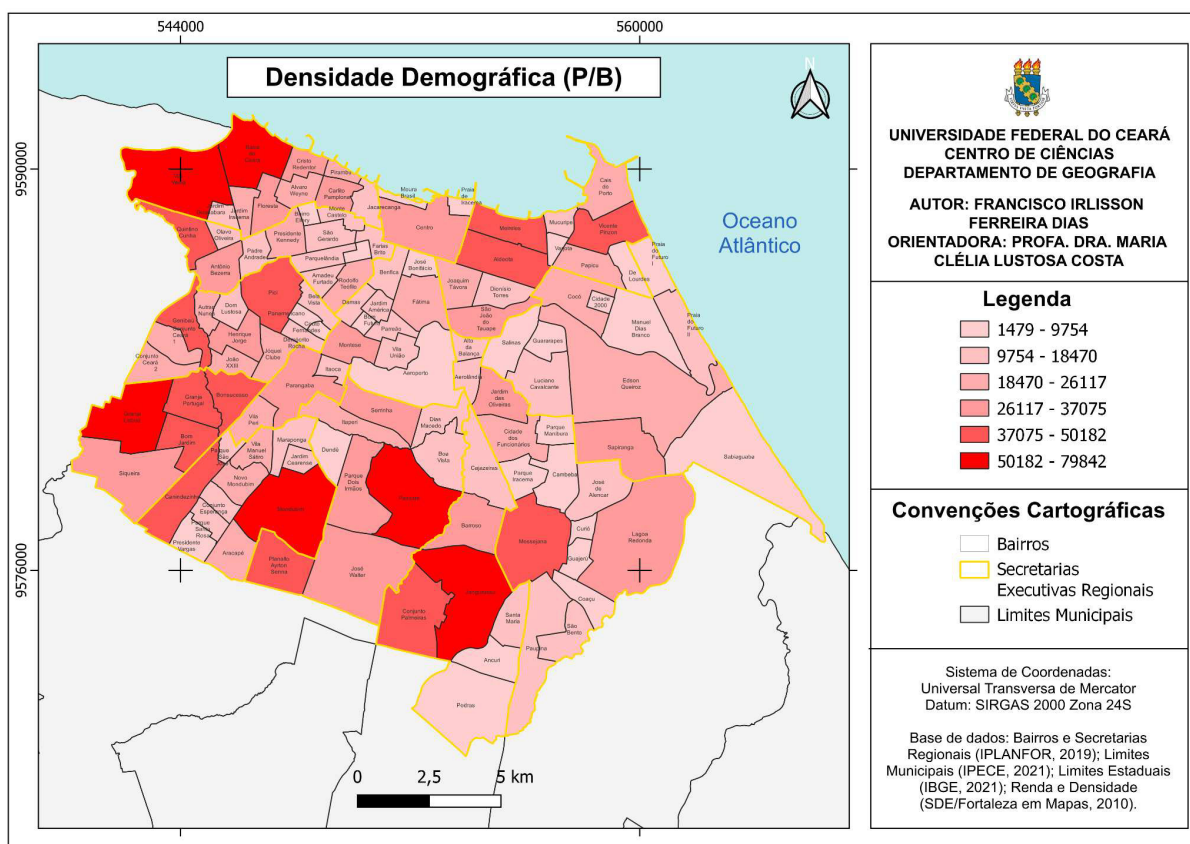
Resumindo a distribuição espacial da renda média pessoal, pode-se dizer que a secretaria regional (SER) administrativa com maior renda média é a SER II, possuindo 9 bairros em sua delimitação. Já a SER V, é a regional administrativa com menor renda média pessoal. Segundo o ranking, a segunda maior renda média pessoal está com a SER IV, seguida da SER VI, SER III e SER I. Vale ressaltar que essa categorização das regionais é anterior à categorização de 2016.

O mapa 2 utilizou dados disponíveis no Fortaleza em Mapas, com informações do censo do IBGE de 2010 e organizadas pela SDE.

A plataforma foi desenvolvida pelo IPLANFOR, criada com o intuito de disponibilizar dados georreferenciados produzidos pelo poder público,

proporcionando o acesso a qualquer cidadão, sobre a cidade e o perfil de seu bairro. “Os mapas reúnem assuntos urbanísticos organizados em categorias (...)”, são disponibilizados em diferentes formatos como SHP (shapefile), KML (Keyhole Markup Language), CSV (Character-Separated Values - Valores Separados por Vírgula) e PDF (Portable Document Format). É possível obter informações de infraestrutura e equipamentos urbanísticos, territoriais, projetos da prefeitura, dados socioeconômicos, do plano Fortaleza 2040, da legislação e boletins epidemiológicos.

Mapa 2 - Densidade demográfica dos bairros de Fortaleza.



Fonte: Fortaleza em Mapas, 2023. Elaboração: Autoral, 2023.

O mapa 2, de densidade demográfica, foi construído utilizando informações do número de pessoas por cada bairro (P/B), vê-se que os bairros com maior população são principalmente os periféricos como Vila Velha, Barra do Ceará, Granja Lisboa, Mondubim, Passaré e Jangurusu, inseridos na classe de 50.185 a 79.842 pessoas, com a presença de grandes conjuntos habitacionais, favelas, formadas principalmente pela vinda de migrantes do interior do estado ainda no

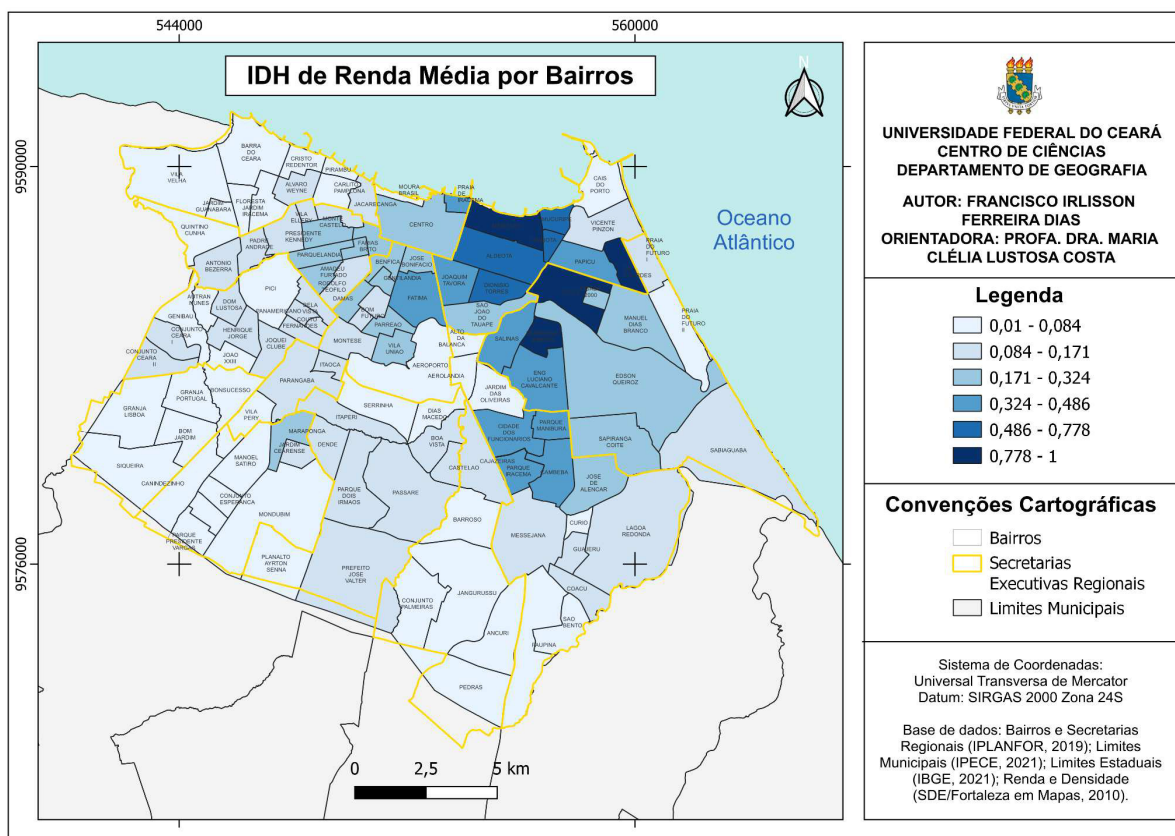
século XX, facilitadas pela comunicação entre as regiões com a criação da ferrovia e posterior, as rodovias, como explica Souza (2009).

O crescimento de Fortaleza se verifica, portanto, às expensas de uma alta participação de migrantes procedentes, na sua grande maioria, do interior do Estado. Constitui-se, principalmente, de uma população de baixa renda, que chegando à cidade, contribui para a expansão das aglomerações faveladas que apresentam amplo crescimento na capital, nos últimos anos (SOUZA, 2009, p.15).

O crescimento urbano de Fortaleza teve grande participação do esquema viário, tanto das duas linhas férreas quanto das vias de penetração ou vias principais, Carvalho (1974, apud SOUZA, 2009) fala como se deu o crescimento populacional e como foi o processo de ocupação do solo:

[...] Com o crescimento da população, o solo urbano foi sendo ocupado de duas maneiras, em etapas sucessivas, uma conforme os eixos de ligação para o interior entre as linhas férreas que partem do centro da cidade e outra na zona periférica e áreas existentes entre esses eixos e as referidas linhas (CARVALHO, 1974, apud SOUZA, 2009, p.38).

Mapa 3 - IDH de renda média dos bairros de Fortaleza.



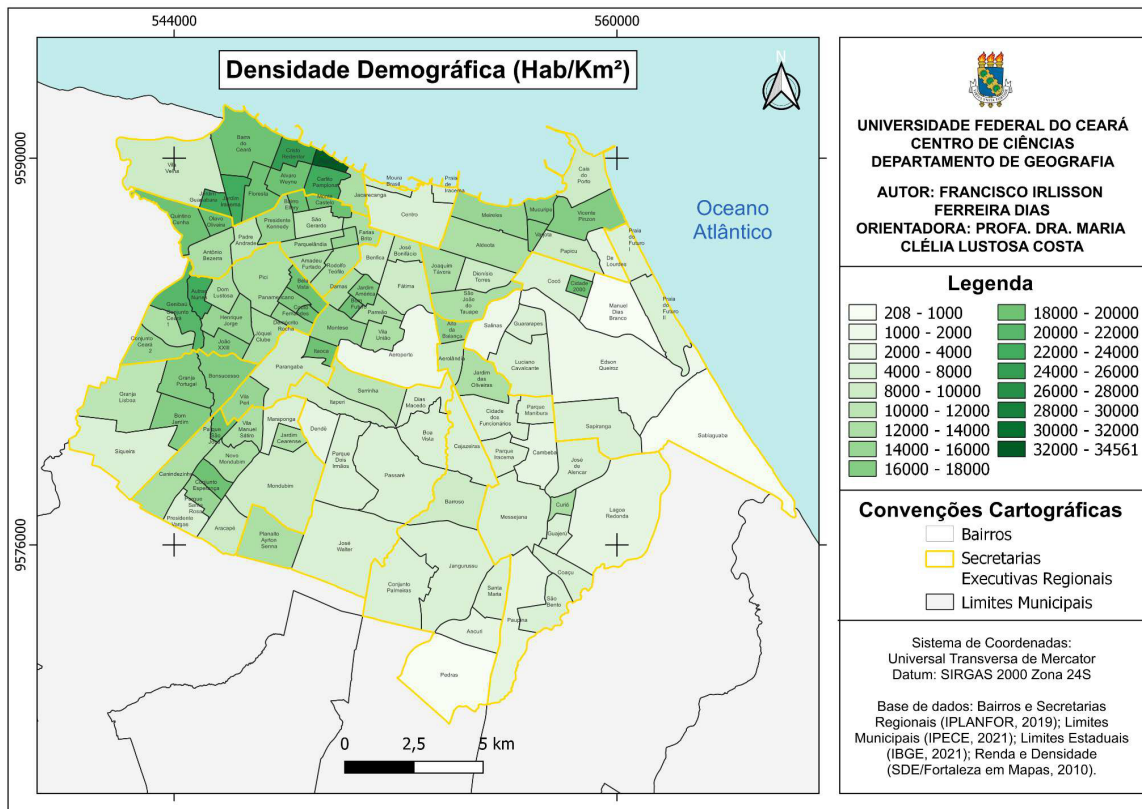
Fonte: Fortaleza em Mapas, 2023. Elaboração: Autoral, 2023.

Destacam-se ainda bairros da zona leste, dois com as maiores rendas médias de Fortaleza na SER X, verticalizados e com elevado preço da terra, Aldeota e Meireles. Outro bairro também na zona leste, o Vicente Pinzon, apresenta grandes contradições socioeconômicas, com condomínios justapostos a favelas e aglomerados subnormais, considerado um celeiro de mão de obra para a vizinhança. Os três bairros estão inseridos na classe de 37.075 a 50.182 pessoas,

No mapa 3, nos dados de renda média, utilizou-se de informações sobre o IDH de renda por cada bairro da cidade (IDH-RENDAB), ele, diferentemente das informações correspondentes aos números de população, concentra seus dados mais altos na área central de Fortaleza, ou seja, podemos dizer que os bairro mais centrais ou mais próximos do centro, alguns já citados aqui, são os mais ricos e os que mais concentram essas riquezas, como o Meireles, o Cocó, Bairro de Lourdes e Patriolino Ribeiro, dentre outros, inseridos nas classes de 0,768 a 1, 0,486 a 0,778 e 0,324 a 0,486. Enquanto os bairros com menor índice encontram-se na periferia da cidade, inseridos nas classes de 0,01 a 0,084, 0,084 a 0,171 e 0,171 a 0,324,

deixando mais evidente a centralização da renda municipal e as desigualdades econômicas entre os bairros.

Mapa 4 - Densidade demográfica por km².



Fonte: Fortaleza em Mapas, 2023. Elaboração: Autoral, 2023.

Souza (2009) explica que essa concentração de renda se deu principalmente pelo impacto da estruturação viária no espaço urbano de Fortaleza, de forma que na zona oeste localizaram-se as indústrias e os bairros mais modestos, além dos eixos de circulação rodoviária. As atividades comerciais foram concentradas no centro, de onde partem as ferrovias e as rodovias, enquanto a zona leste foi ocupada por uma população de nível de renda mais elevado.

No mapa 4, utilizou-se de informações de informações de número habitantes por quilômetro quadrado em cada bairro (hab/Km²). Nota-se uma concentração maior na zona oeste da cidade, com um bairro apresentando valores entre 32.000 a 34.561 hab/km², o Pirambu. Embora com valores menores, outros bairros também possuem valores demográficos bem altos, como é o caso do Cristo Redentor (24.772 hab/km²), Carlito Pamplona (23.691 hab/km²), Jardim Iracema (23.172 hab/km²), Jardim Guanabara (22.407 hab/km²) e Autran Nunes (23.979 hab/km²),

situados a oeste e a noroeste da cidade. Na tabela abaixo, pode-se ver a quantidade de habitantes em cada bairro e a densidade demográfica.

Tabela 2 - População e densidade demográfica dos bairros de Fortaleza.

Bairros	População	Densidade (hab/km ²)	Bairros	População	Densidade (hab/km ²)
Aerolândia	12523	11333,03	Jardim Iracema	25559	23172,26
Aeroporto	9501	1524,31	João XXIII	20283	17232,8
Aldeota	46701	12042,55	Joaquim Távora	25854	13157,25
Alto da Balança	14127	15627,21	Jóquei Clube	21310	12527,92
Álvaro Weyne	26117	18366,39	José Bonifácio	9754	10971,88
Amadeu Furtado	12901	13797,86	José de Alencar	17643	5665,7
Ancuri	7418	3401,19	José Walter	36853	4363,88
Antônio Bezerra	28493	12969,05	Lagoa Redonda	30811	2677,35
Aracapé	21179	9719,6	Luciano Cavalcante	17134	4427,39
Autran Nunes	23380	23979,49	Manuel Dias Branco	1593	357,58
Bairro Ellery	8668	18721,38	Maraponga	11197	6590,35
Barra do Ceará	79842	18645,96	Meireles	40770	15373,3
Barroso	32905	9559,85	Messejana	45960	7591,67
Bela Vista	18470	18808,55	Mondubim	62653	8787,24
Benfica	14282	9788,9	Monte Castelo	14569	18726,22
Boa Vista	13502	4564,57	Montese	28630	14973,85
Bom Futuro	7060	18385,42	Moura Brasil	4150	9787,74
Bom Jardim	41626	17045,86	Mucuripe	15155	17399,54
Bonsucesso	45418	17930,52	Novo Mondubim	22524	12834,19
Cais do Porto	24674	9024,87	Olavo Oliveira	13403	18824,44
Cajazeiras	15961	4679,27	Padre Andrade	14263	11284,02
Cambéba	8405	3069,76	Panamericano	9719	17606,88
Canindezinho	45422	12229,94	Papicu	20254	9621,85
Carlito Pamplona	32055	23691,8	Parangaba	34118	8430,44
Centro	31463	6430,21	Parque Araxá	7403	15519,92
Cidade 2000	9120	18313,25	Parque Dois Irmãos	30025	6856,59
Cidade dos Funcionários	20127	7216,57	Parque Iracema	9271	5912,63
Coaçu	7924	4628,5	Parque Manibura	8300	6540,58
Cocó	22590	6901,92	Parque Santa Rosa	14101	14072,85
Conjunto Ceará 1	21190	13268,63	Parque São José	11561	19397,65
Conjunto Ceará 2	26099	14300,82	Parquelândia	15913	12864,19
Conjunto Esperança	18085	18491,82	Parreão	12207	12002,95
Conjunto Palmeiras	40347	7341,16	Passaré	56158	7816,01
Couto Fernandes	5799	18065,42	Paupina	16166	2985,96
Cristo Redentor	29454	24772,08	Pedras	1479	207,52
Curió	8419	13072,98	Pici	46846	12525,67
Damas	11817	13173,91	Pirambu	19596	34560,85
De Lourdes	3716	2720,35	Plan. Ayrton Senna	43488	12847,27
Demócrito Rocha	11817	14697,76	Praia de Iracema	3452	6464,42
Dendê	6215	3156,42	Praia do Futuro I	7310	4218,12
Dias Macedo	13353	7705,14	Praia do Futuro II	13182	4163,61

Dionísio Torres	17235	9997,1	Presidente Kennedy	25360	14778,55
Dom Lustosa	14495	12099,33	Presidente Vargas	7192	4655,02
Edson Queiroz	24485	1768,13	Quintino Cunha	38717	18134,43
Farias Brito	12063	12957,04	Rodolfo Teófilo	21071	12365,61
Fátima	25697	8975,55	Sabiaguaba	2334	230,81
Floresta	31855	18574,34	Salinas	4737	1860,57
Genibaú	44466	20605,19	Santa Maria	14709	7466,5
Granja Lisboa	57373	11016,32	São Bento	13189	6014,14
Granja Portugal	43714	17319,33	São Gerardo	15990	10833,33
Guajerú	7350	6843,58	S. João do Tauape	30426	12204,57
Guararapes	5805	4255,87	Sapiranga	35452	7429,17
Henrique Jorge	29761	15293,42	Serrinha	31715	10750,85
Itaoca	13754	18561,4	Siqueira	37075	5832,15
Itaperi	24874	9758,34	Varjota	9284	17451,13
Jacarecanga	15658	12397,47	Vicente Pinzon	50182	16012,13
Jangurussu	55652	6946,95	Vila Manuel Sátiro	19317	13489,53
Jardim América	13520	17512,95	Vila Peri	22760	15285,43
Jardim Cearense	11138	12966,24	Vila União	16953	12109,29
Jardim das Oliveiras	32599	13645,46	Vila Velha	67930	9502,03
Jardim Guanabara	16447	22407,36			

Fonte: Fortaleza, 2022. Elaboração: Autoral, 2023.

Os bairros da zona leste da cidade são os que possuem as menores densidades populacionais por quilômetro quadrado, inseridos nas classes de 208 a 1000 hab/km² (Manuel Dias Branco e Sabiaguaba), 1000 a 2000 hab/km² (Edson Queiroz e Salinas), 2000 a 4000 hab/km² (De Lourdes, Cambeba, Lagoa Redonda e Paupina) e de 4000 a 8000 (Cocó, Praia do Futuro I e II, Guararapes, Luciano Cavalcante, Messejana, Sapiranga e etc).

2.1.2 Infraestrutura e vulnerabilidade socioespacial em Fortaleza

A partir da década de 1930, Fortaleza possui elevadas taxas de crescimento demográfico, no entanto, a cidade não estava preparada para uma expansão tão rápida e conseqüentemente, desordenada. Assim, serviços e infraestrutura não foram ampliados proporcional ao crescimento da capital, que enfrentava carência de calçamento, esgoto, energia, água encanada e etc., pois não eram acessíveis a todos (SILVA, 2009, p.93).

Como resultado, surgem aglomerados urbanos subnormais, precários e periféricos, que já se caracterizavam como favelas, se proliferaram devido ao fluxo migratório interior-capital. As pessoas vinham em busca de melhores condições de vida, atraídas pelo trabalho nas indústrias, e se alojavam próximo às fábricas na

parte oeste da cidade. Posteriormente com a instalação do Distrito Industrial de Maracanaú, na década de 1960, sua consolidação depois dos anos 1970 e 1980 com melhoria no sistema de abastecimento de água e energia elétrica, e outras infraestruturas e serviços e a construção de conjuntos habitacionais, a força de trabalho foi direcionada para outros municípios da RMF, como Maracanaú.

Silva (2009, p.112) afirma que os bairros que são mais equipados no quesito de infraestrutura, são os bairros da zona leste, enquanto os bairros da zona oeste são um contraste, onde estão concentrados a massa trabalhadora. Além disso, ele posiciona os bairros da zona leste no local de foco do poder público para os investimentos no turismo. É o lado da cidade mais conhecido, pela veiculação dos meios de comunicação, propagandas e campanhas promocionais voltadas ao turismo e ao mercado imobiliário.

Atualmente, os incentivos e investimentos na infraestrutura da cidade são voltados para o turismo de “sol e mar”, que tem importante papel dentre as atividades econômicas, geradoras de emprego e renda. E o motivo se deve ao fato de:

A capital cearense e os municípios do litoral reúnem condições naturais favoráveis para o incremento dessa atividade, por seu clima ameno o ano todo e por sua localização estratégica, que possibilita situar o estado nas rotas turísticas internacionais (PAIVA e DIÓGENES, 2022, p.167).

Desde o fim da década de 1980, o governo estadual considera o turismo como uma atividade econômica propulsora do desenvolvimento da região, tendo visibilidade na elaboração das políticas de desenvolvimento. Foram construídas grandes obras, como hotéis e condomínios verticais, recuperação do patrimônio histórico e turístico, principalmente da orla, como é o caso do Aterro da Praia de Iracema, que recebe turistas de outros estados e países. No entanto, com a implantação desse tipo de política, o investimento no turismo trouxe e provoca diversos conflitos socioespaciais, principalmente com comunidades pesqueiras (PAIVA e DIÓGENES, 2022).

Todas essas dinâmicas provocam mudanças relevantes no espaço litorâneo, alterando as pré-existências do lugar. Observam-se, em geral, núcleos voltados inteiramente para o turismo, com empreendimentos de vulto que não se utilizam apenas do espaço natural ou construído, mas passam a recriá-lo, gerando formas distintas de tecido urbano (PAIVA e DIÓGENES, 2022, p.172).

Assim, outras diversas obras de requalificação da infraestrutura urbana foram feitas, buscando modernizar a rede e os fluxos de transportes, como aeroportos, terminais rodoviários, estradas e rodovias, transportes marítimos, e também com a ampliação das redes de comunicações, como é o caso dos cabos submarinos que interligam Europa e Fortaleza. (PAIVA, 2011, apud PAIVA e DIÓGENES, 2022, p. 174).

Como Souza (2009, p.60) afirma: “Fortaleza não conta com suficientes áreas livres de uso público. As praças são escassas, salvo raras exceções, não estão arborizadas, sendo comum serem ocupadas por edificações”. No entanto, atualmente vê-se a tentativa da prefeitura em ampliar e proteger as áreas verdes, transformando espaços públicos em pequenos parques urbanos. De acordo com a PMF, “A iniciativa proporcionará a expansão das áreas naturais, a criação de novos espaços e o estímulo à consciência ambiental” (FORTALEZA, 2020). Um exemplo desse fato é a requalificação do Parque Linear Rachel de Queiroz em 2022, oferecendo diversas atividades de lazer para a população local e de outros bairros.

Desta forma, apesar da cidade já contar com diretrizes urbanas bem definidas, constantes dos vários planos elaborados, continuava a crescer de forma desordenada. Este fato é acentuado pelo aumento da população da capital a partir de 1940, através do contínuo processo de migração do interior do Estado. Surgem nesta época a multiplicação dos aglomerados de favelas e de crescimento desordenado na periferia, contribuindo para a dispersão da população. As datas de instalação das favelas em Fortaleza, anteriormente referidas, comprovam estes fatos. (SOUZA, 2009, p.80).

A partir da década de 1970, a monocentralidade de Fortaleza foi perdendo força com a dispersão das atividades terciárias para outros centros em formação, dispersando o comércio e serviços em outros bairros, como o Montese e a Aldeota. O bairro da Aldeota se caracterizava pelo comércio de luxo e de serviços

especializados, abrigando o primeiro shopping center da cidade em 1974. Depois disso, o setor de serviços no bairro continua se dispersando para bairros vizinhos, valorizando cada vez mais a área, e conseqüentemente, os imóveis.

Essa valorização do mercado imobiliário gera mais segregação, induzindo as transformações socioespaciais e criando novas dinâmicas urbanas. Freitas (2008) diz que:

Em Fortaleza a expansão do mercado imobiliário tem como base o discurso do medo da violência e da criminalidade violenta. As classes mais abastadas procuram espaços mais “seguros”, e enquanto crescem os condomínios fechados, verdadeiras fortalezas em microespaços privilegiados da burguesia, multiplicam-se as favelas e as áreas de risco (FREITAS, 2008, p.39).

Por causa do crescimento urbano contínuo e sem planejamento, a cidade apresenta um espaço marcado por áreas com moradores de alta vulnerabilidade social, arranjos familiares monoparentais, comandado por chefe de família de baixa renda e nível educacional, o que facilita a atração de jovens para o crime. O estabelecimento de milícias e facções criminosas tem aumentando a criminalidade nos bairros da cidade e deixando a população com sentimento de insegurança, como descrito no Plano Fortaleza 2040:

Fortaleza vem apresentando contexto marcado por profunda vulnerabilidade social, com mais de 44% da população residindo em pouco mais de 12% do território na forma de assentamentos precários, com ampla desestruturação familiar e desintegração social, com diversos bairros sob controle de grupos de traficantes atuando como milícia, ao mesmo tempo em que promovem o amplo consumo de drogas, principalmente entre o público jovem, vítimas de índices absurdos de violência e marginalizados por uma sociedade com elevada concentração de renda, resultando na ampliação de ocorrências de crimes contra o patrimônio nos bairros mais ricos, gerando crescente sentimento de insegurança – contexto típico de sociedades muito desiguais (FORTALEZA, 2019, p.13).

Segundo Freitas (2008), o aumento da violência e o aumento do crime tem provocado o esvaziamento dos locais públicos, favorecendo os locais privados, como shoppings, e a mudança nos fluxos e atividades, aumentando a autossegregação de grupos sociais que buscam segurança dentro de muros, a

Fortaleza dos muros, com diz Freitas (2008), ou, segundo Diniz, Nahas e Moscovitch (2003), a “cidade defensiva”.

2.2 Dados gerais e geográficos do bairro Quintino Cunha

O bairro Quintino Cunha apresenta características comuns com outros bairros operários de Fortaleza, mas é necessário caracterizá-lo geograficamente, observando suas especificidades econômicas, sociais e espaciais.

2.2.1 Localização, demografia e renda

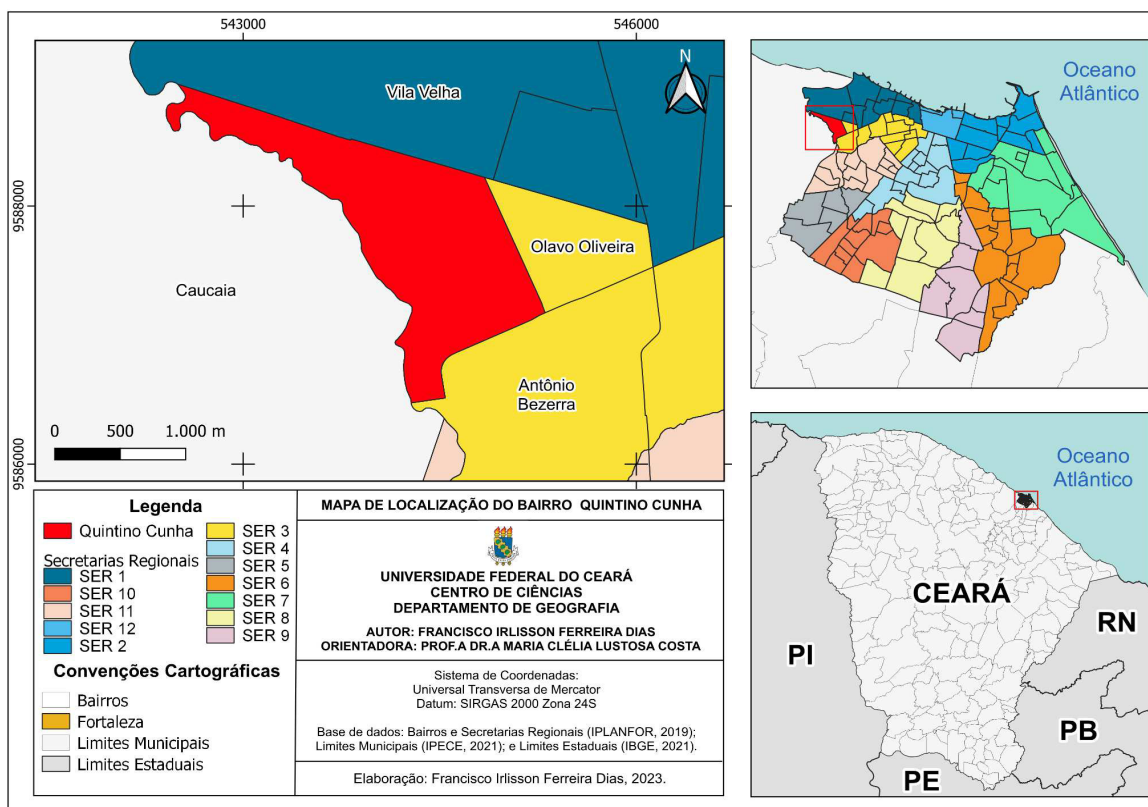
O bairro Quintino Cunha situa-se na zona Oeste e periférica de Fortaleza, sendo considerado o bairro mais populoso da Secretaria Regional III. Sua formação se deu a partir dos aglomerados urbanos que foram se instalando no local, devido à expansão das indústrias e resultado da vinda de imigrantes do interior do Estado.

O bairro limita-se ao norte com o bairro Vila Velha, ao sul com o Antônio Bezerra, à leste com o Olavo Oliveira e à oeste com o município de Caucaia (mapa 5).

Souza (2009) afirma que o esquema viário estabelecido “estruturou o espaço urbano de forma que a Oeste localizaram-se as indústrias e os bairros mais modestos acompanhando os leitos da RVC (Rede Viária Cearense), e os eixos de circulação rodoviária”, enquanto no Centro, essas vias fomentaram o adensamento do comércio local, de onde partem as ferrovias e rodovias.

Um exemplo, é o Distrito do Antônio Bezerra, que concentrava, em 1960, indústrias do ramo químico de beneficiamento do óleo do caroço de algodão, além de indústrias de beneficiamento da castanha do caju com financiamento da SUDENE - Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SOUZA, 2009, p.36).

Mapa 5 - Localização do bairro Quintino Cunha.



Fonte: Fortaleza em Mapas, 2023. Elaboração: Autoral, 2023.

Além do esquema viário, Souza (2009, p.34) diz também que a ocupação da zona Oeste da cidade foi favorecida pela instalação de indústrias, em função do baixo valor dos terrenos, a facilidade em obter água, a proximidade com o Centro e da favela do Pirambu.

Segundo o IPECE, em 2010 o Quintino Cunha ocupava a sétima posição no ranking de bairros com maior população, com 47.277 moradores, no entanto, a projeção populacional com base no censo de 2010 revelou que Quintino Cunha permanece entre os 20 bairros mais populosos de Fortaleza, com 38.717 habitantes (SIMDA, 2023).

Nota-se uma discrepância entre os dados do ano de 2010 disponíveis pelo SIMDA e do IPECE, pois no mesmo ano, o SIMDA registrou 35.120 habitantes no bairro. É importante observar que a projeção feita com base no censo de 2010 também incluía o bairro Olavo Oliveira.

Além disso, se considerada a renda, o bairro encontrava-se na 95ª posição do ranking de renda, ou seja, estava entre os bairros com os piores índices de renda no IDH, de 0,055 em 2010 (MOISÉS, 2015).

Mapa 6 - Localização do bairro Quintino Cunha com imagem de satélite.



Fonte: Google Earth, 2023. Elaboração: Autoral, 2023.

Um dos limites é a rodovia BR - 222, que tem seu início em Fortaleza e transpassa pelo lado oeste do estado do Ceará, ligando-o até o Pará, no município de Marabá. A rodovia é um importante acesso para o fluxo de pessoas que saem do município de Caucaia em direção a Fortaleza, é a principal via que liga os dois municípios, como também a outros municípios do estado.

O bairro possui como delimitador natural o Rio Maranguapinho, que limita os municípios de Caucaia e Fortaleza. Boa parte da vegetação ciliar está inserida no bairro, o que reduz o estabelecimento de habitações no local. Mesmo assim há uma população ribeirinha que periodicamente é afetada pelas variações do rio.

2.2.2 Infraestrutura e vulnerabilidade socioespacial

Durante o período de chuvas, o Rio Maranguapinho, afluente do Rio Ceará, transborda e invade ruas, estradas e casas. O Jornal G1 em abril de 2022 noticiou um caso que aconteceu após chuvas na madrugada terem favorecido o alagamento da BR - 222, no município de Caucaia. Outro caso foi de enchente, em que residentes do bairro Parque das Nações, também em Caucaia, enfrentaram problemas de inundações, tendo perdido eletrodomésticos, além da possibilidade de contraírem doenças, já que o rio possui ligações de esgoto ilegais (O Povo, 2023).

O bairro Bom Jardim e bairros limítrofes do Rio Maranguapinho também sofreram com inundações e alagamentos, ocasionados pelo transbordamento do açude Carapeba, localizado em Maranguape, afirma o jornal (Diário do Nordeste, 2021).

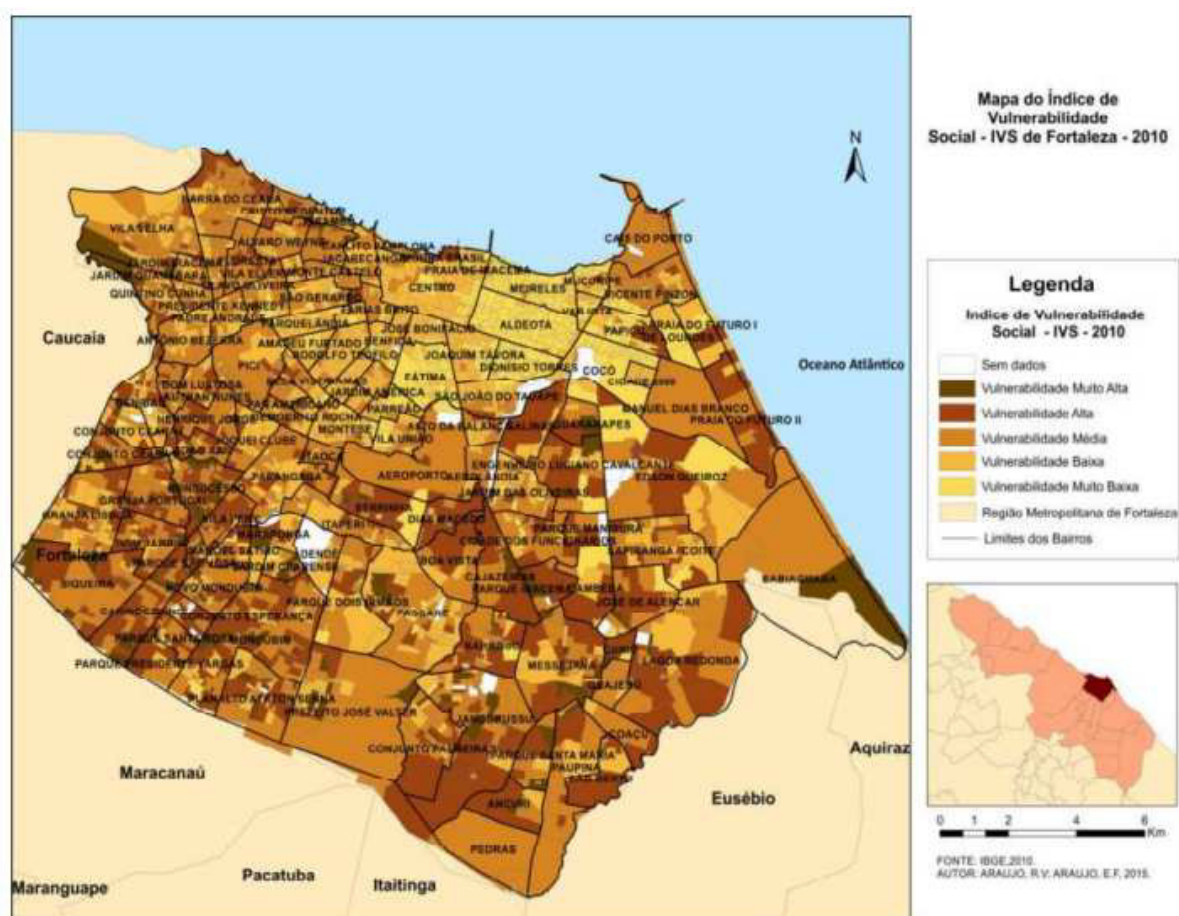
Almeida e Carvalho (2010) dizem que estes são espaços urbanos onde as inundações causam mais danos humanos e materiais, considerados entre as principais ameaças urbanas. Além disso, eles levantam que os problemas podem ser causados por arrogância por parte da sociedade quanto à dinâmica das bacias hidrográficas, ou pela “inocência” ou inadvertência ao ocuparem irregularmente as margens dos rios por populações marginalizadas. Enfatizam também o caráter da localização e das condições socioeconômicas que favorecem a marginalização dessas pessoas.

Araújo (2015) afirma que a falta de renda é um dos principais fatores que leva à vulnerabilidade social, sendo uma das variáveis para o estudo do Índice de Vulnerabilidade Social - IVS. Ela calculou o IVS com base nos setores censitários de 2010. O estudo revelou que os bairros Quintino Cunha e Vila Velha apresentam moradores com características de bairros com os piores índices de vulnerabilidade social. Nos mapas 5 e 6, pode-se observar a proximidade dos bairros da SER 1 e da SER 3, que possuem como limite o município de Caucaia e são separados pelo Rio Ceará e Maranguapinho.

O acesso a bens e serviços, a falta de infraestrutura básica, as condições precárias de trabalho, a composição familiar e a baixa remuneração salarial indicam e intensificam se há ou não a exposição à vulnerabilidade, seja ela social, ambiental ou econômica, ou correlações entre elas (ARAÚJO, 2015).

Deschamps (2009, apud ARAÚJO, 2015), afirma que a ausência dos ativos e das estruturas de oportunidades¹ geram problemas sociais que farão com que certos grupos que vivem na cidade apresentem desvantagens com relação a outros. Tal ausência pode ser observada em Fortaleza, os bairros mais afastados do centro apresentam populações em piores condições sociais, com uma série de carências na infraestrutura e serviços além de déficit habitacional.

Mapa 7 - Índice de Vulnerabilidade Social (IVS) de Fortaleza - 2010.



Fonte: IBGE, 2010. Elaboração: Araújo, 2015, p.114.

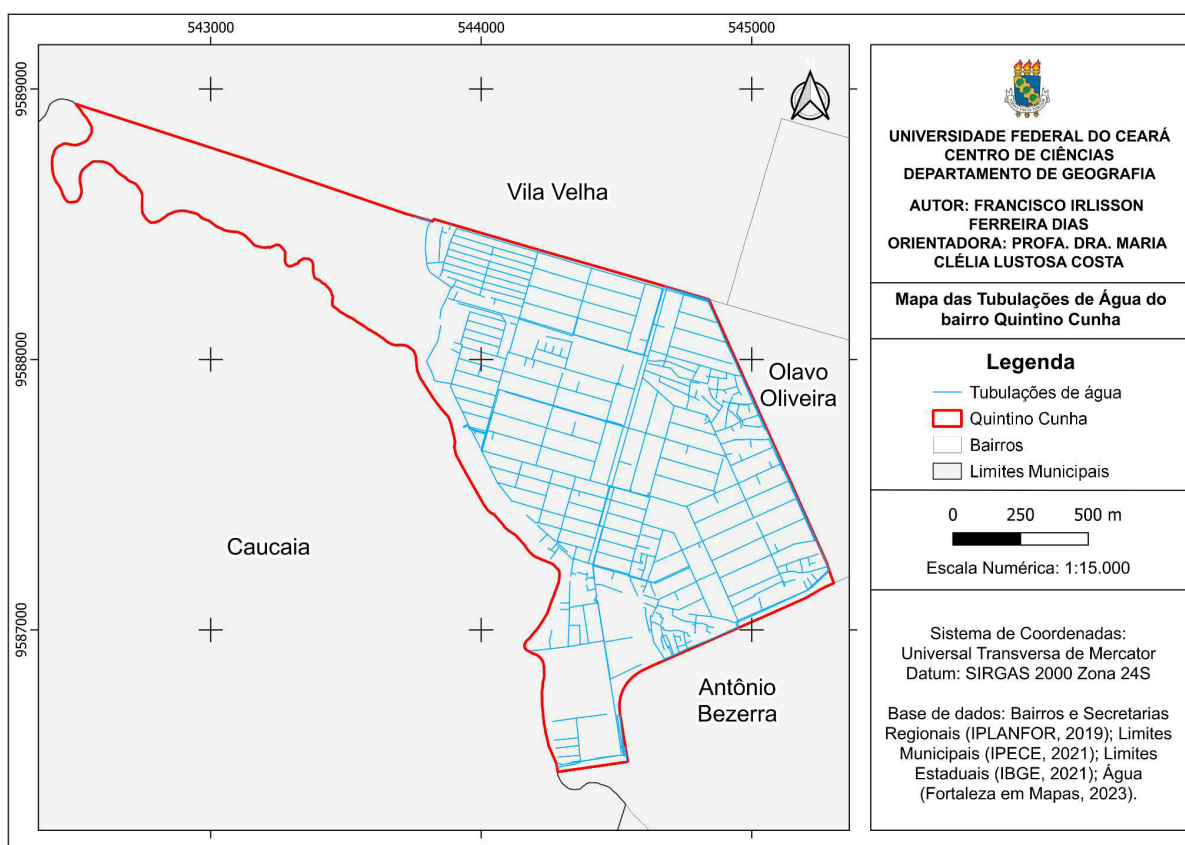
Segundo o mapa do Índice de Vulnerabilidade Social - IVS, Araújo (2015) afirma que os índices mais altos encontram-se nas periferias urbanas que são menos assistidas pelo poder público, principalmente nos bairros mais próximos dos

¹ Para Kaztman e Figueira (2006), os ativos são recursos que permitem aos domicílios um aproveitamento efetivo das estruturas de oportunidades oferecidas pelo Estado, pelo mercado e pela sociedade, que incidem sobre o bem-estar social, com o objetivo de ter acesso a condições de vida que possam ser consideradas dignas.

limites municipais, ou em áreas de risco ambiental, às margens de rios e lagoas sem urbanização.

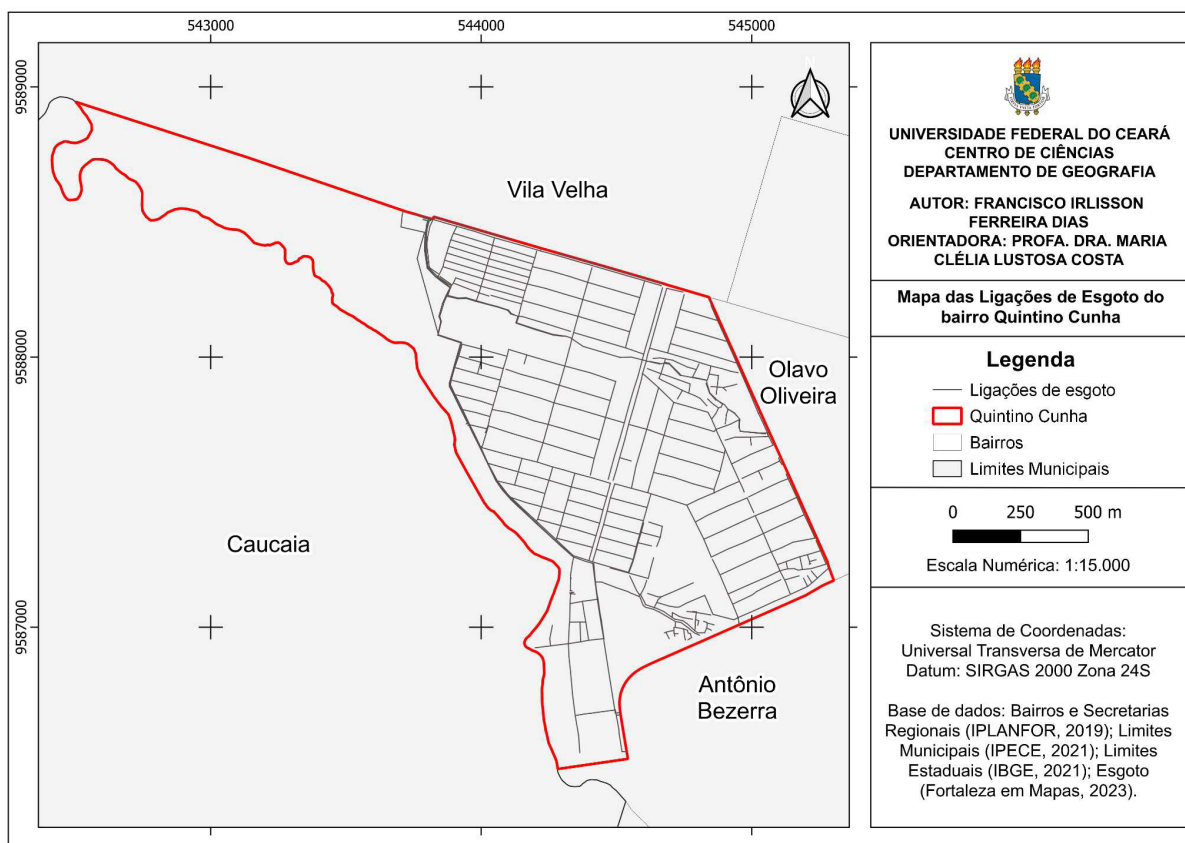
Observando os mapas 8 e 9, disponibilidade de água e esgoto, percebe-se que as áreas com maior acesso a esses recursos, água e esgoto, são a central e o lado leste do bairro, tendo uma falta considerável no lado oeste, o que pode acentuar ainda mais as desigualdades dentro do próprio bairro, onde localizam-se assentamentos precários em áreas de risco, ocupação favorecida pelos baixos valores que esses locais possuem. Os mapas foram produzidos com informações disponíveis na plataforma Fortaleza em Mapas, com dados disponibilizados pela SEINF (2020) e pela CAGECE (2022), responsáveis pelo mapeamento da rede de drenagem e pela rede de esgoto, respectivamente.

Mapa 8 - Tubulações de água do bairro Quintino Cunha.



Fonte: Fortaleza em Mapas, 2023. Elaboração: Autorial, 2023.

Mapa 9 - Ligações de esgoto do bairro Quintino Cunha.



Fonte: Fortaleza em Mapas, 2023. Elaboração: Autorial, 2023.

São observados também, alguns locais onde há a presença de irregularidades no traçado da rede de esgoto e de água, comparando com as informações sobre os assentamentos precários, vê-se que esse tipo de padrão ocorre nas favelas do bairro, onde há, como já falado, a ligação de água e esgoto que podem ser irregulares e ilegais.

Importante destacar que, com relação a outros serviços, embora alguns sejam existentes no bairro, outros são escassos, sendo necessário o deslocamento para outros bairros. Segundo dados do Fortaleza em Mapas, no bairro são encontradas: três escolas municipais: EM São Carlos, EM José Carlos da Costa Ribeiro, EM Maria Cardoso; duas escolas estaduais: EEMTI (Escola de Ensino Médio em Tempo Integral) Maria José Santos Ferreira Gomes, também conhecida como CERE, e EEFM (Escola de Ensino Fundamental e Médio) Jesus Maria José; uma creche: Creche Parceira Criança Feliz; e dois centros de educação infantil: CEI José Carlos da Costa Ribeiro e CEI São Carlos.

Como equipamentos de saúde pública, apenas dois são encontrados: um CRAS (Centro de Referência de Assistência Social) Quintino Cunha e Posto de Saúde George Benevides de Medeiros. Equipamentos de fomento à cultura e esportes são faltosos como areninhas, casas de cultura digital, centros de juventude, Rede Cuca e Rede JUV.

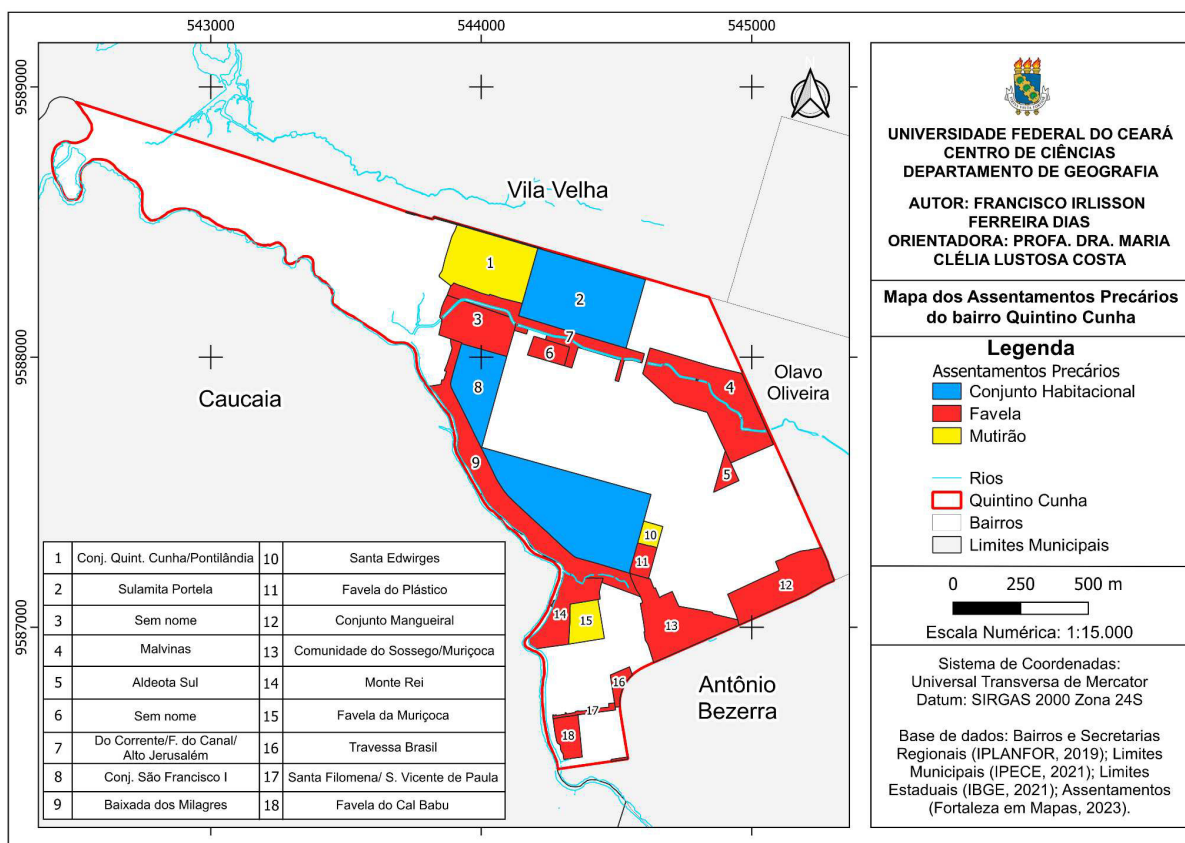
2.2.2.1 Os assentamentos precários

De acordo com Pequeno et al. (2021), os assentamentos precários urbanos revelam as condições de desenvolvimento desigual da cidade de Fortaleza, que se dissemina e distribui-se pelos quatro cantos e avança para municípios vizinhos. Não se trata de um grupo homogêneo, mas sim, por causa da sua localização na cidade, das oportunidades oferecidas e da composição social, sendo diversos na totalidade dos assentamentos, que inclusive, muitos deles com diferenças entre as partes que o compõem.

Na segunda metade do século XX, as precariedades habitacionais ganharam novos contornos mediante a favelização em direção às periferias de Fortaleza, assim como na faixa de praia e nos espaços vazios, entre a faixa de praia e a ferrovia, ou seja, nas proximidades das áreas industriais.

O bairro Quintino Cunha apresenta três tipos de assentamentos precários: favelas, conjuntos habitacionais e mutirões. Segundo o Ministério das Cidades, os assentamentos precários podem se apresentar como favelas, loteamentos irregulares de moradores de baixa renda, cortiços e conjuntos habitacionais degradados (CARLEIAL, 2016, p.15). No mapa abaixo, observa-se os tipos de assentamentos precários no Quintino Cunha.

Mapa 10 - Assentamentos precários do bairro Quintino Cunha.



Fonte: Fortaleza em Mapas, 2023. Elaboração: Autoral, 2023.

Cardoso (2008, apud CAVALLIERI et al., 2016) afirma que os cortiços são caracterizados como moradias de aluguel e que geralmente contam com apenas um cômodo e um banheiro, além de outras instalações coletivas. Os loteamentos resultam do processo de parcelamento, com um agente econômico responsável pela subdivisão e pela venda. Quando se fala de loteamentos irregulares, diz respeito ao não cumprimento integral da normativa urbanística, inclui também, a clandestinidade nos parcelamentos efetuados sem licenciamento, ou seja, empreendimentos sem registros oficiais pelo poder municipal. Já as favelas são denominações que correspondem a assentamentos caracterizados pela ocupação irregular do solo, público ou privado, frequentemente com tipologia irregular e com padrões urbanísticos inferiores aos mínimos exigidos pela legislação.

De acordo com o PLHIS - Plano Local de Habitação de Interesse Social de Fortaleza de 2010, a maioria dos cortiços localiza-se em áreas centrais e pelo acesso mediante pagamento de aluguel, com imóveis antigos, geralmente abandonados, por isso que não são encontrados no Quintino Cunha.

Os loteamentos irregulares de baixa renda possuem um traçado, em sua maior parte, regular, com vias padronizadas e lotes delimitados. Muitos loteamentos são abertos em áreas griladas, colocando-os em situação semelhante à de favelas, resultado de processos de ocupação organizada. No Quintino Cunha não é encontrado nenhum tipo de loteamento, também não são encontrados em bairros limítrofes, no entanto estão presentes em bairros como o Siqueira e o Canindezinho, mais ao sul da cidade.

2.2.2.1.1 Os mutirões

Abiko e Coelho (2006) definem o mutirão como um sistema de ajuda mútua, sendo uma alternativa habitacional baseada no esforço coletivo e organizado da comunidade - os mutirantes - usado para a construção de suas próprias moradias. Abiko (1996, apud ABIKO e COELHO, 2006), afirma que esse tipo de moradia visa diminuir os custos do empreendimento, além da melhora na qualidade do conjunto habitacional e das unidades residenciais, favorece a identificação do usuário com o produto de seu trabalho, propiciando a manutenção e o seu uso adequado.

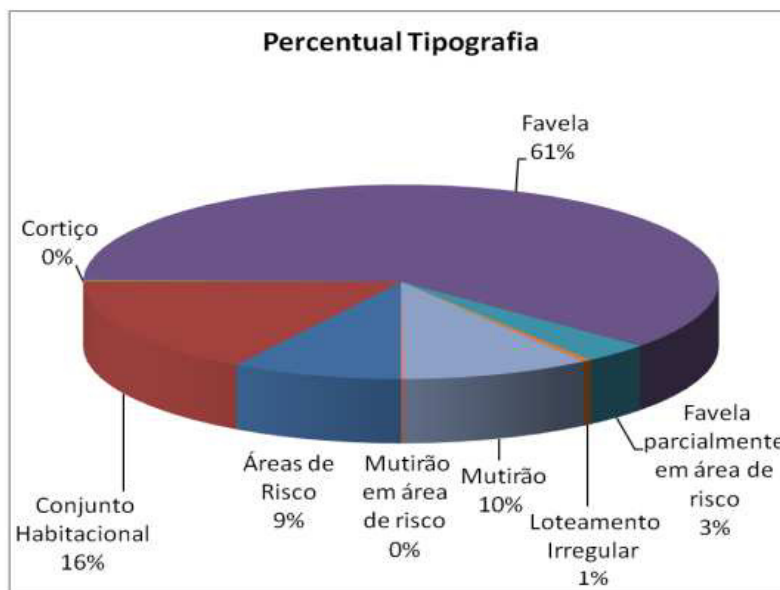
Segundo Cardoso e Abiko (1994, apud ABIKO e COELHO, 2006), são considerados três tipos de mutirões:

- O mutirão por gestão institucional ou de administração direta, com participação da prefeitura, do governo estadual ou federal;
- O mutirão por cogestão, em que há o repasse de recursos para a comunidade, e a própria associação comunitária fica responsável pela contratação de servidores técnicos que precisam para a regulamentação dos projetos; e
- O mutirão por autogestão, em que a comunidade e a associação comunitária são responsáveis pela administração geral do empreendimento e o gerenciamento de todos os recursos.

Os mutirões correspondiam, em 2010, a 10% do território fortalezense, como no gráfico 3, em que se pode ver o percentual por tipologias. A quantidade de mutirões equivalia a 84 em 2010, sendo que 2 mutirões estavam em área de risco.

No bairro, são encontrados quatro mutirões, sendo eles: a Favela da Muriçoca, Santa Edwirges, Conjunto Quintino Cunha/Pontilândia e Emília Gonçalves/Maranguapinho II.

Gráfico 3 - Percentual das tipografias dos assentos precários encontradas em Fortaleza em 2010.



Fonte e Elaboração: Prefeitura de Fortaleza, 2010.

2.2.2.1.2 Os conjuntos Habitacionais

Os conjuntos habitacionais foram uma iniciativa utilizada em larga escala pelo poder público e privado, iniciado principalmente no momento pós Revolução Industrial do século XVIII, e mais tarde, na reconstrução das cidades europeias desoladas pela Guerra. Eles surgem com a finalidade de tentar resolver os problemas de salubridade na cidade da era moderna, voltada para atender à massa trabalhadora (MEDEIROS, 2007).

A industrialização tem a função primordial de formar novos aglomerados urbanos, que surgem a partir da instalação de indústrias e do recrutamento de pessoal para trabalhar no setor produtivo. A expansão do tecido urbano não se dá paralelamente à disponibilidades de infra-estrutura e serviços de transporte, saúde, educação, moradia, entre outros. Dessa forma, a grande massa populacional não dispõe dos meios de sobrevivência; a população pobre e miserável cresce igual ou mais que o crescimento da malha urbana (MEDEIROS, 2007).

Com a necessidade de higienizar os centros urbanos, o pobre que antes habitava um cômodo minúsculo é “convidado” a morar nos subúrbios da cidade. Já no século XX, surge o urbanismo funcionalista, que pensa os conjuntos

habitacionais como “novas cidades”, sendo elas autofuncionais e articuladas com as demais partes da cidade, dando uma idéia de planificação ou homogeneização do alto, considerada uma ferramenta para a manutenção da ordem social, ao produzir o homem-tipo ideal, também entendido como o engaiolamento das massas trabalhadoras (MEDEIROS, 2007).

A nova configuração do meio urbano é causada pelos conjuntos habitacionais. Os conjuntos habitacionais tornam-se ideais de atendimento a melhores condições de moradia da população que mais precisa. Essas habitações são baratas e funcionais, podendo ser produzidas em larga escala, atendendo aos anseios do Estado e do capital (MEDEIROS, 2007).

Conjuntos habitacionais são um tipo de moradia destinada à população de baixa renda que não possuem acesso aos mecanismos normais do mercado imobiliário (DECORA, 2020). Segundo a Corregedoria Geral de Justiça do Estado de São Paulo, o conjunto habitacional é entendido como o empreendimento em que o parcelamento do imóvel urbano, com ou sem aberturas de ruas, é feito para alienação de unidades habitacionais já edificadas pelo próprio empreendedor.

No Brasil, o processo de industrialização, iniciado no fim do século XIX, se intensificou na década de 1930, quando foram criadas as vilas operárias, que deram origem aos conjuntos habitacionais, também chamados de conjuntos residenciais. Esses conjuntos referem-se a um aglomerado de unidades habitacionais planejadas e dispostas de forma integrada, dotadas de serviços urbanos, sistema viário, infra-estrutura, áreas verdes ou livres, como também de serviços como educação, comércio, serviços assistenciais e de saúde (MEDEIROS, 2007).

Segundo o gráfico 3, em Fortaleza os conjuntos habitacionais correspondiam a 10% dos assentamentos precários na cidade em 2010. No bairro, são encontrados o Conjunto São Francisco I e o Conjunto Sulamita Portela, como demonstrado no mapa 10. Eles são considerados pela prefeitura de Fortaleza (2020), em dados disponibilizados no Fortaleza em Mapas (2023) como assentamentos precários, mesmo eles possuindo acesso a serviços públicos e privados (escolas, postos de saúde, clínicas e etc) e ao comércio, que será apresentado no capítulo 4.

2.2.2.1.3 As favelas

Segundo Barros (2021), o problema das favelas inicia-se com ações políticas de segregação e controle da população migrante e pobre de Fortaleza, os Campos de Concentração no final do século XIX. Eles tinham a finalidade de “livrar” a cidade dos imigrantes do interior do estado que fugiam das secas. Assim, a falta de êxito nos planos de serviços sociais e de desfavelamento como o FSSF e o Programa de Integrado de desfavelamento, entre os anos de 1960 e 1970, contribuiu para a multiplicação das favelas, já que a maior parte das pessoas que um dia acamparam ali não voltou às suas regiões de origem, ocupando os espaços periféricos ou vazios de Fortaleza e construção de sua moradia.

Durante a década de 1970/80, houve várias tentativas de remover as favelas para conjuntos habitacionais periféricos, distantes da área central. O PROAFA - Programa de Assistência às Favelas da Região Metropolitana de Fortaleza (1979), com base no PLANHAP - Plano Nacional de Habitação Popular, prometia moradias mais acessíveis aos trabalhadores pobres, cujo as rendas não se enquadravam nas políticas da época (BARROS, 2021, p.2).

Entretanto, os moradores que eram alvos desses programas, passaram a se organizar e a lutar contra a extinção de suas comunidades, propiciando o surgimento de diversos movimentos sociais, que se juntaram e criaram a FBFF - Federação de Bairros e Favelas de Fortaleza (BARROS, 2021, p.3).

Obras de infraestrutura nas décadas de 1970, 80 e 90, principalmente com o objetivo de abertura e alargamento de vias (Virgílio Távora, Aguanambi, Leste Oeste, Borges de Melo, José Bastos) e embelezamento da cidade para práticas turísticas, promoveram a erradicação de favelas, e a implementação de conjuntos em áreas distantes, como o Alvorada, Palmeiras e Marechal Rondon, e mesmo fora de Fortaleza, como o Marechal Rondon, na Jurema, em Caucaia (BARROS, 2021, p.3).

Esse tipo de programa promoveu uma divisão socioespacial entre os diferentes estratos sociais de Fortaleza, ou seja, ao contrário do que prometeu, piorou a situação dos moradores, se comparados às condições de vida nas favelas e a acessibilidade ao mercado de trabalho e aos serviços públicos.

O Programa Integrado de desfavelamento, além de institucionalizar a segregação socioespacial, ao promover uma divisão espacial – de lógica econômica e urbanística – entre os diferentes estratos sociais

fortalezenses, colocou em xeque o seu próprio objetivo de elevar o nível de vida dos transferidos, tendo em vista que a realidade dos conjuntos (Alvorada, Mal.Rondon e Palmeiras) era, em muitos aspectos, pior que nas favelas. Assim, o habitante pobre permaneceu excluído, mas se antes a exclusão se materializava nas péssimas condições de moradia, com a remoção, isto é somado ao local determinado para ele: a periferia (BARROS, 2017, p.4).

Ter acesso a serviços básicos além de moradia eram as reivindicações da FBFF, que após muita luta conseguiu realizar a possibilidade de ter casa própria ou até “sair da favela” para os moradores, com a intervenção do governo. Através do programa de desfavelamento, a prioridade não era só com a questão social, mas também urbanística. A administração pública possibilitou que vários moradores das favelas, transformassem-se em donos de suas próprias casas (BARROS, 2017, p.9).

Em 2010, as favelas correspondiam a 61% dos assentamentos precários em Fortaleza, além disso, existem 3% de favelas parcialmente em áreas de risco. No bairro Quintino Cunha, o número de favelas também é superior ao número de mutirões e conjuntos habitacionais. São encontradas as favelas de Santa Filomena, Ilha Dourada, Favela do Corrente/Canal, Malvinas, Rua Moura da Silva, Aldeota Sul, Favela do Plástico, Baixada dos Milagres, Monte Rei, Comunidade do Sossego/Muriçoca e Conjunto Maranguapinho, Travessa Brasil, Favela do Cal Babu, Comunidade Travessa Maranguapinho, além de outras que não possuem nomes.

2.2.2.2 As áreas de risco

Conforme Oliveira (2021), as áreas de risco são espaços onde há a ausência de condições legais para a vivência humana, que são afetadas facilmente por desastres ambientais, como inundações, alagamentos e desmoronamentos, afetando a população e trazendo prejuízos econômicos, físicos e psicológicos a seus moradores.

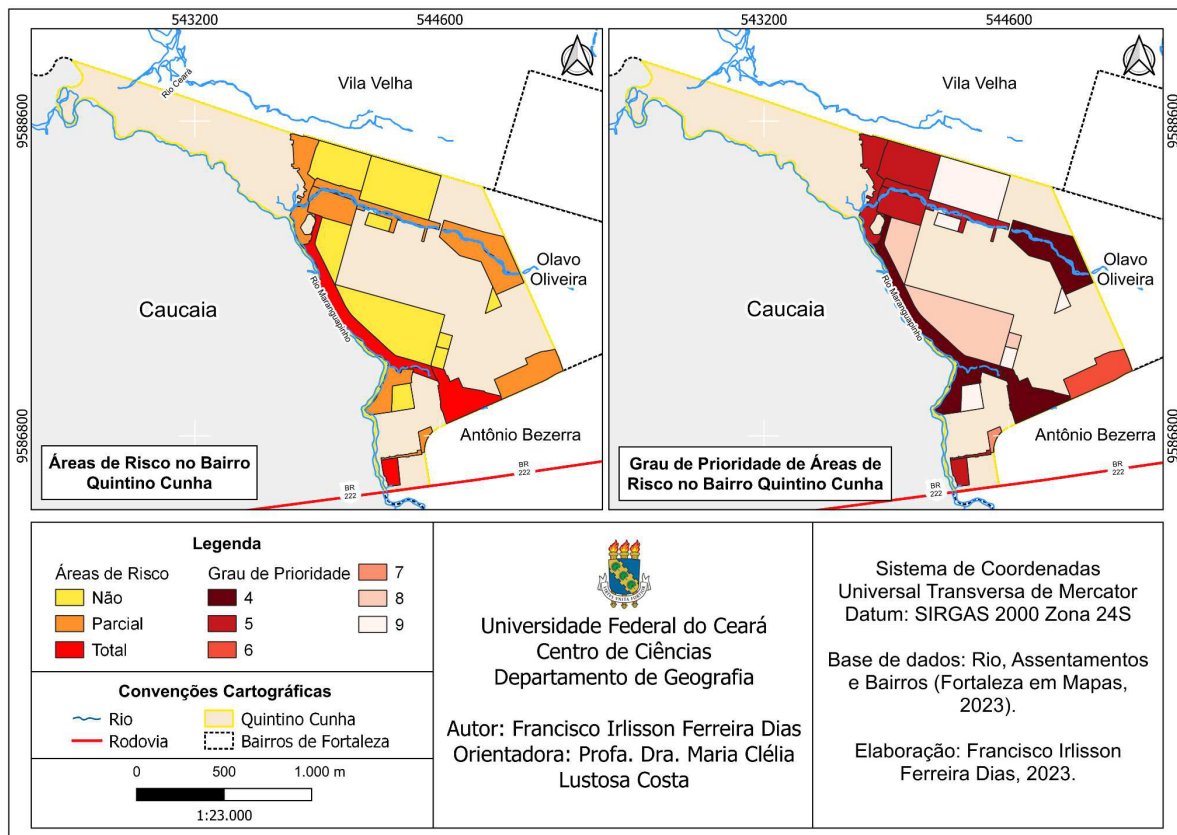
Terrenos às margens de rios, córregos e lagoas, como também encostas de dunas e faixas de praias são lugares que possuem mais gravidade de risco, tornando as áreas de risco o principal problema das políticas habitacionais (PEQUENO et al., 2021, p.15).

Constata-se ainda o agravamento das condições precárias de moradia e o empobrecimento urbano possivelmente associado ao incremento no controle urbano nos terrenos públicos e nas propriedades particulares. Com isso, restam os terrenos às margens de rios, córregos e lagoas, assim como as encostas de dunas e as faixas de praia como lugares da maior gravidade, tornando as áreas de risco o principal problema a ser enfrentado pelas políticas habitacionais (PEQUENO et al., 2021, p.15).

No mapa 11, produzido com dados do PLHIS, disponibilizados pela plataforma Fortaleza em mapas, pode-se notar que as áreas de risco presentes no bairro, concentram-se principalmente às margens dos corpos d'água, a exemplo, o Rio Maranguapinho. Com área total considerada como de risco, estão a Baixada dos Milagres, a Comunidade do Sossego/Muriçoca e a Favela do Cal Babu. Com área parcial, encontram-se a favela Ilha Dourada, Favela do Corrente/Favela do Canal/Alto Jerusalém, Favela das Malvinas, o Conjunto Mangueiral, a Favela da Muriçoca, a Travessa Brasil, a favela Santa Filomena/São Vicente de Paula e mais uma que não possui nome. Todos os outros assentamentos precários são considerados como sem risco ou que não possuem grande risco ambiental.

No estudo do PLHIS (FORTALEZA, 2013, apud PINHEIRO e IACOVINI, 2015) foram definidos 9 graus de prioridade de intervenção, de acordo com as características e vulnerabilidades dos assentamentos. Para cada grau, foi atribuído um índice de 0 a 2.135, com base nos critérios de risco estabelecidos pelo estudo. De 1 a 5 são os graus com maior prioridade, enquanto os de 6 a 9 possuem graus secundários. Os graus de 2, 4 e 5 são as prioridades mais altas, são para áreas em risco ambiental e ZEIS (Zona Especial de Interesse Social) como grau 2, mais problemáticos como grau 4 e risco ambiental ou ZEIS como menos problemáticos, de grau 5 (PINHEIRO e IACOVINI, 2015, p.9). O mapa a seguir, mostra se os assentamentos precários estão inseridos totalmente, parcialmente ou não estão inseridos em áreas de risco, e apresenta o grau de prioridade de risco dos assentamentos.

Mapa 11 - Assentamentos em áreas de risco e grau de prioridade de áreas de risco no bairro Quintino Cunha.



Fonte: Fortaleza em Mapas, 2023. Elaboração: Autoral, 2023.

O bairro não possui assentamentos com graus de prioridade de intervenção nas classes de 1 a 3, mas possui assentamentos que estão inseridos nas classes de 4 a 9, com inundações e alagamentos como os principais tipos de riscos, além do risco tecnológico. Os assentamentos com maior grau de prioridade são: Malvinas, de grau 4 e com inundações como tipo de risco; Baixada dos Milagres, grau 4 e inundações; Monte Rei, grau 4 e inundações; e Comunidade do Sossego, grau 4, risco de inundações e tecnológico (via férrea), que podem ocorrer em estabelecimentos ou áreas industriais e causar danos entre trabalhadores, população, além de equipamentos e ao próprio meio ambiente.

Os assentamentos com grau 5 são: Ilha Dourada, inundações; Conjunto Quintino Cunha/Pontilândia, sem risco; Favela do Corrente/Favela do Canal/Alto Jerusalém, inundações; Favela do Cal Babu, inundações; Santa Filomena, inundações e Sem Nome, alagamento.

De grau 6 apenas o Conjunto Mangueiral, com o tipo de risco tecnológico; Travessa Brasil como grau 7, com risco tecnológico; Como graus 8 e 9 Conjunto São Francisco I, Santa Edwiges e outros assentamentos, todos sem riscos.

Almeida (2010) relaciona os bairros de Fortaleza que são limitados pelo Rio Maranguapinho, com áreas de risco ambiental. No Quintino Cunha são oito comunidades, são elas: Comunidade do Sossego, Comunidade do Plástico e do Papelão, Monte Rei, Alto Jerusalém, Coité, Ilha Dourada, Comunidade da Muriçoca e Comunidade Babu/Cal. Essas comunidades/assentamentos possuem risco de inundação e alagamentos principalmente durante o período chuvoso.

As comunidades Ilha Dourada, Alto Jerusalém e Coité (figuras 4.43 e 4.44), localizadas no bairro Quintino Cunha, porção oeste de Fortaleza, fazem parte de um complexo de ocupações clandestinas de habitações precárias em terrenos fortemente sob risco de inundações, já que abrangem o baixo curso do rio Maranguapinho, na sua planície fluviomarinha, com intensa influência dos fluxos de maré, com o agravante de se localizarem entre o canal principal do rio Maranguapinho, um afluente canalizado, uma lagoa natural e uma lagoa de tratamento de esgotos desativada que foi invadida pela comunidade Coité (ALMEIDA, 2010, p.174).

As populações que habitam nas margens do Rio Maranguapinho estão nas áreas com os piores indicadores de infraestrutura e habitação, contam com domicílios precários e improvisados que apresentam carência de acesso à água potável, ausência de coleta de esgotos coleta de lixo inadequada (ALMEIDA, 2010).

Adorno (2002) coloca as regiões periféricas com menor oferta de empregos, de menor oferta de leitos hospitalares e de menor oferta de promoção de lazer, como as que concentram as taxas mais elevadas de homicídio. Outros problemas evidenciados nessas regiões são: a concentração demográfica e o congestionamento domiciliar, pois a proporção de pessoas vivendo por cômodo da habitação é grande, além da precariedade na infraestrutura urbana.

A maior parte dos autores relaciona a violência urbana, com os problemas socioeconômicos, o déficit habitacional e os espaços precários onde essas populações atingidas estão localizadas. Assim, torna-se de extrema importância a abordagem de dados mais concretos que podem confirmar ou não a existência da

relação entre a violência urbana, com a vulnerabilidade social e os problemas socioeconômicos e espaciais supracitados.

Cardoso et al. (2016) afirma que os principais indivíduos atingidos pela violência letal, são jovens entre 15 e 24 moradores de localidades pobres, como as periferias das áreas metropolitanas, impactados pela guerra pelo controle de mercados de drogas e armas ilegais.

Castro e Abramovay (2002) também identificam a mesma faixa etária como a mais impactada pela “violência conjunta”, como chama as mortes decorrentes de homicídios, agressões e acidentes de trânsito. No entanto, colocam que a violência que mata e sangra é uma marca dos tempos atuais e não apenas ligado a uma classe, a mais pobre, e adverte para a consideração de uma juventude plural, tanto nas classes mais pobres, como na classe média e alta. Dizem que os jovens da periferia apresentam descontentamento pela exclusão social agravada, de uma forma violenta, buscando reconhecimento e valorização como cidadãos. Quando falam dos jovens das classes mais abastadas, ligam elas à pouca existência de estudos da temática da violência, o que reforça os estereótipos que associam a violência à miséria, colocando as classes populares como as mais “perigosas”.

3 VIOLÊNCIA URBANA

A violência é um fenômeno que atinge todos os meios, sejam sociais, econômicos e espaciais, estando presente de diversas formas nas diferentes cidades e países do mundo.

Este capítulo possui a intenção de apresentar os múltiplos e complexos conceitos sobre a violência, seus fatores e condicionantes. Além de dados disponibilizados pelos órgãos de segurança pública nas escalas locais, municipais, estaduais e nacionais, estabelecendo conexões e comparativos entre elas.

3.1 Definição

A violência urbana é um dos temas que ganharam mais visibilidade desde o século passado, sendo considerado como um dos fenômenos sociais que mais preocupa as cidades brasileiras.

Schraiber, D'Oliveira e Couto (2004, apud AGUIAR e GORAYEB, 2019) definem a violência como:

O “uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha a possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação” destaca a intencionalidade do ato violento, excluindo os incidentes não intencionais. Inclui o uso do poder, exemplificado por ameaças de agressões ou intimidações e por negligências e omissões (SCHRAIBER, D'OLIVEIRA e COUTO, 2004, p.3).

No entanto, a violência possui conceitos polissêmicos. Batella e Diniz (2010) expõem que ela “é um fenômeno complexo e multifacetado”. De acordo com os autores Felix (1996) e (2002); Lima (2002) e Diniz (2003), a violência tornou-se um conceito de difícil precisão:

A violência é um tema candente, que emerge neste início de século como um dos principais problemas enfrentados pelos habitantes das grandes cidades. Além das vítimas diretas, ela é responsável pelo sentimento de insegurança e pelo medo que afligem grande número de pessoas,

alterando paisagens e comportamentos. Trata-se de um fenômeno complexo e multifacetado, que mobiliza esforços de diversas frentes, formais e informais, na busca de soluções e/ou medidas mitigadoras (Felix, 1996 e 2002; Lima, 2002; Diniz, 2003, apud BATELLA e DINIZ, 2010, p. 152).

Para Magrini (2014), o fato da violência possuir diferentes sentidos e interpretações, possibilita que lhe seja acrescentada muitos outros, devido ao uso cotidiano do senso comum da palavra “violência”, assim, faz com que a sua precisão seja diminuída. Dessa forma, o significado da palavra passa a estar relacionado com qualquer quebra da ordem, como a violência no trânsito, a violência das paixões, das imagens e etc.

Santos (2015) considera as causas da violência como sendo multifatoriais e que advêm de processos sociais complexos.

As causas da violência, cujas raízes estão arraigadas à produção de espaços excludentes, são multifatoriais e advêm de processos sociais complexos, que por sua vez geram lutas e conflitos socioespaciais ao longo da história. De acordo com as referidas autoras [Ferreira e Penna, 2005], surgem desse processo desigual, espaços elitizados ocupados pela classe dominante e espaços periféricos constituídos de classes populares sujeitos a toda forma de violência (SANTOS, 2015, p.328).

Adorno (2002, p.87) afirma que:

[...] Os conflitos sociais tornaram-se mais acentuados. Neste contexto, a sociedade brasileira vem conhecendo crescimento das taxas de violência nas suas mais distintas modalidades: crime comum, violência fatal conectada com o crime organizado, graves violações de direitos humanos, explosão de conflitos nas relações pessoais e intersubjetivas. Em especial, a emergência do narcotráfico, promovendo a desorganização das formas tradicionais de socialidade entre as classes populares urbanas, estimulando o medo das classes médias e altas e enfraquecendo a capacidade do poder público em aplicar lei e ordem, tem grande parte de sua responsabilidade na construção do cenário de insegurança coletiva.

Santos (2009) cita os baixos salários e o desemprego como causas para o empobrecimento e o aumento no número de miseráveis, e que favorecem o aumento dos crimes contra patrimônio, como furtos, roubos e assaltos.

Para Pedrazzini (2006, apud SANTOS, 2009), a violência urbana deve ser analisada como parte de um sistema socioespacial dinâmico, em que os elementos estruturantes seriam a economia liberal globalizada e a cidade como um modelo ambiental hegemônico. Assim, outros componentes especificamente sociais (crescimento das desigualdades), políticos (criminalidade da pobreza), espaciais (fragmentação e segregação territorial) ou ideológico (sujeição da democracia à segurança), se combinam entre si e traçam um projeto de sociedade selvagem e inquietante.

A violência costuma ser relacionada à pobreza, à exclusão social e à marginalização, à omissão do Estado, ausência de serviços públicos urbanos e ao processo de urbanização que cria enclaves de pobreza nas periferias das cidades. Assim, no espaço urbano estão, de um lado, os espaços elitizados das classes dominantes; de outro, os espaços periféricos das classes populares e as hiperperiferias dos excluídos. Esse processo produz um espaço urbano segregado e fragmentado, totalmente articulado (FERREIRA e BARBOSA, 2005).

Maricato (1995) se atentava à ausência do Estado, nas políticas de apoio para resolução de conflitos entre moradores, ou, de quando o Estado estando presente, se apresenta ambíguo e arbitrário, opressor, paternal ou clientelista. Comporta-se como uma instituição que exclui os que possuem baixas taxas de escolaridade, os “ignorantes”, que não possuem condições dignas de vida. Deixa essa “massa excluída” com insegurança, resultado de uma ordem injusta de manipulação e de manutenção da injustiça por efeito da pobreza política dessas pessoas.

As regiões metropolitanas são palco de profundas contradições e desigualdades, onde são encontradas as faces mais dramáticas de ocupação irracional do solo, sendo esse drama visceral social que atinge uma quantidade imensa de pessoas (MARICATO, 1995).

A violência também é gerada pelo processo de especulação imobiliária que expulsa as população menos favorecidas para as periferias e cidades da região metropolitana, como descreve Bordin (2009, p.19):

Ao refletirmos sobre os processos que geram violência, temos, no campo da Geografia, a produção do espaço urbano como elemento gerador de violência, seja ela na utilização da especulação imobiliária, seja na expulsão das populações menos favorecida para as periferias e cidades das regiões metropolitanas, geralmente desprovida de condições mínimas de habitação e infraestrutura, onde o custo de vida tende a ser menor, distanciando, muitas vezes, do seu local de trabalho, dificultando-lhes ainda mais o cotidiano, ocasionando mais gastos financeiros e de tempo com transporte, já onerando, de forma geral, os reduzidos salários.

Para Barcellos e Barreto (2017), a pobreza é criminalizada pelas forças dominantes, em que os pobres do país nunca tiveram um lugar de prestígio na sociedade, como nobres ou burgueses. Assim, a criminalização da pobreza constrói a visão de uma comunidade pobre como um agrupamento criminoso, estigmatização essa que traz consequências para a realização de direitos básicos da população. As pessoas carentes que moram em territórios de disputa do tráfico, acabam sendo rotuladas como apoiadores do tráfico de drogas, o fato de serem negros e pobres aumentam esse estigma, tendo oportunidades de crescimento profissional reduzidas em meio ao preconceito, que também é propagada pelos meios de comunicação, e que causa o processo de exclusão social.

O processo de estigmatização e de criminalização por qual tem passado essas famílias pobres, e que muitas das vezes tem o respaldo dos meios de comunicação, passa pelo não reconhecimento desta sociabilidade enquanto legítima, além de ser um processo intrinsecamente político. A criminalização da pobreza é também ligada em sua essência ao recrudescimento da exclusão social, causada pela implementação do neoliberalismo. A desigualdade social aliada à instauração de uma sociedade de consumo e à ausência de políticas públicas efetivas e de acesso aos direitos sociais são fatores que certamente repercutem atualmente no aumento da criminalização da pobreza em meio a estes territórios dominados pela criminalidade (BARCELLOS e BARRETO, 2017, p.53).

Corrêa (1997, apud DINIZ, NAHAS e MOSCOVITCH, 2003, p.41), reafirma esses problemas, quando diz que:

O aprofundamento do processo de exclusão social, pobreza e violência urbana, aliados aos grandes problemas de habitação, transporte, infraestrutura e acesso a serviços, bem como a degradação ambiental crescente nas cidades provocada pelos impactos decorrentes do processo de urbanização, colocam em xeque a sustentabilidade do desenvolvimento humano.

Assim, o crescimento da violência é sentido de diferentes formas pela população. Desta forma, conforme Freitas (2008), as regiões que possuem melhores condições, concentram crimes contra o patrimônio, “enquanto nas áreas mais pobres apresentam altos índices de crimes contra a pessoa”, são nelas também que se concentram os casos de abusos e a violência institucionalizada do Estado.

Magrini (2014) atenta para a diferenciação da violência entre os segmentos populares e os segmentos com melhores rendas, que são atingidos de formas diferentes, além de outros fatores, como o demográfico.

Outro aspecto que altera o teor da violência entre as cidades é a questão de seu tamanho populacional e de seus papéis na rede urbana, fazendo com que, desse modo, a violência presente em uma metrópole não seja igual - em intensidade e em conteúdos, por exemplo - à violência que afeta cidade pequenas, mesmo que haja uma unificação imaginária das representações referentes à violência. Na perspectiva das vítimas de atos violentos também devemos atentar para as diferenciações, no sentido de que as violências a que estão expostos os segmentos populares não apresentam os mesmos conteúdos que a violência que ameaça pessoas de segmentos de maior renda - diferenciações que vão influenciar na produção de imaginários e das experiências urbanas (MAGRINI, 2014, p.89).

Essa violência também é sentida na economia, ou mais especificamente, a economia do medo, onde as populações mais abastadas conseguem ter acesso a tipos de segurança com mais tecnologia como cercas elétricas e câmeras de vigilância, enquanto as populações mais carentes fazem o que podem, como o uso de cascos de garrafas de vidro nos muros.

Em outra extremidade da esfera social, nos bairros periféricos, onde a pobreza mostra-se explicitamente, as pessoas que ali residem e vivem do

suor de seu trabalho, para terem o mínimo de segurança, usam cacos e pontas de garrafas de vidro presos com massa de cimento nos muros, evitando que suas casas sejam invadidas por delinquentes que convivem em seu meio (SANTOS, 2009, p.245).

Os grandes condomínios e os grandes shopping centers são resultados dessa exclusão social que tem como justificativa o crescimento da violência letal nos grandes centros urbanos.

A violência letal concentrada nos grandes centros urbanos, aliada a falta de perspectiva e à sensação de não pertencimento ao modelo de uma sociedade de consumo, em que as pessoas devem ser respeitadas pelas suas posses e não pelo simples fato de ser um “ser humano” caracteriza a vida cotidiana das cidades e, com o aumento nos índices de criminalidade e de violência, gera uma sensação de insegurança urbana muito grande, levando aqueles que podem a criar verdadeiras áreas livres de perigos e de pessoas consideradas “indesejáveis”, assim vivendo em condomínios e fazendo suas compras em grandes, seguros e frescos shopping centers, que cada vez mais aparecem por todas as grandes e médias cidades, deixando a cidade com seus problemas do lado de fora e longe do alcance de seus moradores (BORDIN, 2009, p.42).

Barcellos e Barreto (2017) falam que o tráfico de drogas está relacionado com a criminalidade, em que a guerra entre as facções está vinculada a casos de homicídios. Os padrões de sociabilidade são alterados e produzem novas formas de observação e relacionamento com o meio e o indivíduo.

Com isso, podemos compreender que o modo de vida urbano, a mobilidade, as novas formas de sociabilidade em rede, a intensificação das trocas interpessoais efêmeras dos perfis virtuais, enfim, as mudanças no padrão cultural produziram novas formas de observação e de relacionamento com o meio e com o outro. Essa nova sociabilidade reforça o anonimato, o medo e a violência, mudando a postura das pessoas, principalmente, nas metrópoles e nas cidades de pequeno porte (BARCELLOS e BARRETO, 2017, p.40).

É importante entender que a violência não é apenas um problema nacional, mas uma característica mundial, onde as cidades mantêm suas características

culturais, sociais e econômicas, mas transmitem uma sensação cada vez maior de insegurança e medo.

O crescimento das cidades e modificação da característica da população mundial e, conseqüentemente, o aumento das taxas de violência e criminalidade nas grandes cidades transmitem cada vez mais uma enorme sensação de insegurança e medo, mas ao verificarmos relatos e estudos sobre outras épocas da humanidade, verificamos que ela não é uma característica atual apenas das cidades brasileiras e sim uma característica mundial, mantendo-se as devidas características culturais, econômicas e sociais de cada país, região e até mesmo de cada época (BORDIN, 2009, p.42).

Freitas, Costa e Silva (2009) reforça que a distribuição desigual de Fortaleza apresenta uma conexão bastante expressiva com as condições socioeconômicas.

A distribuição desigual da criminalidade violenta na cidade de Fortaleza apresenta uma conexão bastante forte com as condições socioeconômicas. Os números mais expressivos de homicídios são encontrados em bairros cuja população está sujeita a maior vulnerabilidade social, atingindo preferencialmente os habitantes que residem em espaços cuja maior parte da população tem baixa renda e escolaridade e uma grande proporção de jovens (FREITAS, COSTA e SILVA, 2009, p.1).

Da mesma forma, Souza, Medeiros e Pinheiro (2013) reforçam que estudos apontam que as desigualdades sociais são um dos condicionantes do aumento da criminalidade. Em seu trabalho, eles buscam analisar a dinâmica espacial da criminalidade relacionada com os aglomerados subnormais, as favelas.

Estudos apontam as desigualdades sociais, cada vez maiores, como um dos principais condicionantes para o aumento da criminalidade. A má distribuição de renda, péssimas condições de habitação, dentre outros condicionantes, podem estar intimamente ligados ao aumento da criminalidade. Não obstante, o principal foco dessas pesquisas busca investigar as causas da criminalidade, porém poucos trabalhos dedicam-se ao estudo da distribuição e da dinâmica espacial do fenômeno. Esta última abordagem é de significativa relevância, posto que a violência se apresenta concentrada espacialmente e neste sentido, busca-se saber se a

distribuição de homicídios em Fortaleza apresenta correlação espacial com a presença de aglomerados subnormais (favelas) (SOUZA, MEDEIROS e PINHEIRO, 2013, p. 4451).

Desta forma, como um dos objetivos de entender a relação entre violência e vulnerabilidade socioeconômica e espacial, no próximo tópico serão abordados dados sobre a violência no Brasil, no Ceará e Fortaleza.

3.2 Dados sobre a violência no Brasil, Ceará e Fortaleza

Em escala global, o Brasil é o país com maior número de homicídios em 2020, com 47.772, segundo dados do Escritório das Nações Unidas, que utiliza o Sistema DataSUS. Vale ressaltar que se forem levados em consideração dados disponibilizados pela polícia, o número de homicídios cresce consideravelmente para 50.512 casos de MVI em 2020, segundo informações disponíveis no Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2022).

Segundo o Data UNODC, sistema de dados do Escritório das Nações Unidas para Crimes e Drogas, o Brasil é de longe o país com maior número absoluto de homicídios do planeta. [...] Significa dizer que o Brasil, que tem uma população que equivale a 2,7% dos habitantes do planeta, respondeu por cerca de 20,5% dos homicídios conhecidos que foram cometidos no planeta em 2020. Em volume de registros, apenas Índia (40.651) e México (36.579) possuem números absolutos informados tão grandes quanto o Brasil. O que chama atenção, contudo, é que essa proporção de 20,4% dos homicídios do planeta ter ocorrido no Brasil é 30,8% superior àquela observada para 2019, quando o país era responsável por 15,6% dos homicídios do planeta (FBSP, 2022, p.30).

No país, os números de homicídios dolosos (quando há intenção de fazer), de latrocínio (roubo seguido de morte) e lesão corporal seguida de morte diminuíram considerando os valores absolutos, entre 2020 e 2021, segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2022.

Com vínculo ao Ministério da Justiça, em 2006 foi criada a sigla CVLI - Crimes Violentas Letais Intencionais, pela Secretaria Nacional de Segurança Pública, com o intuito de agrupar os crimes com maior relevância social. Compreende crimes que tenham como consequência a morte, que se enquadram:

os homicídios dolosos, lesão corporal com consequência de morte e latrocínio (FERREIRA et al., 2020).

Tabela 3 - Crimes Violentos Letais Intencionais (CVLI) no Brasil nos anos de 2020 e 2021.

Ano	Homicídio Doloso	Latrocínio	Lesão Corporal
2020	42.472	1.447	673
2021	39.961	1.445	512

Fonte: Anuário Brasileiro de Segurança Pública, 2022. Elaboração: Autoral, 2023.

Mesmo com a melhora nas taxas de violência extrema entre os anos de 2020 a 2021, o Brasil possui uma das maiores taxas com relação a outros países analisados, possuindo como principais vítimas pessoas negras (77,9%). Metade das pessoas estão entre a faixa etária dos 19 e 29 anos, sendo 91,3% deles do sexo masculino.

Considerando-se as taxas de CVLI em 2021, os Estados que possuem as maiores taxas estão concentradas nas regiões norte e nordeste. Em primeiro lugar o Amapá, com um número absoluto de 472 casos e uma taxa por 100 mil habitantes de 53,8, o maior do Brasil. Bahia em segundo, com 6.734 casos e uma taxa de 44,9; Amazonas em terceiro, com 1670 casos e taxa de 39,1; Ceará, com 3.418 casos e taxa de 37; em seguida Roraima, com 232 casos e uma taxa de 35,5, e por último da lista, São Paulo, com 3.366 casos e uma taxa de 7,9 por 100 mil habitantes. Em comparação com esses Estados, o Brasil estava com uma taxa de 22,3, somando um total de 47.503 casos de crimes violentos em 2021, como demonstra a tabela 3.

São Paulo é o Estado mais populoso do país, possui o segundo maior número de casos da região sudeste, atrás apenas do Rio de Janeiro. No entanto, possui a menor taxa de CVLI do país, enquanto outros Estados como Amapá e Roraima, possuem taxas muito altas, maiores até do que São Paulo, mesmo tendo números de casos de CVLI baixos. É importante observar essas taxas, pois elas podem mascarar informações, isso, quando esses dados são comparados.

Com relação à Bahia e ao Ceará, eles são os Estados com maiores números absolutos de casos de CVLI em 2021 da região nordeste, estão entre os três

Estados mais populosos, e possuem as maiores taxas de CVLI da região, maiores também que as taxas dos estados da região sudeste e sul.

Tabela 4 - Casos absolutos e taxas dos estados com maiores números de CVLI no ano de 2021.

UF	Nº de CVLI em 2021	Taxa por 100 mil Hab. em 2021
Amapá	472	53,8
Bahia	6.734	44,9
Amazonas	1.670	39,1
Ceará	3.418	37,0
Roraima	232	35,5
São Paulo	3.666	7,9
Brasil	47.503	22,3

Fonte: Anuário Brasileiro de Segurança Pública, 2022. Elaboração: Autoral, 2023.

Com relação às regiões brasileiras, a região com maior número de MVI é a Nordeste, com cerca de 22.147 mortes em 2020 e apresentando uma redução de 1.647 mortes no ano de 2021. Os principais estados que mais contribuem são a Bahia, com 6.734, o Ceará, com 3.418 mortes, e Pernambuco com 3.368 mortes. Posteriormente, a segunda região com maior MVI é a Sudeste, com uma redução de 947 mortes com relação ao ano de 2020. O principal estado é o Rio de Janeiro, com 4.775 mortes em 2021, seguido de São Paulo, com 3.666 mortes.

A região Norte é a terceira, apresentando um aumento de mais de 500 mortes em 2021 com relação ao ano anterior. O estado que mais contribui para esse número é o Pará, com 2.881 mortes, tendo aproximadamente um terço dos casos da região Norte. A região Sul é a quarta com os maiores números, com 5.334 mortes em 2020 e 4.975 mortes em 2021, apresentando uma redução de mais de 350 casos. O Centro-Oeste é a última região, com 3.706 casos em 2021,

apresentando uma redução com relação ao ano de 2020 de mais de 520 mortes. O principal estado é o Goiás, com 1.881 casos, representando aproximadamente a metade de casos de toda a região. Conforme descrito na tabela 4.

As Mortes Violentas Intencionais consideram os crimes de homicídio doloso, latrocínio, lesão corporal seguida de morte e feminicídio. Se enquadram também nas estatísticas, dados envolvendo a atuação policial, tanta a letalidade, quando a polícia mata, quanto a mortalidade, quando a polícia é a vítima (STABILE, PAIVA e HONÓRIO, 2023).

Tabela 5 - Casos absolutos de Mortes Violentas Intencionais (MVI) por região nos anos de 2020 e 2021.

Ano	Nordeste	Sudeste	Norte	Sul	Centro-Oeste
2020	22.147	12.978	5.758	5.334	4.231
2021	20.500	12.031	6.291	4.975	3.706

Fonte: Anuário Brasileiro de Segurança Pública, 2022. Elaboração: Autoral, 2023.

Entre o ranking dos estados com maior número de vítimas de homicídios dolosos em 2021, encontram-se a Bahia ocupando o primeiro lugar, com 5.532 mortes, Rio de Janeiro, com 3.247 mortes; Ceará com 3.234 mortes; Pernambuco, com 3.230; e São Paulo, com 2.847.

Tabela 6 - Casos absolutos e taxas de seis estados brasileiros com números de homicídios dolosos no ano de 2021.

UF	Região	Nº Absoluto	Taxas por 100 mil Hab.
Bahia	Nordeste	5.532	36,9
Ceará	Nordeste	3.234	35
Amazonas	Norte	1.486	34,8
Pernambuco	Nordeste	3.230	33,4

Amapá	Norte	288	32,8
São Paulo	Sudeste	2.847	6,1
Brasil		39.961	18,7

Fonte: Anuário Brasileiro de Segurança Pública, 2022. Elaboração: Autoral, 2023.

Embora o Ceará e o Amazonas possuam uma pequena diferença entre as taxas de homicídios dolosos, o número absoluto do Ceará é mais que o dobro comparado ao de Amazonas. São Paulo também aparece com a menor taxa de homicídios dolosos do país, mesmo estando entre os estados com maiores números de homicídios, mostrando que as regiões norte e nordeste possuem os maiores números de casos de homicídios do país e onde as taxas são bem superiores em relação aos demais estados.

Dentre os municípios brasileiros com maiores taxas médias de MVI (Mortes Violentas Intencionais) entre os anos de 2019 e 2021 encontram-se o município cearense, São João do Jaguaribe em primeiro lugar com uma média de 224,0 MVI por cada 100 mil habitantes, em segundo e em terceiro, Jacareacanga (PA) e Aurelino Leal (BA), com 199,2 e 144,2, respectivamente. O ranking continua com cidades do Rio Grande do Norte, do Mato Grosso, Sergipe e Minas Gerais. (FBSP, 2022).

Mesmo tendo uma redução com relação ao ano de 2020, Fortaleza apresenta-se como a terceira capital com maior número de Crimes Violentos Letais Intencionais (CVLI) em 2021, com 871 casos, atrás de Salvador, com 1.271 e Manaus, com 1.060 casos. É importante observar que o Ceará é o terceiro maior estado com casos de crimes dolosos, o que pode contribuir tendo sua capital com o terceiro maior número de casos e a cidade mais violenta do país - São João do Jaguaribe. Na tabela a seguir, é possível observar as 5 capitais com maiores números de CVLI em 2021 e a quantidade correspondente ao ano de 2020:

Tabela 7 - Casos absolutos das cinco capitais com maiores números de CVLI nos anos de 2020 e 2021.

Capital	UF	Nº de CVLI em 2020	Nº de CVLI em 2021
---------	----	--------------------	--------------------

Salvador	BA	1.151	1.271
Manaus	AM	657	1.060
Fortaleza	CE	1.216	871
Rio de Janeiro	RJ	957	790
São Paulo	SP	709	603

Fonte: Anuário Brasileiro de Segurança Pública, 2022. Elaboração: Autoral, 2023.

Pode-se observar que dentre as 5 capitais analisadas acima, apenas Manaus (AM) obteve um aumento de quase 62% em 2021 comparado ao ano de 2020.

Além disso, de acordo com o DATASUS (2000, apud FREITAS, 2008), Fortaleza se encontrava na 18° posição de capitais com maiores números de homicídios, enquanto a RMF encontrava-se em 11° com relação a outras regiões metropolitanas. Freitas (2008) já ressaltava a situação nos anos 2000, em que já havia uma enorme concentração de renda e a de pessoas vivendo abaixo da linha da pobreza, buscando a sobrevivência no mercado informal.

Freitas (2008) observava que a violência em Fortaleza apresentava um crescimento substancial desde 1990, reflexo das transformações socioeconômicas e do modo de vida urbano, como ocorria nas demais metrópoles brasileiras.

Em suma, as metrópoles brasileiras, ainda configuram-se hoje como lugares da riqueza, mas também é o lócus da pobreza e da miséria, bem como da insegurança e da violência, e Fortaleza não foge essa regra. Desde a década de 1990, a cidade tem apresentado um aumento substancial da violência e da criminalidade, reflexo das transformações sócio-econômicas e do modo de vida urbano (FREITAS, 2008, p.21).

Com relação aos Crimes Contra o Patrimônio, Guimarães (2018) afirma que os mais habituais são o furto, roubo e extorsão, e explica cada um deles segundo o código penal:

No âmbito dos crimes patrimoniais os mais habituais são o furto, roubo e extorsão. De acordo com Código Penal, furto é se apropriar de objeto alheio para si sem que haja violência física ou psicológica contra a vítima. Tal

infração pode ser configurada em furto qualificado, caso haja quebra de alguma barreira para furtar o objeto, abuso de confiança ou mediante fraude, com emprego de chave falsa e ação feita por dois indivíduos ou mais. E o furto de coisa comum que é subtrair o condômino, coerdeiro ou sócio, para si ou para outrem, a quem legitimamente a detém, coisa comum. Já roubo se trata também de apropriação de objeto alheio para si, porém nesse caso há emprego de violência ou grave ameaça contra a vítima. Já na extorsão além da violência contra o dono do bem, o criminoso coage a vítima de forma a constranger a mesma, a fim de obter vantagem econômica. Além desses crimes, existem outras infrações de caráter patrimonial que são a usuração, o dano, a apropriação indébita e o estelionato. (GUIMARÃES, 2018, p.11).

O Anuário Brasileiro de Segurança Pública disponibiliza dados sobre o furto e roubo de veículos por Unidade Federativa (UF), roubo e furto de celulares, roubo a estabelecimentos comerciais e roubo a residências, que serão explanados neste trabalho.

Conforme a Secretaria Nacional de Segurança Pública (2016, apud SILVA FILHO, ZEBENDE e GUEDES, 2017), o roubo de veículos é quando a coisa é subtraída mediante violência à pessoa, enquanto o furto de veículos se caracteriza pela subtração da coisa de forma alheia, nos quais se encaixam veículos terrestre sem carga transportada, como automóveis de passeio, caminhonete e caminhões sem carga, veículos de transporte coletivo, motocicleta, motoneta, etc.

No ano de 2021, o ranking de estados que mais somaram ocorrências de roubos e furtos de veículos foram São Paulo e Rio de Janeiro, com 112.711 e 38.747 ocorrências, respectivamente. O estado do Ceará registrou 11.857 ocorrências, estando em 8º lugar no ranking, seguido de Santa Catarina e Espírito Santo, com 8.919 e 8.481 casos, respectivamente. Observando a tabela 8, é possível observar a posição dos dez estados com maiores ocorrências de furtos.

Tabela 8 - Os dez estados com os maiores números absolutos de ocorrências de roubos e assaltos de veículos em 2021.

Estado	Sigla	Números Absolutos	Taxas por 100 mil veículos
--------	-------	-------------------	----------------------------

São Paulo	SP	112.711	358,3
Rio de Janeiro	RJ	38.747	531
Minas Gerais	MG	24.105	192,8
Bahia	BA	17.985	383
Paraná	PR	15.604	187,1
Pernambuco	PE	14.534	435,9
Rio Grande do Sul	RS	13.850	180,1
Ceará	CE	11.857	337,5
Santa Catarina	SC	8.919	154,1
Espírito Santo	ES	8.481	392,6

Fonte: Anuário Brasileiro de Segurança Pública, 2022. Elaboração: Autoral, 2023.

O Estado do Rio de Janeiro é o que apresenta a maior taxa de roubos e furtos de veículos, embora esteja bem atrás de São Paulo, que apresenta os maiores números absolutos de casos, enquanto está na quinta posição com relação às taxas dos Estados analisados acima. Ceará encontra-se na sexta posição, levando em consideração as taxas apresentadas.

Outro tema que é bastante recorrente e comentado é o roubo e furto de aparelhos celulares. No ano de 2021, o Estado do Ceará estava em 6º lugar no ranking das Unidades Federativas com maiores números de ocorrências de roubos e furtos de celulares, com um número absoluto de 36.780 aparelhos, tendo uma queda de 4,5% com relação ao ano anterior. O *lockdown* do Covid-19 pode ser uma explicação para tal fato. Observou-se também um aumento de 5% do ano de 2019 para o ano de 2020. Os Estados de São Paulo, Pará e Minas Gerais aparecem em primeiro, segundo e terceiro lugar no ranking, com 289.461, 60.814 e 47.754 aparelhos, respectivamente. Na Tabela 9, observa-se melhor a diferença de ranking entre as 10 capitais com maiores números absolutos de roubos e furtos de celulares em 2021. Os crimes cometidos em vias públicas, como roubos e furtos de celulares

ou outros objetos, possuem um efeito decisivo na sensação de segurança da população.

Tabela 9 - Os dez estados com os maiores números absolutos de ocorrências de roubos e assaltos de aparelhos celulares e taxas.

Estado	Sigla	Nº Absolutos 2020	Taxas por 100 mil Hab. em 2020	Nº Absolutos 2021	Taxas por 100 mil Hab. em 2021
São Paulo	SP	277.350	599,2	289.461	620,5
Pará	PA	51.774	595,7	60.814	692,9
Minas Gerais	MG	56.856	267	47.754	692,9
Bahia	BA	51.300	343,6	43.771	292,1
Pernambuco	PE	34.955	363,5	40.525	418,9
Ceará	CE	38.455	418,6	36.780	398
Amazonas	AM	32.832	780,3	36.079	844,9
Paraná	PR	33.296	289,1	30.530	263,2
Rio de Janeiro	RJ	27.861	160,4	28.903	165,5
Goiás	GO	32.192	452,5	28.094	389,8

Fonte: Anuário Brasileiro de Segurança Pública, 2022. Elaboração: Autoral, 2023.

Salienta-se também, que o Brasil é o quinto maior país com maiores quantidades de aparelhos celulares, totalizando 109 milhões de aparelhos em 2021, segundo Souza (2021). No mesmo ano, o país teve cerca de 857.313 aparelhos roubados ou furtados, ou seja, equivale ao menos um (1,6) celular roubado ou furtado por minuto em 2021 (FBSP, 2022).

O Datafolha em 2022 realizou uma pesquisa para residentes das cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo a respeito do sentimento de segurança da

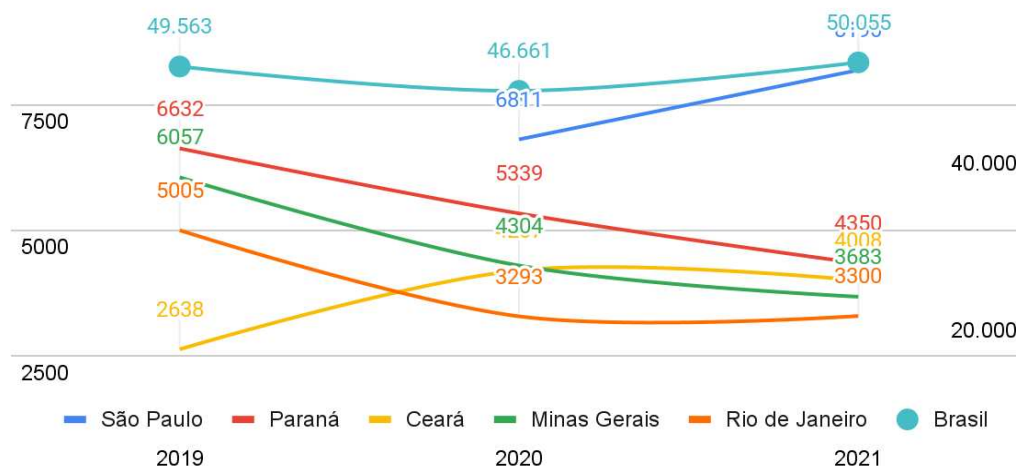
população, 90% dos questionados responderam que tinham medo de serem assaltados na rua (MARQUES e LAGRECA, 2022, p.121).

Mesmo com a queda de roubos durante a pandemia no ano de 2020 com relação ao ano anterior, essa tendência não se manteve em 2021, embora as taxas não estejam no mesmo patamar que em 2020, com o avanço da vacinação e maior circulação de pessoas, observou-se uma retomada nesses tipos de atividades criminosas (MARQUES e LAGRECA, 2022, p.121).

[...] O ano de 2021 foi marcado pela retomada das atividades, principalmente a partir do avanço da vacinação, e o que as estatísticas nos indicam é que também houve retomada de parte considerável das ocorrências de crimes contra o patrimônio – como falado anteriormente, tivemos leve crescimento de roubo a estabelecimentos comerciais, a residências, roubo a instituições financeiras (com destaque para os casos de maior repercussão, como no “novo cangaço”) e roubo de carga. As taxas, contudo, ainda não se igualam aos patamares anteriores à pandemia de Covid-19 [...] (MARQUES e LAGRECA, 2022, p.121).

O número de roubos a estabelecimentos comerciais subiu com o passar do tempo (Gráfico 4). No ano de 2020, o Brasil teve cerca de 46.661 casos de roubos a comércio, enquanto em 2021, os casos em todas as UFs somaram mais de 50 mil casos. Filtrando melhor, observa-se que o Estado de São Paulo permaneceu em primeiro lugar no ranking nesses dois anos, em 2020 com 6.811 casos e em 2021 com 8.190. No ano de 2020, o Ceará estava na quarta posição, com 4.207 roubos, entretanto, em 2021, registrou 4.008, mesmo registrando um número menor, ele subiu de posição no ranking, indo de quarto para terceiro lugar.

Gráfico 4 - Os cinco estados com maiores números absolutos de roubos a estabelecimentos comerciais nos anos de 2019, 2020 e 2021.



Fonte: Anuário Brasileiro de Segurança Pública, 2021 e 2022. Elaboração: Autoral, 2023.

*Não foi possível encontrar a quantidade de roubos no Estado de São Paulo no ano de 2019.

Dos cinco estados analisados, apenas Rio de Janeiro e Paraná permaneceram em suas posições, quinta e segunda, nessa ordem, e tiveram queda em seus casos. Minas Gerais cedeu a terceira posição ao Ceará, tendo uma queda de mais de 14% nos casos, observando os anos de 2020 a 2021. São Paulo foi o único estado dos analisados que teve um acréscimo no número de seus casos.

Tabela 10 - Os cinco estados com os maiores números absolutos e taxas de roubos a estabelecimentos comerciais de 2020 e 2021.

Estado	Sigla	Nº Absolutos 2020	Taxas por 100 mil Hab. em 2020	Nº Absolutos 2021	Taxas por 100 mil Hab. em 2021
São Paulo	SP	6.811	14,7	8.190	17,6
Paraná	PR	5.239	45,5	4.350	37,5
Ceará	CE	4.207	45,8	4.008	43,4
Minas Gerais	MG	4.304	20,2	3.683	17,2
Rio de Janeiro	RJ	3.293	19,0	3.300	18,9

Brasil	BR	46.661	22,0	50.055	23,5
--------	----	--------	------	--------	------

Fonte: Anuário Brasileiro de Segurança Pública, 2022. Elaboração: Autoral, 2023.

Com relação às taxas apresentadas pelos cinco estados acima, o Ceará possui a maior delas, tanto no ano de 2020, com 45,8, e em 2021, com 43,4. No entanto, se comparadas com as taxas de todos os estados, Amapá possui a maior taxa delas em 2021, com 100,1 roubos a estabelecimentos comerciais, enquanto o Ceará ocupa a 6º posição entre eles. É notório a presença de estados do norte e nordeste com as maiores taxas de roubos a estabelecimentos comerciais do país, como Rondônia, Amazonas, Roraima e Rio Grande do Norte.

Desta forma, segundo Borges (2021), os baixos números de Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), que está atrelado à qualidade de vida, educação e renda, possuem ligação direta com as áreas da cidade que são mais violentas, reforçando o que já foi discutido. As áreas que são mais degradadas e que são mais precarizadas, com IDH baixo, concentram os diversos problemas sociais, em que a violência e a criminalidade encontram lugar para se expandir, como no caso do bairro Quintino Cunha.

3.3 Dados sobre a violência no bairro Quintino Cunha

Para falarmos sobre a violência no bairro Quintino Cunha, primeiramente tem-se que esclarecer que dados como CVLI, roubos e furtos não são disponibilizados pela SSPDS-CE (Secretaria de Segurança Pública e Desenvolvimento Social do Ceará) no recorte de bairros para os anos mais recentes, apenas no período de 2015 a 2017.

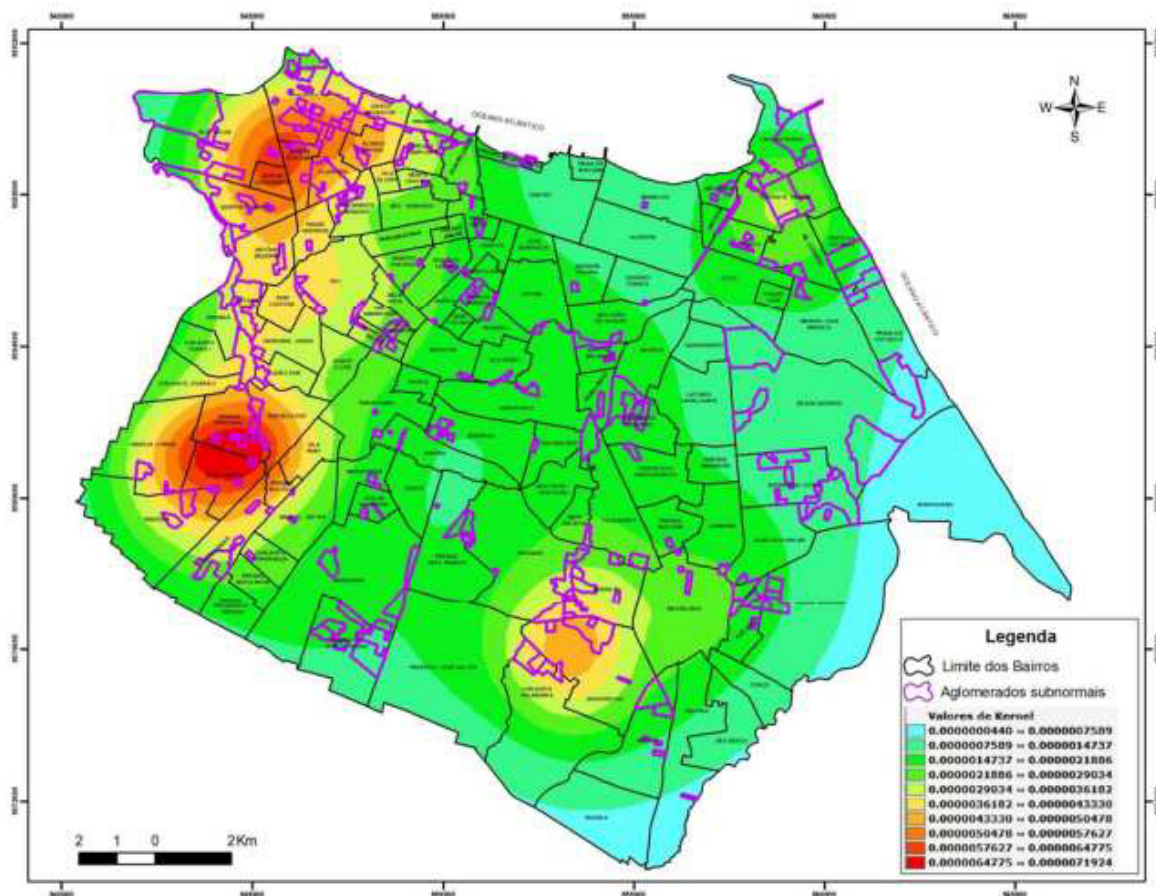
Para explicar esse assunto, serão utilizadas informações do Relatório de Pesquisa de Cartografia da Criminalidade e da Violência na Cidade de Fortaleza do ano de 2010, no qual o seu recorte se dá pelas Secretarias Executivas Regionais, já citadas neste trabalho, e o outro recorte a ser utilizado será o das Áreas Integradas de Segurança Pública, que mostrarão uma perspectiva mais regional e homogênea. E para falar sobre a violência em uma visão mais específica, do bairro Quintino Cunha, serão utilizados os dados de ocorrências policiais dos anos de 2015 a 2017.

3.3.1 O relatório de pesquisa de cartografia da criminalidade e da violência

Em 2010, o bairro fazia parte da Secretaria Executiva Regional III, ou SER III, que compreendia outros 15 bairros, são eles: Amadeu Furtado, Antônio Bezerra, Autran Nunes, Bonsucesso, Bela Vista, Dom Lustosa, Henrique Jorge, João XXIII, Jóquei Clube, Padre Andrade, Parque Araxá, Pici, Parquelândia, Presidente Kennedy e Rodolfo Teófilo. Na época, a Regional possuía o terceiro menor índice de analfabetismo entre as outras regionais, e ocupava a quarta colocação em rendimento familiar, com ganhos médios de 4,6 salários. Esse dado, quando visto por bairros, nota-se que nove deles estavam abaixo dessa média, inclusive o Quintino Cunha, além de possuir os menores IDHM, de acordo com o censo de 2000 (BRASIL, 2010).

Sobre as relações conflituosas (calúnia, difamação, injúria, ameaça, preconceito de raça ou cor, rixa etc), no ano de 2009 a SER III registrou 3.946 ocorrências, sendo 436 ocorrências apenas no Quintino Cunha, onde foi observado um aumento do ano de 2008 para 2009 de 130 casos. O bairro não é citado no relatório como tendo muitos ou poucos roubos ou furtos (BRASIL, 2010).

Mapa 12 - Homicídios com análise Kernel e a presença de aglomerados subnormais.



Fonte: SOUZA, MEDEIROS e PINHEIRO, 2013.

Utilizando dados dos homicídios em 2010, Souza, Medeiros e Pinheiro (2013) constataram que após feito o mapa de densidade de Kernel (mapa 12), foram encontradas quatro áreas onde a concentração de homicídios era maior nas áreas com aglomerados subnormais, ou seja, as favelas. Quintino Cunha aparece como um desses bairros.

No mesmo ano, foram registradas 9 ocorrências de homicídios no Quintino Cunha, da mesma forma que os bairros Autran Nunes e Henrique Jorge, ficando atrás apenas do Pici e Bonsucesso, com 19 e 18, respectivamente. No ano anterior foram registrados 21 homicídios no bairro, superando outros bairros da mesma SER. Em 2007 os números também apresentaram uma variação, Quintino Cunha e Pici registraram 16 casos, atrás apenas de Henrique Jorge, com 17 (BRASIL, 2010).

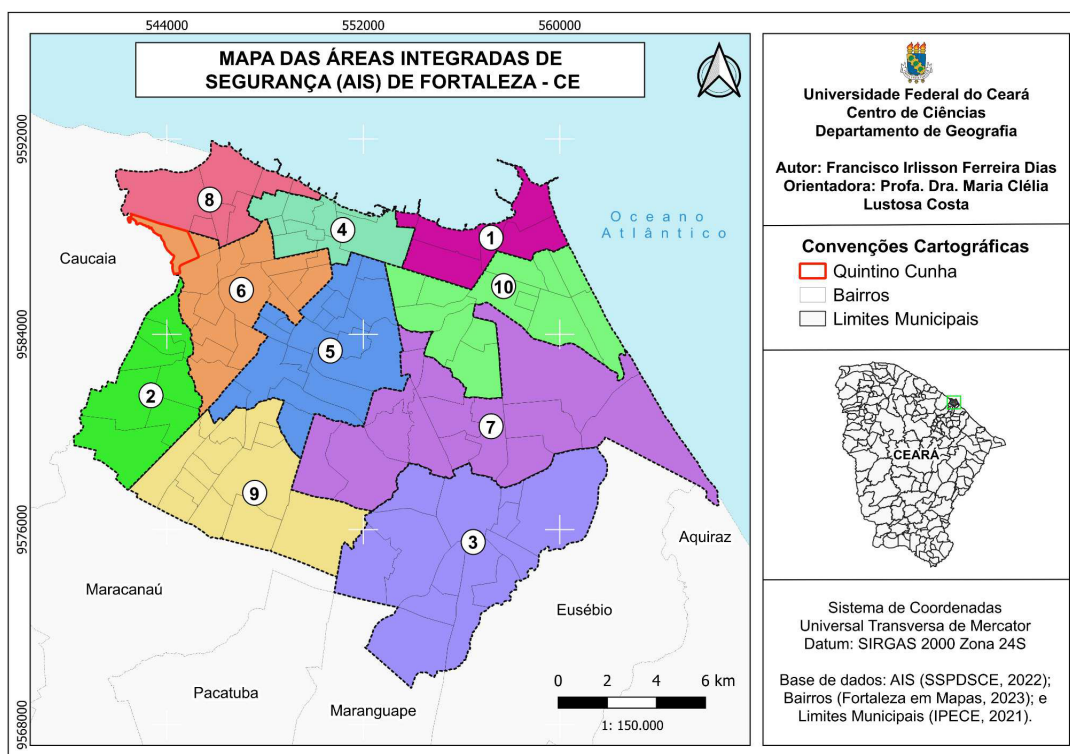
Assim, já se observava que o bairro possuía uma forte relação com a violência, principalmente nas relações conflituosas e nos casos de homicídios.

3.3.2 Área Integrada de Segurança 6

Visando uma maior eficiência nos resultados do combate ao crime nas regiões cearenses, foram criadas as Áreas Integradas de Segurança (AIS), geridas pela SSPDS-CE, compondo unidades de administração da segurança pública no Estado. São utilizados sistemas tecnológicos como inteligência artificial, a Coordenadoria Integrada de Operações de Segurança (Ciops), o Status, sistema que usa estatísticas qualitativas de ocorrências por semana, mês e ano. Esta é “uma ferramenta de inteligência analítica para dados criminais com vistas à tomada de decisões de gestores da segurança pública do Ceará”; além de contar também com o reconhecimento biométrico e facial (SSPDS, 2021). No mapa 13, pode-se observar a definição das AIS indicadas pelo número de cada uma delas.

O mapa foi produzido com informações disponibilizadas pela SSPDS-CE, em que cada um dos 121 bairros está inserido em uma AIS contabilizada de 1 a 10, enquanto outros municípios possuem sua própria AIS ou estão inseridos em regiões. No quadro 1, pode-se identificar cada AIS de Fortaleza com os bairros contemplados de acordo com o Mapa 13.

Mapa 13 - Áreas Integradas de Segurança de Fortaleza.



Fonte: SSPDS-CE, 2022. Elaboração: Autoral, 2023.

No site da SUPESP (Superintendência de Pesquisa e Estratégia de Segurança Pública), vinculada à Secretaria de Segurança Pública do Estado, é disponibilizado um painel dinâmico com indicadores criminais dos anos 2013 a 2022, tanto para o Estado quanto por AIS. Serão utilizados para esta pesquisa, dados por AIS de Fortaleza, que terão como finalidade, a produção de mapas que diferenciam cada AIS pelos indicadores criminais com foco no bairro Quintino Cunha, inserido na AIS 6, juntamente com os bairros Amadeu Furtado, Antônio Bezerra, Autran Nunes, Bela Vista, Bonsucesso, Dom Lustosa, Henrique Jorge, João XXIII, Jóquei Clube, Olavo Oliveira, Padre Andrade, Parque Araxá, Parquelândia, Pici, Presidente Kennedy e Rodolfo Teófilo.

Quadro 1 - Bairros de Fortaleza e suas Áreas Integradas de Segurança.

Área Integrada de Segurança (AIS)	Bairros Contemplados
1	Aldeota, Cais do Porto, Meireles, Mucuripe, Praia de Iracema,

	Varjota e Vicente Pinzon.
2	Bom Jardim, Conjunto Ceará I, Conjunto Ceará II, Genibaú, Granja Lisboa, Granja Portugal e Siqueira.
3	Ancuri, Barroso, Coaçu, Conjunto Palmeiras, Curió, Guajeru, Jangurussu, Lagoa Redonda, Messejana, Parque Santa Maria, Paupina, Pedras e São Bento.
4	Álvaro Weyne, Carlito Pamplona, Centro, Farias Brito, Jacarecanga, Monte Castelo, Moura Brasil, São Gerardo e Vila Ellery.
5	Aeroporto, Benfica, Bom Futuro, Couto Fernandes, Damas, Demócrito Rocha, Dendê, Fátima, Itaoca, Itaperi, Jardim América, José Bonifácio, Montese, Panamericano, Parangaba, Parreão, Serrinha, Vila Peri e Vila União.
6	Amadeu Furtado, Antônio Bezerra, Autran Nunes, Bela Vista, Bonsucesso, Dom Lustosa, Henrique Jorge, João XXIII, Jóquei Clube, Olavo Oliveira, Padre Andrade, Parque Araxá, Parquelândia, Pici, Presidente Kennedy, Quintino Cunha e Rodolfo Teófilo.
7	Aerolândia, Alto da Balança, Boa Vista, Cajazeiras, Cambéba, Cidade dos Funcionários, Dias Macedo, Edson Queiroz, Jardim das Oliveiras, José de Alencar, Parque Dois Irmãos, Parque Iracema, Parque Manibura, Passaré, Sabiaguaba e Sapiranga.
8	Barra do Ceará, Cristo Redentor, Floresta, Jardim Guanabara, Jardim Iracema, Pirambu e Vila Velha.
9	Aracapé, Canindezinho, Conjunto Esperança, Jardim Cearense, Maraponga, Mondubim, Novo Mondubim, Parque Presidente Vargas, Parque Santa Rosa, Parque São José,

	Planalto Ayrton Senna, Prefeito José Walter e Vila Manoel Sátiro.
10	Cidade 2000, Cocó, Dionísio Torres, Engenheiro Luciano Cavalcante, Guararapes, Joaquim Távora, Lourdes, Manuel Dias Branco, Papicu, Praia do Futuro I, Praia do Futuro II, Salinas e São João do Tauape.

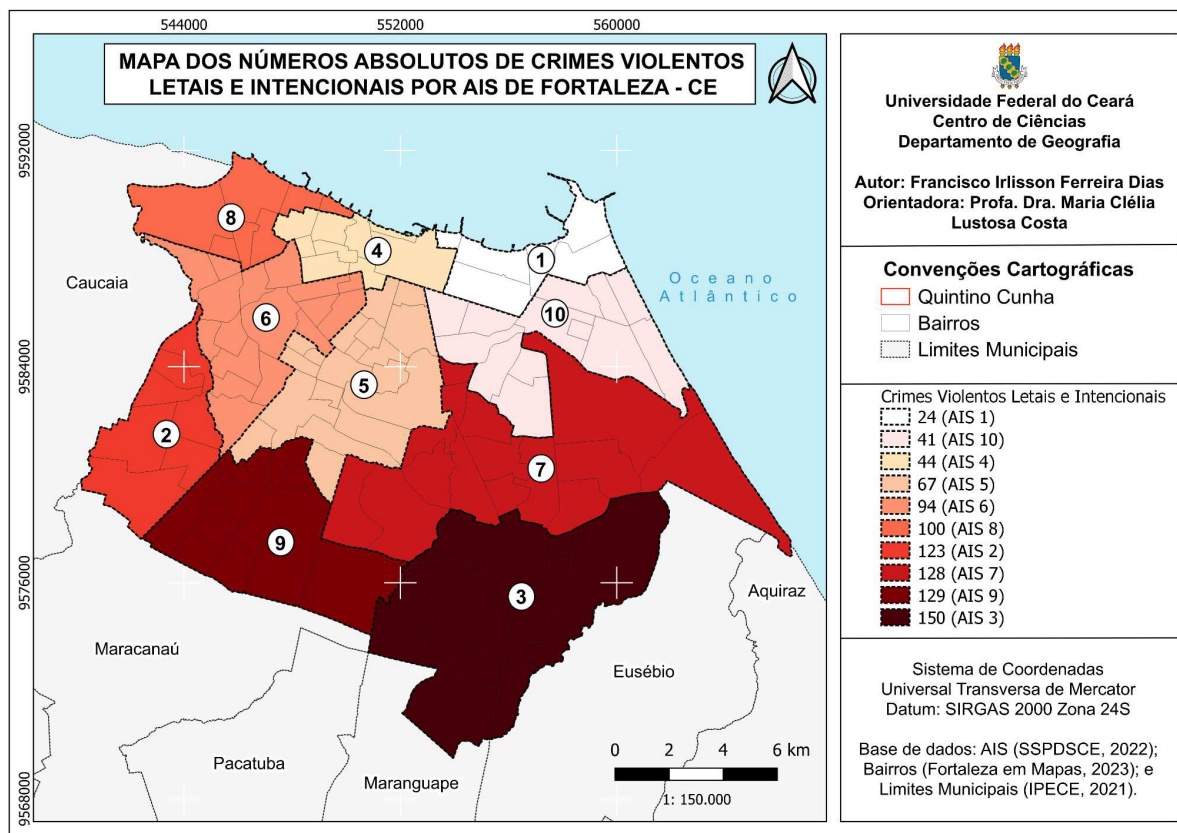
Fonte: SSPDS-CE, 2021. Elaboração: Autoral, 2023.

Os indicadores criminais disponíveis são: CVLI (Crimes Violentos Letais e Intencionais), CVP (Crimes Violentos Contra o Patrimônio), apreensão de entorpecentes, apreensão de armas de fogo (AAF), furtos e crimes sexuais. Como o foco não é na temática de violência sexual, serão desconsiderados esses dados.

Para elucidar melhor cada indicador, faz-se uma melhor descrição de como cada um deles é composto segundo os tipos de crimes. O CVLI inclui crimes como homicídio doloso, latrocínio e lesão corporal seguida de morte. Os CVP compreendem roubos com restrição à liberdade da vítima, roubos de carga, roubos de documentos, roubos de veículos e outros em que seja comprovado o uso da violência. Na apreensão de entorpecentes (A.E.), são incluídas como categorias, a cocaína, o crack, a maconha e outras drogas que causam efeitos psicotrópicos (DANTAS, 2014, p.22).

No mapa 14, está espacializado o primeiro indicador, Crimes Violentos Letais e Intencionais, observa-se que a AIS 3 é a que mais tem ocorrências de crimes violentos, com 150 casos, o que se mantém nas outras AIS mais periféricas, como a AIS 9 (129), a 7 (128), a 2 (123) e a 8 (100). No entanto, nota-se uma enorme diferença entre a AIS 1 da AIS 3, onde a 3 possui um valor de CVLI seis vezes maior que a AIS 1, assim, ficando clara a acentuada desigualdade entre a AIS central e AIS periférica. Além disso, AIS que são próximas ou possuem contato com a AIS 1, também possuem uma graduação nos números de CVLI abaixo das outras que não possuem tanta proximidade, é o caso das AIS 10 (41 casos), 4 (44 casos), 5 (67 casos) e a 6 (94 casos).

Mapa 14 - Números absolutos de Crimes Violentos Letais e Intencionais (CVLI) por AIS de Fortaleza - CE em 2021.



Fonte: SSPDS-CE, 2021. Elaboração: Autorial, 2023.

Freitas e Costa (2015) explicaram que a criminalidade violenta não está distribuída homogeneamente sobre o território, se concentrando nos bairros mais carentes. Em Fortaleza, as taxas mais elevadas de homicídios são encontradas nos bairros cuja população é vulnerável socialmente, atingindo preferencialmente os habitantes que residem em espaços sociais geograficamente segregados.

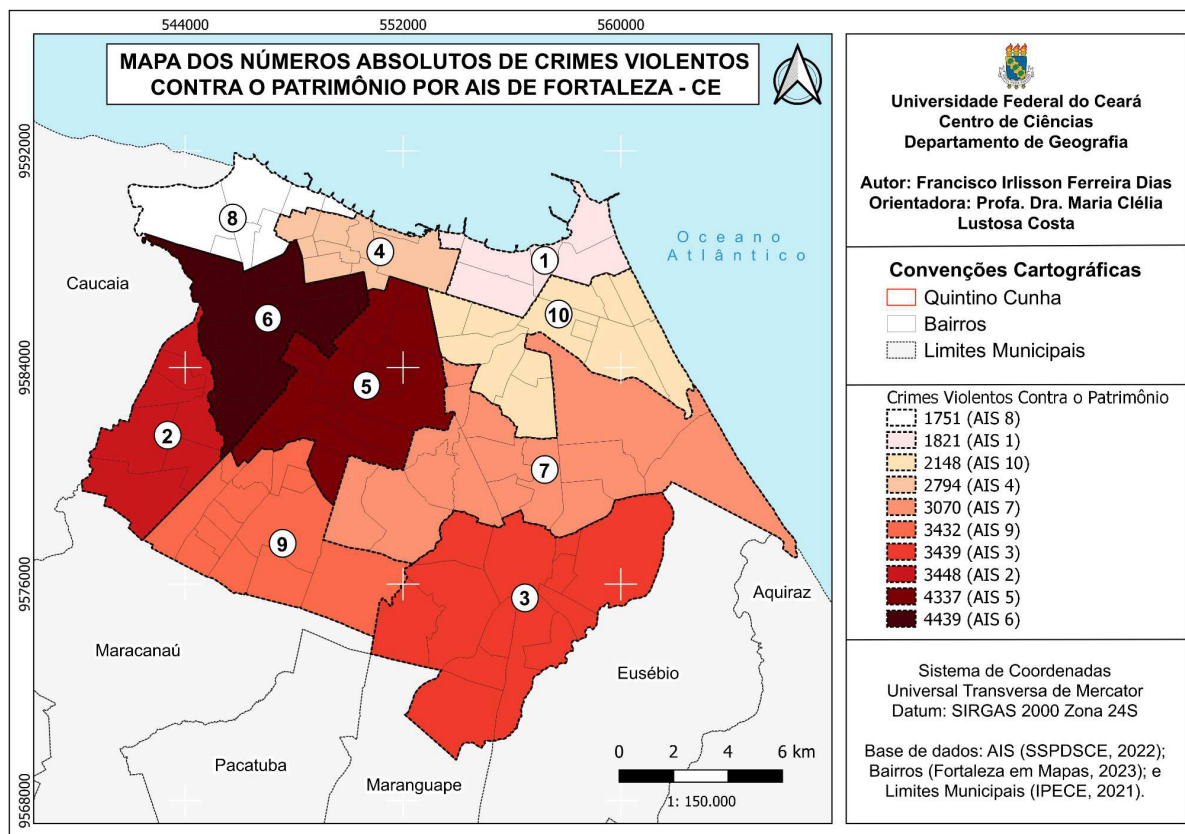
Embora não haja uma ligação direta entre renda média e taxas de homicídios na RMF, Freitas e Costa (2015) afirmam que fatores estruturais influenciam na elevação e distribuição de crimes letais.

Os fatores estruturais influenciam decisivamente na elevação e distribuição dos crimes letais. Não há uma relação forte e nítida entre a renda média e as taxas de homicídios na RMF. Todavia, as correlações entre as variáveis analisadas para a criminalidade letal mostraram visível influência da urbanização e metropolização [...] (FREITAS e COSTA, 2015, p.386).

Nas análises feitas por Freitas e Costa (2015), as maiores taxas de homicídios foram registradas nos bairros em que predominam operários e outros trabalhadores de baixo rendimento, num contexto social e econômico de indivíduos ou famílias fragilizados perante a situações de riscos de homicídios, sejam como vítimas ou como agressores.

Nos Crimes Violentos contra o Patrimônio (CVP) mostrados no Mapa 15, observa-se que há uma concentração de ocorrências com valores próximos nas AIS, como no caso das AIS 5 e 6, que possuem números com uma diferença um pouco maior que 100 ocorrências (4337-4439). Comparando estas com as outras AIS que estão nas classes de 1751-1821 (AIS 8 e 1), na classe 2148-2794 (AIS 10 e 4), e na classe 3070-3448 (AIS 7, 9, 3 e 2), observa-se uma concentração bem maior nas AIS 6 e 5. Mesmo com números altos, a AIS 1 está inserida nas AIS mais seguras com relação aos crimes patrimoniais e aos crimes violentos letais, como também a AIS 8 e a 10.

Mapa 15 - Números absolutos de Crimes Violentos contra o Patrimônio (CVP) por AIS de Fortaleza - CE em 2021.

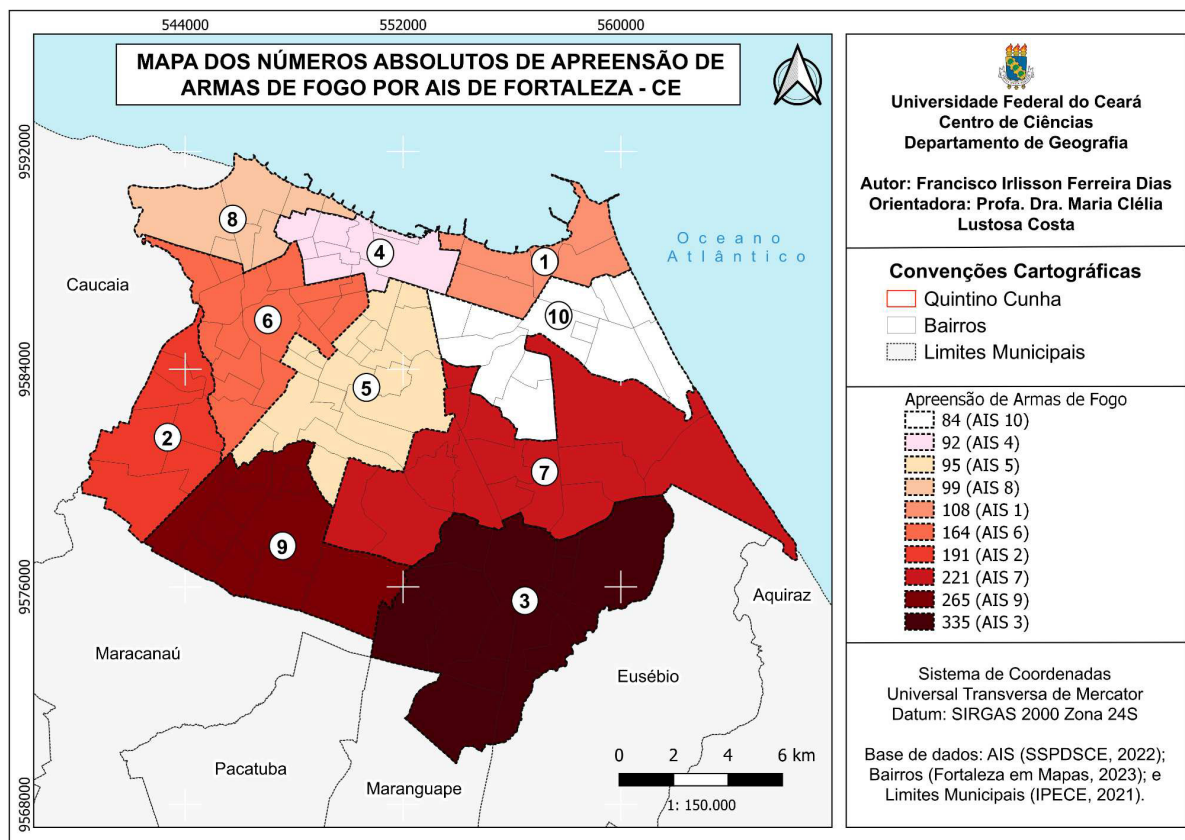


Fonte: SSPDS-CE, 2021. Elaboração: Autoral, 2023.

Almeida e Lopardi (2010), ao fazerem uma análise econômico-espacial de crimes contra o patrimônio na Região Metropolitana de Belo Horizonte, constataram que a renda se apresentou correlacionada com a teoria de que os lugares com maior concentração de capital são os locais com maior incidência de crimes contra o patrimônio, pois há maior retorno da atividade criminal. Além disso, afirmaram que a queda nas taxas de crimes contra o patrimônio estaria ligada a diminuição de renda, e, a longo prazo, a diminuição das vulnerabilidades sociais, juntamente com a diminuição das aglomerações urbanas.

Nas Apreensões de Armas de Fogo (AAF) no mapa 16, é notório que as AIS com maior número de apreensões contém bairros periféricos, principalmente a AIS 3, com 335 casos, a 9 (265), a 7 (221) e a 2 (191). Em comparação, tem as AIS 10 (84), 4 (92), 5 (95) e 8 (99), que são as que possuem os menores números de apreensões de armas de fogo. A AIS 6 (164) aparece com números bem próximos à média (165,7), estando abaixo dela. Comparando indicadores de CVLI e de AAF, nota-se que as mesmas AIS que possuem os maiores números de crimes letais são também os que apresentam os maiores números de apreensões.

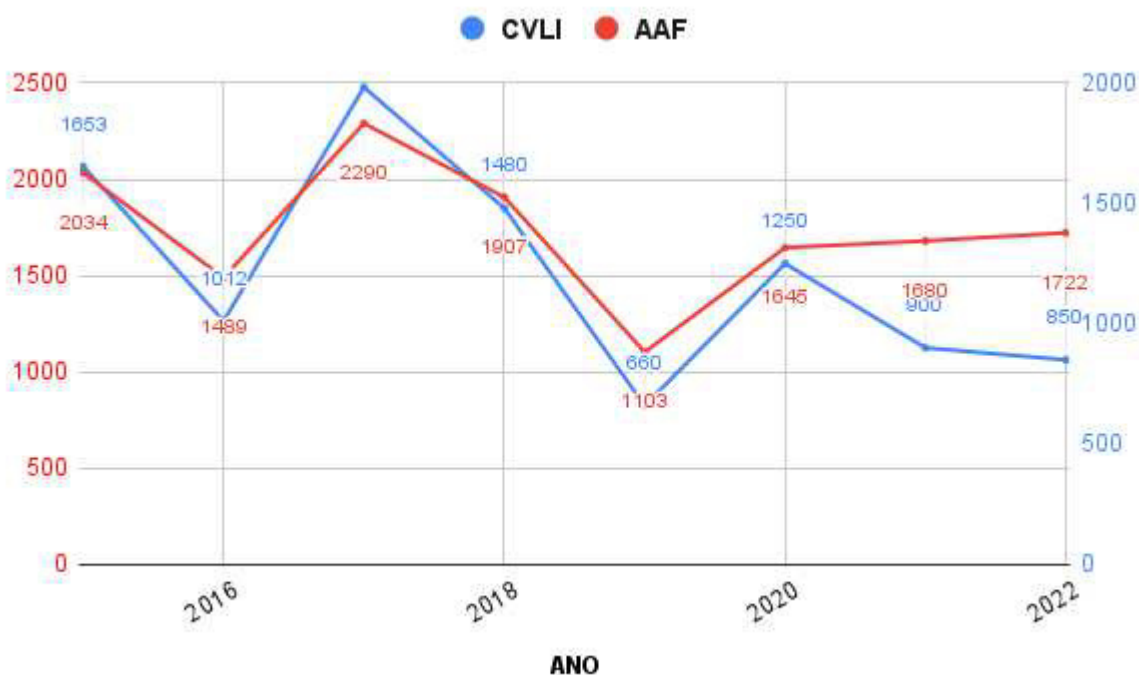
Mapa 16 - Números absolutos de Apreensões de Armas de Fogo (AAF) por AIS de Fortaleza - CE em 2021.



Fonte: SSPDS-CE, 2021. Elaboração: Autoral, 2023.

Estabelecendo uma comparação anual entre CVLI e AAF na capital (gráfico 5), no ano de 2019 foram apreendidas 1103 armas, o menor valor da série apresentada pela SSPDS, enquanto no mesmo ano o número de crimes letais também foi o menor da série anual, com 660 ocorrências. No ano de 2020, houve um aumento no número de apreensões, mais de 49%, ou seja, 1645 apreensões. Apresentou também um aumento no número de ocorrências de CVLI, cerca de 89% com relação ao ano anterior, ou seja, 1250 casos. No entanto, no ano de 2021 aconteceu o contrário, enquanto os números de armas apreendidas cresceram em relação ao ano de 2020, o número de vítimas de CVLI diminuiu, da mesma forma no ano de 2022.

Gráfico 5 - Casos de CVLI e AAF em Fortaleza - CE nos anos de 2015 a 2022.



Fonte: SSPDS-CE, 2023. Elaboração: Autoral, 2023.

Felix (2013) expressa que há uma relação direta entre armas e mortes, em uma briga ou discussão, uma arma acirra os ânimos e produz “heróis” e “bandidos” de última hora. Ela defende a retirada e o controle da circulação de armas desde a entrada em território nacional até a circulação em mãos impróprias, assim, elas deixarão de ser usadas para ameaçar vítimas.

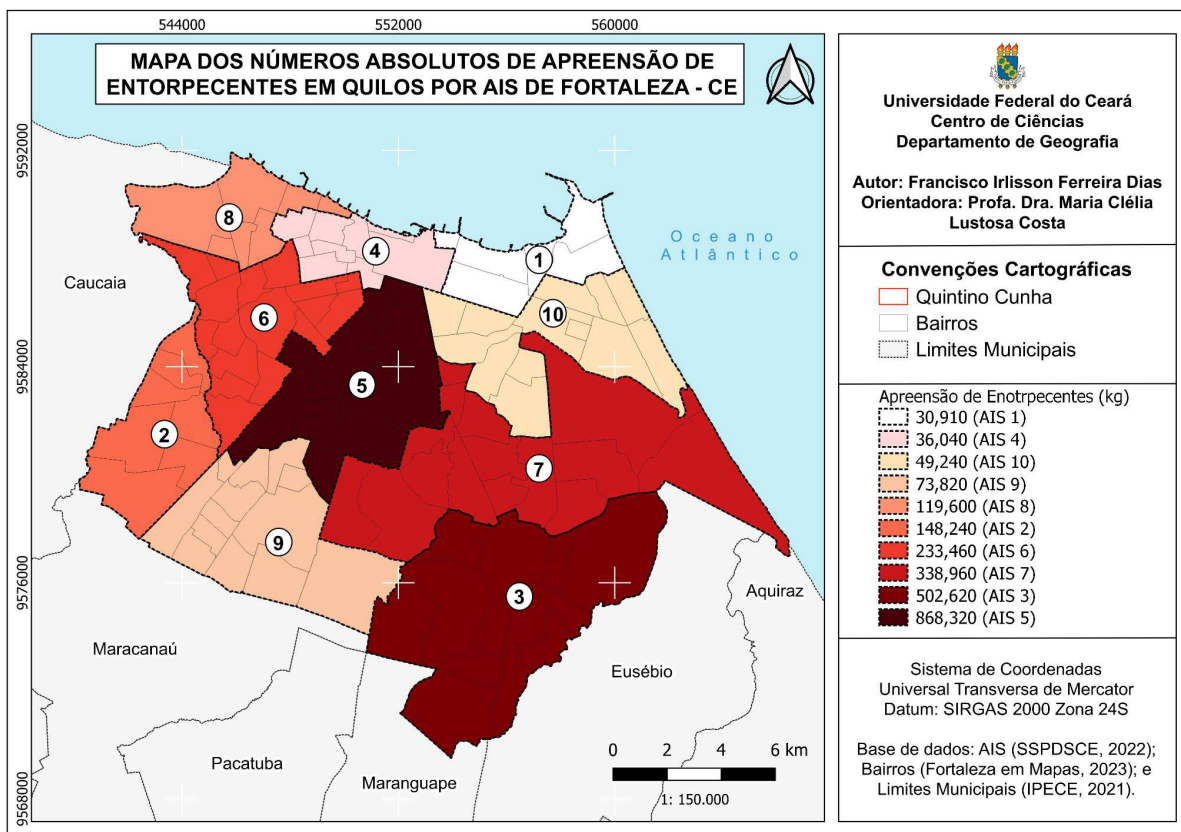
Hartung (2009) em sua tese sobre Demografia e Criminalidade constatou que:

Políticas públicas do governo estadual [São Paulo] de repressão ao porte ilegal de armas e a aprovação do Estatuto do Desarmamento em 2003 aumentaram muito o custo de portar uma arma e, dessa forma, reduziram a demanda por armas. Estimamos um forte efeito do estoque de armas sobre a taxa de homicídios. Nossas estimativas são que uma redução de 1% no estoque de armas deve reduzir entre 0.15% e 0.20% a taxa de homicídios por cem mil habitantes. Isso significa que a redução de aproximadamente 60% no estoque de armas entre 1999 e 2007 deve ter causado uma queda de 9% a 12% nos homicídios neste período. Incorporando a dinâmica da criminalidade, vemos que o efeito de longo prazo dessa redução do estoque de armas deve ser de aproximadamente 20% (HARTUNG, 2009, p.64).

Alcântara e Ramos (2018) dizem que há uma dualidade na defesa do porte de armas, em que alguns autores defendem a posse, pois consideram que são capazes de reduzir os crimes, funcionando como instrumentos de autodefesa e acabam por inibir o crime antes que aconteça. Porém, eles defendem a apreensão de armas de fogo e concluem que a grande maioria dos homicídios são perpetrados com armas na posse de criminosos. Enquanto outros dizem que a posse de arma pode aumentar a frequência do seu uso na resolução de conflitos interpessoais e em suicídios.

No indicador de apreensão de entorpecentes (AE) espacializado no Mapa 17, os números são calculados com relação ao peso em quilogramas. Nas AIS 1 (30,91 kg), 4 (36,04 kg), 10 (49,24 kg) e 9 (73,82 kg) são as que tiveram a menor apreensão de entorpecentes em 2021, não superando os 100 kg, enquanto na AIS 5 (868,32 kg), foram apreendidas quase uma tonelada de drogas, seguido da AIS 3 (502,62 kg), a 7 (338,96 kg) e a 6 (233,46 kg).

Mapa 17 - Números absolutos de Apreensões de Entorpecentes (A.P) por AIS de Fortaleza - CE em 2021.



Fonte: SSPDS-CE, 2021. Elaboração: Autoral, 2023.

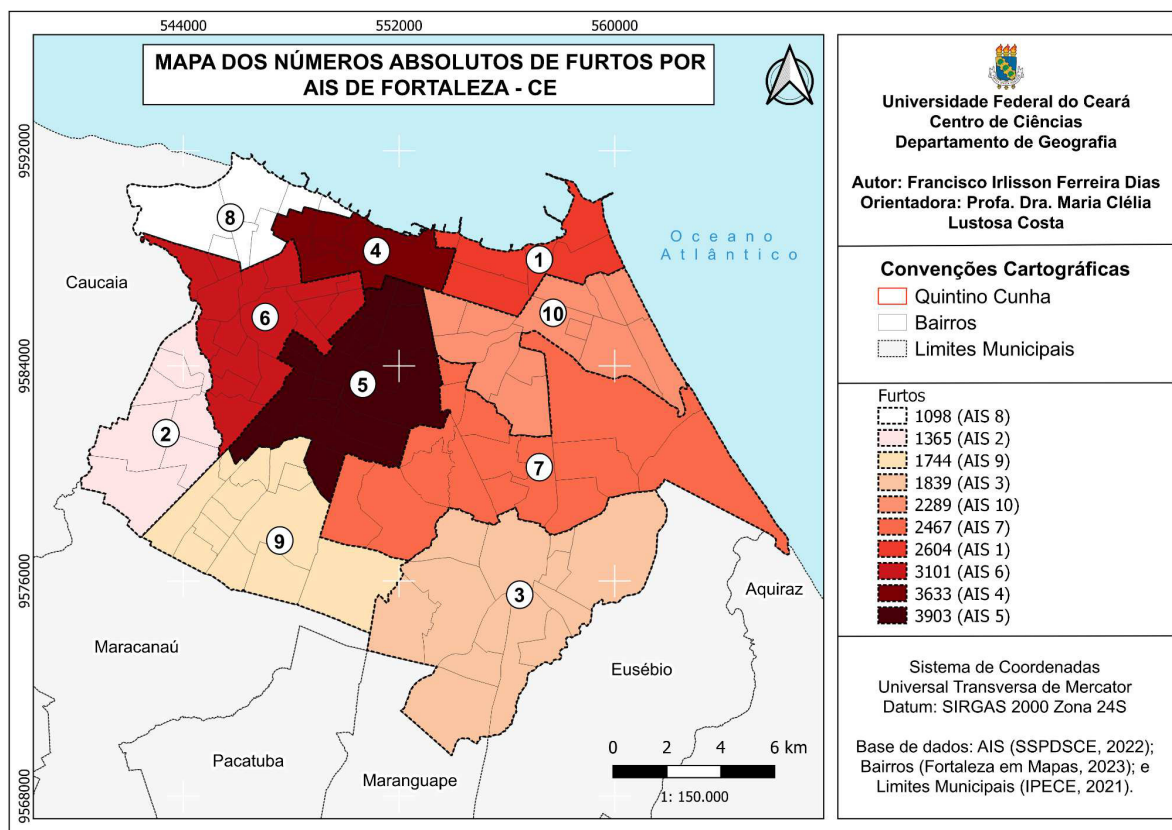
Faria e Barros (2011) ao falarem sobre o tráfico de drogas, primeiramente deixam claro que as condições de vida são diferentes para cada cidadão, não possuindo as mesmas oportunidades de vida, como estudar, ter uma profissão e se sustentar por meio de trabalhos legais. Assim, mesmo considerado ilegal, o tráfico de drogas torna-se uma opção para o meio e as causalidades em que eles estão inseridos, pois participam desde cedo de uma sociedade que idolatra, teme e protege o traficante de droga. Com o vislumbre de atingir o “sucesso” na vida mais rápido, as atividades ilícitas do tráfico de drogas tornam-se uma alternativa de driblar o sistema que exclui, mas também que inclui por meio da marginalidade.

Malvasi (2012) afirma que a política de “combate às drogas” no Brasil se baseia em quatro características principais: 1. delineamento dos públicos vulneráveis com foco em ações de prevenção, repressão e atenção; 2. a integração das áreas da saúde, segurança, educação e assistência; 3. indicadores de saúde com uso para argumentação das intervenções estatais; e 4. aproximação do uso das drogas com as práticas de crimes.

Há de se falar que é comum a associação do uso de drogas com crimes violentos. Silva Filho et al. (2001) diz que após os usuários esgotarem seus recursos legais para o consumo de drogas, recorrem a diversas modalidades de delitos com a finalidade de levantar mais recursos, como assaltos a transeuntes, a ônibus, a posto de combustíveis ou a casas lotéricas de forma recorrente, sejam várias vezes na semana ou várias vezes durante o dia. Comparando os indicadores de CVLI e apreensão de entorpecentes por AIS de Fortaleza em 2021, nota-se que as mesmas áreas que apresentam altos números de crimes letais são os que apresentam altos números de apreensão de drogas em quilogramas.

Os números de furtos no Mapa 18, foram bem altos nas AIS mais centrais como a 5 (3903), 4 (3633), 6 (3101), e a 1 (2604), enquanto algumas AIS periféricas que outrora apresentaram números muito altos de apreensões de drogas e armas, e de crimes letais, apresentaram números bem baixos, quase a metade das outras AIS ou menos que a metade, como no caso da 8 (1098), 2 (1365), 9 (1744) e a 3 (1839).

Mapa 18 - Números absolutos de furtos por AIS de Fortaleza - CE em 2021.



Fonte: SSPDS-CE, 2021. Elaboração: Autoral, 2023.

A AIS 6 ocupa diferentes posições referentes ao elevado número de ocorrências criminais registradas. Nos crimes letais, ocupa o sexto lugar e a primeira posição nos crimes contra patrimônio. As outras posições também são relevantes, como nas apreensões de armas, a quinta posição no números de casos; na apreensão de entorpecentes ocupa o quarto lugar; e no número de furtos ocupa a terceira colocação.

Pelo objetivo da pesquisa em analisar a relação da violência urbana com o comércio no bairro Quintino Cunha, ressalta-se que a AIS 6, em que o bairro está inserido, foi a que mais apresentou números absolutos de Crimes Violentos contra o Patrimônio (CVP), sendo também uma das que mais apresentaram ocorrências de furtos no ano de 2021.

3.3.3 Ocorrências policiais nos anos de 2015 a 2017

Nos registros diários que iniciam em 1º janeiro de 2015 e terminam no dia 31 de dezembro de 2017, são encontradas ocorrências descritas como roubos a pessoas ou estabelecimentos, mortes ou até mesmo ocorrências de veículos localizados em toda Fortaleza, além de outros tipos de ocorrências expostas no quadro 2.

Quadro 2 - Os tipos de ocorrências policiais e a quantidade referente aos anos de 2015 a 2017 no bairro Quintino Cunha.

Grupo	Descrição	Quant. em 2015	Quant. em 2016	Quant. em 2017	Total
1	Mortes a arma de fogo e arma branca	19	7	15	41
2	Roubos a pessoas, estabelecimentos e carga	3	10	0	13
3	Veículos localizados	10	38	46	94
4	Tráfico e apreensão de entorpecentes	5	3	4	12
5	Porte ilegal e apreensão de armas	7	8	13	28
6	Consumo de entorpecentes	0	0	0	0
7	Abandono de material	0	0	1	1

8	Desacato policial	0	0	0	0
9	Cumprimento de mandato	0	0	2	2
10	Lesão corporal a arma de fogo e arma branca sem morte	0	2	1	3
11	Violência doméstica	0	1	0	1
12	Direção Perigosa	0	1	0	1
13	Crime de ameaça	0	1	0	1
14	Crime ambiental	0	1	0	1
15	Captura de preso fugitivo	0	1	0	1
16	Crime eleitoral	0	1	0	1
Total		44	74	82	200

Fonte: SSPDS-CE, 2015, 2016 e 2017. Elaboração: Autoral, 2023.

Para conseguir esses dados mais simplificados, foi preciso analisar os dados brutos de cada relatório diário da série exposta e extrair apenas os que estavam inclusos no bairro. A análise apresentou algumas dificuldades, mesmo o relatório dizendo que a ocorrência havia sido efetuada no bairro, algumas ruas e logradouros não estavam nos limites do bairro, mas sim em outros bairros, como o Olavo Oliveira e o Vila Velha. Além disso, o relatório apresentava nomes de logradouros inexistentes ou errados, ou que não estavam sendo encontrados pelo *Google Maps* e *My Maps*, as plataformas utilizadas para o mapeamento. Desta forma, foram desconsideradas as ocorrências que tiveram esses tipos de problemas.

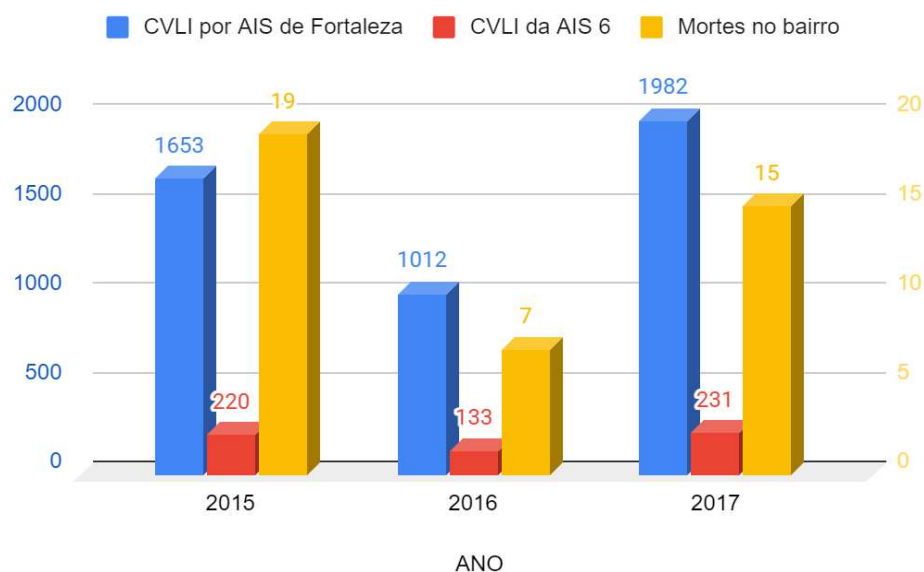
Segunda a SEFIN - Secretaria de Finanças de Fortaleza:

Os logradouros correspondem ao arruamento público da cidade, em geral são compostos por rodovias, avenidas, ruas, travessas, alameda, a passagem de uso exclusivo de pedestre, vias destinadas a ciclistas, praças, quarteirão fechado, entre outros (SEFIN, 2023).

Após a extração das ocorrências, elas foram espacializadas utilizando os logradouros de ruas, avenidas e travessas que estavam dentro do bairro. Foi feita a categorização delas em grupos e descritas como no quadro acima, de acordo como apareciam nos relatórios.

No grupo 1, foram inseridas ocorrências de mortes a arma de fogo e armas brancas, sendo a maioria com facas. No ano de 2015, foram efetuadas 19 ocorrências durante todos os meses do ano, estando concentrados no primeiro semestre do ano, com 12 ocorrências de morte. No ano de 2016, o número de casos registrados foi quase um terço do ano anterior, 7 ocorrências, e no ano de 2017, houve um aumento de mais de 100% nos casos registrados com relação a 2016, sendo 15 casos. Comparando com os crimes letais por AIS apresentados no tópico anterior, nota-se a mesma movimentação no número de casos, em que o ano de 2016 apresentou uma redução com relação ao ano de 2015, e em 2017 observou-se um aumento nas ocorrências de acordo com o gráfico 6.

Gráfico 6 - Número de ocorrências de CVLI por AIS e AIS 6 e mortes no bairro Quintino Cunha entre os anos de 2015 e 2017.



Fonte: SSPDS-CE, 2015, 2016 e 2017. Elaboração: Autoral, 2023.

Roubos a pessoas, a estabelecimentos comerciais, a carga e veículos, foram inseridos no grupo 2. No ano de 2017 não foi registrado nenhum roubo no bairro, seguindo as determinações feitas para o mapeamento dos dados, enquanto no ano de 2015 foram registrados 3 e no ano de 2016 foram registrados 10, sendo a maioria desse roubos a pessoas. Destaca-se que a modalidade de roubo e assalto são os crimes que mais possuem subnotificações, ou seja, com maior recorrência.

O número de veículos localizados no bairro é bem superior a qualquer outro grupo analisado, representando 94 casos de veículos encontrados dentro do período analisado, isso quer dizer que esses mesmo veículos foram roubados, provavelmente em outros bairros, já que não há muitos registros de roubos de veículos no bairro, e foram encontrados no Quintino Cunha pela polícia. O ano de 2017 foi o que teve o maior número de ocorrências no bairro, com 46 ocorrências, seguido de 2016, com 38 ocorrências.

O ano de 2015 apresentou 5 ocorrências de tráfico e apreensão de entorpecentes, o maior da série analisada. No ano de 2016 esse número apresentou uma redução, mas no ano de 2017 voltou a subir. Como já explicado, o tráfico de drogas é um dos principais causadores do aumento de roubos e homicídios, então se forem comparados os grupos de mortes e de apreensão, observa-se que um acompanha o outro, enquanto o número de mortes aumenta, o número de apreensão de entorpecentes também aumenta, da mesma forma quando esses indicadores têm uma redução nos anos analisados.

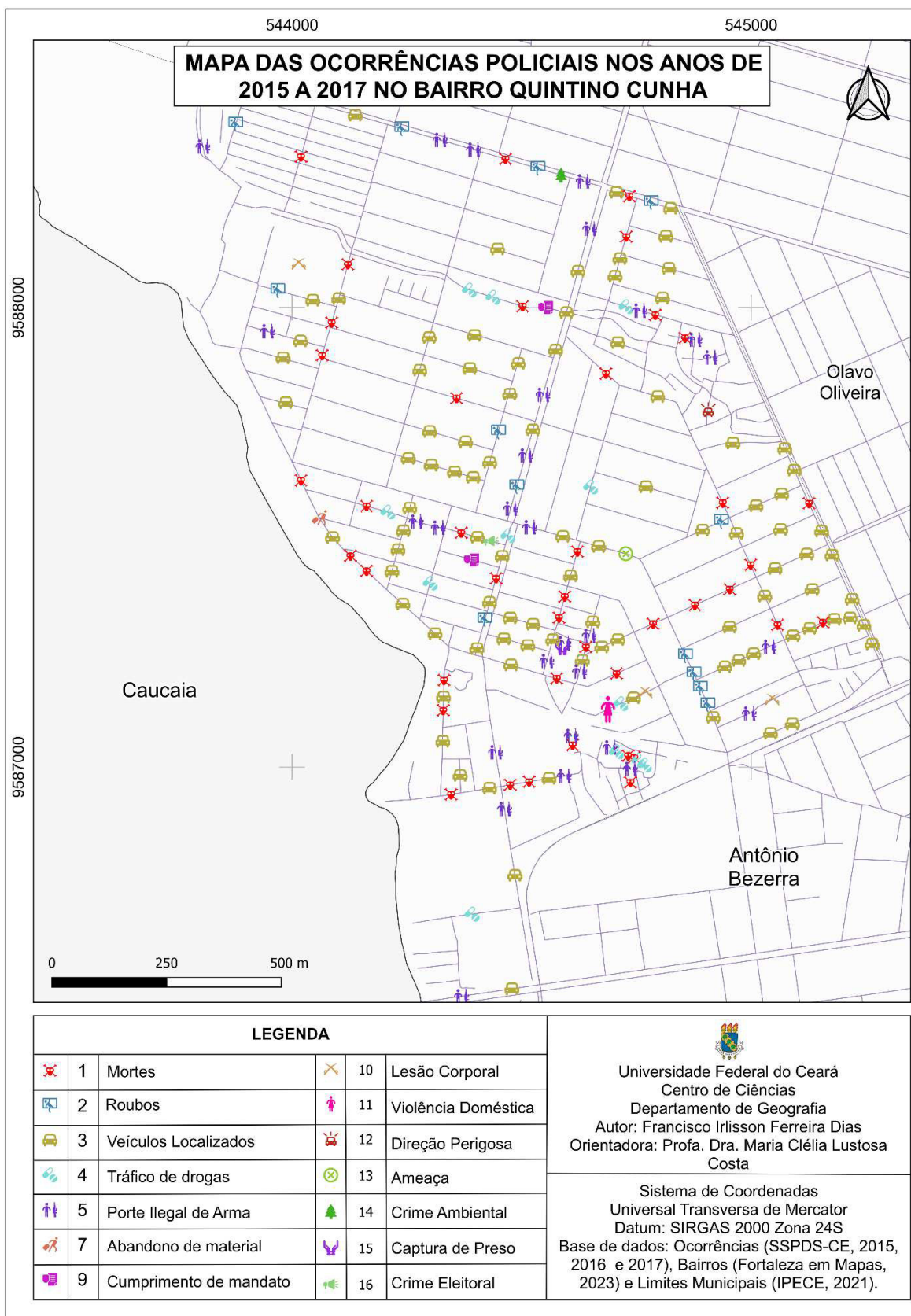
O grupo 5 indica ocorrências de porte e apreensão de armas, em que se pode perceber que durante a série 2015-2017, esse número aumenta consideravelmente. Dos anos de 2015 a 2016 a diferença é de apenas uma apreensão a mais, enquanto de 2016 a 2017 a diferença é de cinco apreensões, e de 2015 a 2017, quase o dobro.

Os outros grupos (7 ao 16) apresentam os delitos que menos tiveram ocorrências no bairro, totalizando 12 ocorrências. Deles, o grupo 10 é o que mais tem ocorrências, sendo 3 casos de lesão corporal com arma de fogo ou com arma branca sem que houvesse morte. Ao todo, foram contabilizadas 200 ocorrências nos anos de 2015 a 2017, sendo 44 delas no ano de 2015, 74 no ano de 2016, e 82 no ano de 2017.

É importante destacar que o ano de 2017 foi o ano mais violento da história do estado, onde foram consideradas as séries históricas da SSPDS-CE e do SIM/DATASUS. Além disso, sete municípios do estado estavam entre as 50 mais violentas com taxas estimadas do país (MOREIRA, 2021).

Durante o mapeamento, outra dificuldade apareceu, pois nos registros das ocorrências não havia a numeração da casa ou de um ponto mais específico da ocorrência. Por esta razão, na espacialização desses casos, optou-se por apresentá-los na perspectiva dos logradouros, não sendo possível a geração de mapas de calor das ocorrências, apenas a contabilização delas por logradouros. No mapa 19, foram espacializadas todas as ocorrências inseridas na série temporal analisada e que estão dentro do bairro Quintino Cunha.

Mapa 19 - Ocorrências policiais nos anos de 2015 a 2017 no bairro Quintino Cunha.



Fonte: SSPDS-CE, 2015, 2016 e 2017. Elaboração: Autorial, 2023.

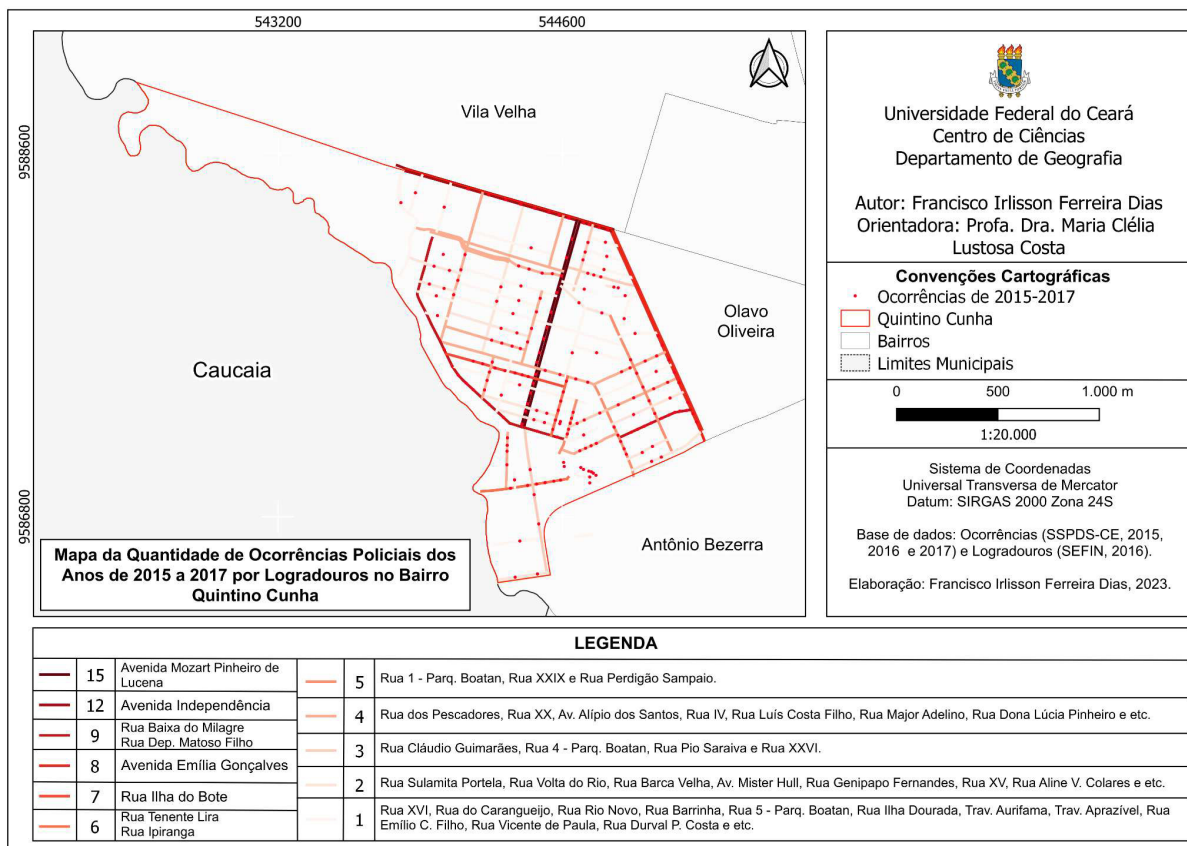
O mapa 19 foi produzido com os dados obtidos dos relatórios diários de ocorrências policiais. Nota-se que em algumas vias estão concentradas ocorrências principalmente de veículos localizados (símbolo do carro amarelo), como a Rua dos Pescadores, a Avenida Emília Gonçalves, Baixa do Milagre, Rua Volta do Rio, a Rua Deputado Matoso Filho e etc.

Se for estabelecido uma conexão dessas ocorrências com os graus de prioridade das áreas de risco no mapa 11, observa-se que as áreas que mais possuem ocorrências estão localizadas em sua maior parte nas áreas com graus de prioridade mais elevados como o 4, 5 e 6, sendo também considerados como as áreas de favelas ou conjuntos habitacionais do mapa 10.

Outras vias possuem ocorrências mais variadas, como no caso da Avenida Mozart Pinheiro de Lucena, a Rua Ipiranga, Rua Santa Maria Gorete e a Avenida da Independência, entre outras.

Além disso, percebe-se que vias limítrofes entre os bairros também possuem números de ocorrências mais elevado, como mortes/homicídios, roubos, porte ilegal de arma e veículos localizados, são elas a avenida da Independência e a avenida Emília Gonçalves. No mapa abaixo, atenta-se para as vias com os maiores números de ocorrências.

Mapa 20 - Quantidades de ocorrências policiais dos anos de 2015 a 2017 por logradouros no bairro Quintino Cunha.



Fonte: SSPDS-CE, 2015, 2016 e 2017. Elaboração: Autoral, 2023.

Segundo o mapa 20, nota-se uma concentração maior de ocorrências principalmente nos logradouros de tipo avenida, como a Avenida Mozart Pinheiro de Lucena, com 15 ocorrências dentro da série analisada, a Avenida Independência, com 9 ocorrências, e a Avenida Emília Gonçalves, com 8 ocorrências, além das ruas Baixa do Milagre e rua Deputado Matoso Filho, com 9 ocorrências.

Algumas vias ainda não foram vetorizadas pela SEFIN, como resultado, algumas delas apresentam ocorrências, mas não estão espacializadas no mapa como as ruas Aderson Machado (1), Celina Silva (6), Edna Neves (2), São Pedro (1) e a Milton Barbosa (2).

Dessa forma, as ocorrências estão distribuídas de forma heterogênea sobre o bairro Quintino Cunha, impactando de diferentes formas e intensidades o cotidiano das pessoas e os usos dos espaços, públicos ou privados. Além do sentimento de insegurança que fica impregnado por experiências pessoais e por difusão nos veículos de comunicação, como também o aumento da criminalidade, ligado

principalmente pela guerra do tráfico de drogas e a participação das facções criminosas presentes na cidade.

4 VIOLÊNCIA URBANA E O IMPACTO NO COMÉRCIO LOCAL

No capítulo anterior, foram apresentados diversos dados com relação à violência e à criminalidade nas mais diversas escalas, nacionais, estaduais, municipais e locais. Neste último capítulo, será abordada a definição de comércio local, desde os primórdios das atividades econômicas até a formação das primeiras lojas e estabelecimentos comerciais. Também serão apresentados dados com relação aos estabelecimentos comerciais no bairro Quintino Cunha, como as classificações e o mapeamento delas.

E como último objetivo, será feita uma relação entre a criminalidade apresentada no capítulo 3 e os estabelecimentos, a pesquisa de campo será utilizada para estabelecer essa relação de como a violência impacta no comércio local.

4.1 Definição de comércio local

Salgueiro (1989), diz que o comércio desempenha uma importante função social, promovendo o convívio entre as pessoas e a animação dos lugares, também sendo um elemento decisivo na estruturação do espaço. Em termos econômicos, a atividade comercial é a mais relevante na circulação econômica do capital, a partir da venda, é possível que o capital-mercadoria se converta em capital-dinheiro, indispensável para a continuação do ciclo produtivo.

Segundo Salgueiro e Cachinho (2009, p.9):

O comércio faz parte da razão de ser da cidade. Viabiliza a sua existência, explica a sua organização e justifica muito do movimento e animação que nesta acontece. Através do comércio e dos lugares onde este se exerce, as pessoas satisfazem necessidades, realizam desejos, veicula-se informação, difundem-se inovações, criam-se laços de sociabilidade. Em suma, no comércio reside o verdadeiro embrião da vida urbana naquilo que esta pressupõe de interação, de troca em sentido lato e de produção de inovação.

Para Cleps (2004), o comércio é entendido como uma função urbana na qual as mercadorias são trocadas, tendo sua origem ligada à própria história da humanidade.

[...] Ele surgiu e se desenvolveu a partir do momento em que passou a existir um excedente de produção, fruto das forças produtivas, que levou ao sistema de trocas. Assim, o aperfeiçoamento efetuado nos meios de produção, gerado pelo aprimoramento de novas técnicas, aumentou a produção e, conseqüentemente, intensificou a atividade comercial (CLEPS, 2004, p.120).

As atividades comerciais nasceram provavelmente com os povos caçadores ou coletores, quando a espécie humana ainda procurava locais específicos para se estabelecerem, e um dos grandes passos foi dado com o surgimento das cidades. Foram estabelecendo-se agências comerciais mais ou menos permanentes para guarda de fretes e cargas, verdadeiro pontos terminais, que situavam-se nas portas das cidades, onde também localizavam-se ou mercados ou feiras, de caráter mais precário (BATISTA, 1965, p.4).

No mundo grego, o mercado localizava-se nas praças, até sendo confundido com elas, pois era o centro vivo de todas as atividades citadinas. No entanto, a maior parte do comércio ainda não tinha localização definida ou estável, e situava-se com barracas, em áreas que levavam o nome das mercadorias à venda. Médicos, barbeiros e perfumarias possuíam lojas que delimitaram a praça (BATISTA, 1965, p.5).

Já em Roma, o mercado assume a forma de um edifício funcional e construtivamente definido. O comércio é estabelecido na forma como é hoje, com pequenas lojas, tornando-se quase que definitivo. O Islã trouxe a ideia dos bazares, com a associação do mercado com a pequena loja, alguns podendo ter cerca de três mil lojas. Na Idade Média foi abandonada a forma de mercado coberto e a concepção de edifícios especificamente comerciais. O mercado volta a estar nas praças. No Renascimento, o mercado retorna como edifício definido e fixo, não havendo muita variação no comércio, principalmente com as lojas isoladas, continuando da mesma forma como esteve durante toda a Idade Média (BATISTA, 1965, p.6).

O capitalismo mercantil e industrial, que surgiu durante o século XIX, trouxe também o surgimento da sociedade de consumidores. As lojas artesanais deram lugar às lojas que vendiam produtos fabricados em série. Os materiais de

construção, como ferro e concreto, deram a possibilidade do uso de grandes vãos cobertos (BATISTA, 1965, p.6).

Segundo Cleps (2004), desde o século XIX a concentração das atividades comerciais vem sendo acentuada na Europa Ocidental, onde no centro são implantadas grandes lojas e nos bairros periféricos, as lojas filiais. A respeito das lojas populares, na América, elas anteciparam as franquias de supermercados, existindo desde 1880, desenvolvidas devido ao baixo poder de compra e pela necessidade de se criar novas formas de vendas, com uso de mão-de-obra não qualificada.

Cleps (2004) afirma que a diversificação e a multiplicação das áreas de concentração das atividades comerciais e de serviços foi um dos mais importantes fenômenos que aconteceram com as cidades no século XX. Essa migração centro-periferia, cria novos fluxos que se estabelecem e se intensificam criando novas centralidades.

As novas centralidades promoveram uma reestruturação das cidades, intra e inter-urbanas, já que elas possuíam influência e polarização em outras áreas (CLEPS, 2004).

Posteriormente, na década de 1980, há a necessidade de criar imensos shoppings centers, destinados ao atendimento de milhares de consumidores. Desta forma, o urbanismo divide o comércio em dois tipos: um central, bem mais diversificado, e outro de caráter local, mais restrito e que visa apenas atender às necessidades do consumo imediato das zonas residenciais (BATISTA, 1965, p.8).

Salgueiro (1994) parafraseando Louis Marrou (1993), também acredita que há a aplicação de um binômio central/periférico, ou seja, central/não central aos comércios em escalas micro-geográficas dos bairros. No comércio central são incluídas atividades de moda, *fast-food*, e etc, enquanto os não centrais são caracterizados por ter uma maior expressão de lojas de móveis e eletrodomésticos, como também cabeleireiros, com clientela fiel.

Cleps (2004, p.130) afirma que:

A urbanização possibilitou o surgimento de novas formas e equipamentos comerciais que passaram a concentrar a atividade comercial, os serviços e até as informações, a exemplo da cadeias de lojas, das ruas de comércio

especializado, os supermercados, mais recentemente os hipermercados e os shopping centers, considerados como os novos centros de poder e de decisões econômicas.

Em escala local, Cachinho e Salgueiro (2016) afirma que além do comércio no centro da cidade, existem outros dois, os de conveniência ou de proximidade, orientados para sanar as necessidades básicas da população, e os centros de influência regional, que são orientados para a oferta diversificada de bens e serviços, sendo a maioria de aquisição ocasional. Em cidades de maior dimensão podem existir outros tipos de centros, que podem ser associados às modernas formas de distribuição, outras vezes a processos de especialização funcional, ou ao capital simbólico, explorado pelas minorias étnicas.

De acordo com Cleps (2004), a difusão dos meios de transportes e comunicação, tornou possível a especialização produtiva, o que engendrou um crescimento no volume e no movimento das trocas. As trocas se tornaram ainda mais importantes, com o aumento no número de produtos, de mercadorias e no fluxo de pessoas.

4.2 Comércio em Fortaleza

Souza (2009) afirma que o desenvolvimento do setor terciário de Fortaleza e a diversificação de serviços favoreceu o processo de concentração na cidade. Na década de 1970, cerca de 45% dos estabelecimentos comerciais atacadistas do Estado estavam localizados em Fortaleza e ocupavam 67% do pessoal no ramo. Já no varejista, concentrava 22% dos estabelecimentos e 35% do pessoal ocupado.

A função comercial de Fortaleza fez com que a sua configuração espacial urbana sofresse influência decisiva das relações da cidade com sua região e com o exterior, concentrando-se principalmente na área central da cidade, tanto o comércio quanto os serviços. A função de centro regional favoreceu o desenvolvimento de uma estrutura viária radiocêntrica, que acentuou ainda mais a centralidade (SOUZA, 2009).

Dantas (2009) diz que a estruturação da rede ferroviária teve grande importância na constituição de Fortaleza como grande Centro Urbano, favorecida pela comercialização do algodão no século XIX. Além disso, quando Dantas (2009)

trata de Fortaleza a partir de relatos e crônicas, ele também trata de seu Centro como parte fundamental da cidade, pois era onde a elite da cidade se reunia nas praças para festas e encontros.

A urbanização da cidade leva à modificação do ritmo do Centro de Fortaleza na primeira metade do século XX, devido ao movimento gerado pelas lojas, armazéns, indústrias, oficinas, clubes, cinemas e carros. Desta forma, a área central se torna prioritariamente comercial, prestadora de serviços e controladora de serviços, como também faz com que haja uma explosão de cidade no sentido oeste, com ocupação das áreas periféricas, tanto pelos ricos, quanto pelos pobres (DANTAS, 2009).

A presença de pobres é considerado um dos motivos do afastamento da elite fortalezense do Centro da cidade, passando a se estabelecer na zona leste da cidade, como no caso do bairro Aldeota na década de 1930 (DANTAS, 2009).

A policentricidade de Fortaleza iniciou-se por volta da década de 1970, nos bairros chamados nobres, onde tinha a consolidação de uma infraestrutura de comércio e serviços. A posse de automóveis pela elite que conseguia se locomover Leste-Centro, fez com que outras centralidades de compra acessíveis surgissem, como os núcleos de maior expressão da época: Aldeota e Montese (DANTAS, 2009).

O Centro deixa de ser o alvo principal das classes com maior poder aquisitivo, em que elas conseguem ter a possibilidade de atender suas necessidades materiais e imateriais fora do Centro da cidade de Fortaleza. Assim, o Centro passa a ter “novos usuários”, como as populações de baixa renda, os camelôs e pedintes (DANTAS, 2009).

A presença do comércio ambulante na área central se torna maior, principalmente com a estruturação dos fluxos e refluxos dos bairros mais pobres, caracterizado pela presença de terminais de ônibus. O comércio ambulante concentra-se nas proximidades das lojas, nos cruzamentos das ruas principais, nas praças transformadas em terminais de ônibus e/ou nos momentos de festas promovidas nas praças, adquirindo maior visibilidade (DANTAS, 2009).

Dantas (2009) afirma que o comércio ambulante, juntamente com o crediário, ao atuarem como uma forma viabilizadora do consumo, vão tornar possível que as classes de menor poder aquisitivo atendam ao “grande sonho” de consumo. Essas classes que frequentam o Centro só conseguirão atingir seu anseio através do

comércio ambulante, pois é ele que vai oferecer preços baixos dos produtos vendidos.

Souza (2009) diz que fora do centro e das áreas com tendência recente à formação de centros comerciais de bairros, é encontrado apenas o comércio varejista, formado principalmente pela venda de produtos alimentícios. Atualmente, são encontrados supermercados em quase todos os bairros de Fortaleza, que irão competir com as mercearias e os pequenos “botequins”.

Segundo dados da SEFAZ (2016) presente no perfil municipal de Fortaleza de 2017, Fortaleza representava cerca de 36,26% dos estabelecimentos comerciais no estado, sendo 2,52% do comércio atacadista e 67,97% do comércio varejista.

4.3 Comércio local do bairro Quintino Cunha

Na periferia, as pessoas precisam procurar formas de sobrevivência, é o caso dos pequenos comércios, que surgem como solução para problemas econômicos decorrentes do abandono ou ausência do poder público. Ferreira e Barbosa (2005) os chamam de comércio informal.

Os espaços elitizados das classes dominantes caracterizam-se pelo consumo de bens e infra-estruturas com alto padrão de qualidade e de técnica, financiados pelos governos. Nos espaços periféricos predomina a cultura da pobreza e sua dinâmica para reduzir os efeitos devastadores do desemprego (principalmente por intermédio do comércio informal) e das necessidades habitacionais imediatas. Sem opção no mercado imobiliário, com pouco ou nenhum financiamento público ou privado, predomina a informalidade e a autoconstrução, que não atende às exigências mínimas de uma habitação normal. Podemos dizer que são os espaços-conteúdos da cultura de subsistência (FERREIRA e BARBOSA, 2005, p.158).

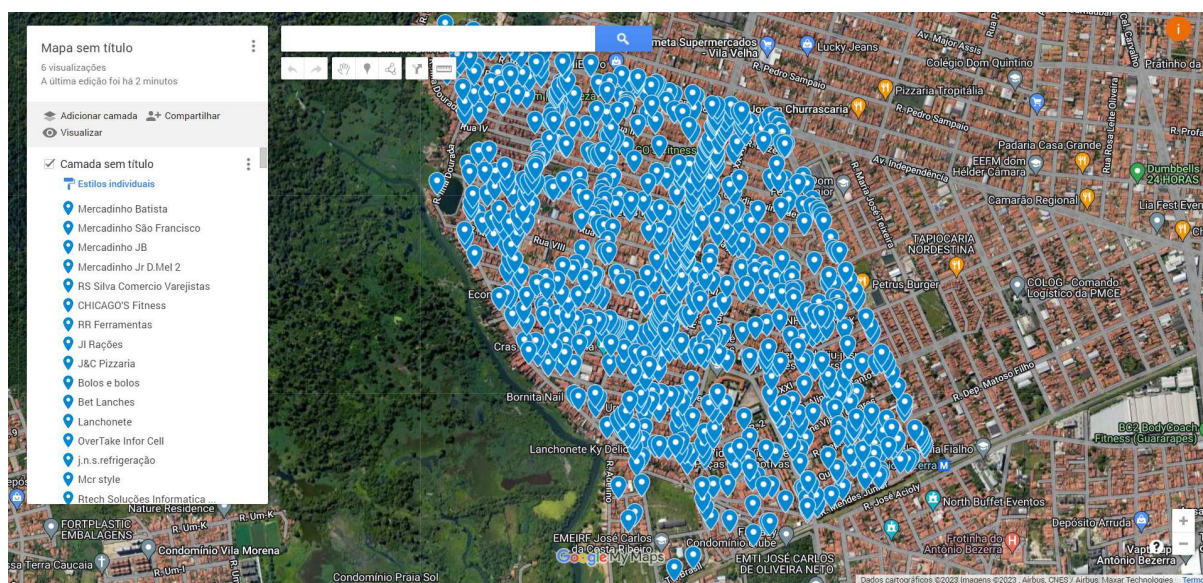
Diniz (2012) coloca que esses pequenos comerciantes também são moradores desses locais e que sofrem constantemente com o crime. Além disso, esses mesmos comerciantes também sofrem com a pressão competitiva das grandes redes varejistas.

Os pequenos comerciantes, também, na condição de moradores destes espaços menos favorecidos da cidade, sofrem diretamente os efeitos

destas ações rotineiras do crime e, ao mesmo tempo, da ação competitiva das grandes redes de comércio varejista, que se instalam nestes espaços residenciais da cidade, habitados, predominantemente, por populações de baixa renda, sobressaltando os tradicionais comércios locais – mercearias, quitandas, pequenos açougues, padarias, farmácias etc (DINIZ, 2012, p.108).

Para categorizar esses comerciantes e entender a espacialização deles no Quintino Cunha, fez-se um mapeamento utilizando dados disponíveis no *Google My Maps*, de onde extraiu-se os marcadores georreferenciados dos estabelecimentos presentes na plataforma. Ela foi escolhida pela facilidade em se obter os dados, e considerando a possibilidade desses estabelecimentos não possuírem registros como CNPJ - Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica ou serem considerados como MEIs - Microempreendedores Individuais.

Figura 1 - Extração dos pontos comerciais pela plataforma google my maps.



Fonte: Google My Maps, 2023.

Após a extração desses dados, foi necessário classificá-los de acordo com a atividade econômica que esses comércios possuem, utilizando o CNAE - Classificação Nacional das Atividades Econômicas. O CNAE é um instrumento de padronização do IBGE que trabalha em conjunto com a Receita Federal e a União, e que padroniza códigos nacionais de atividades econômicas e dos critérios de

enquadramento que são utilizados por diversos órgãos de tributação (BRASIL, 2023).

A CNAE resulta de um trabalho conjunto das três esferas de governo, elaborada sob a coordenação da Secretaria da Receita Federal e orientação técnica do IBGE, com representantes da União, dos Estados e dos Municípios, na Subcomissão Técnica da CNAE, que atua em caráter permanente no âmbito da Comissão Nacional de Classificação - CONCLA (BRASIL, 2023).

O órgão disponibiliza uma tabela com a estrutura hierárquica das classes que atendem as necessidades da organização dos Cadastros de Pessoas Jurídicas no âmbito da Administração Pública. A tabela divide-se em seção, divisão, grupo, classe, subclasse e a denominação de cada uma delas. No entanto, para o presente trabalho utilizou-se apenas a seção e a denominação como classificação e a numeração de cada seção para o mapeamento.

Quadro 3 - Seções e denominações das atividades comerciais.

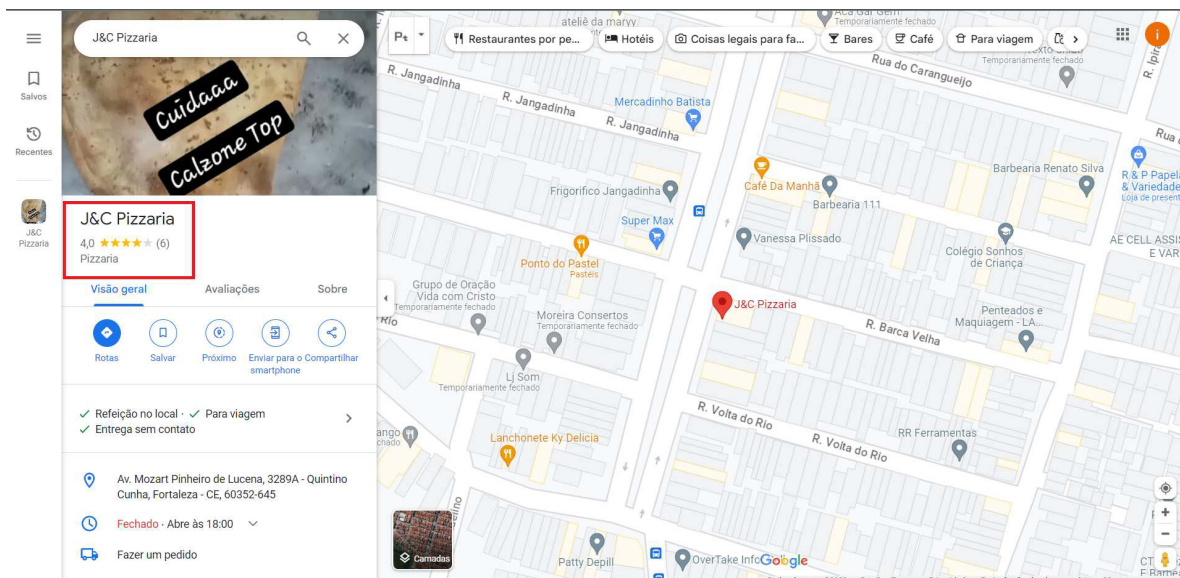
Numeração	Seção	Denominações
1	A	Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura
2	B	Indústrias extrativistas
3	C	Indústrias de transformação
4	D	Eletricidade e gás
5	E	Água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação
6	F	Construção
7	G	Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas
8	H	Transporte, armazenagem e correio
9	I	Alojamento e alimentação
10	J	Informação e comunicação
11	K	Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados
12	L	Atividades Imobiliárias
13	M	Atividades profissionais, científicas e técnicas
14	N	Atividades administrativas e serviços complementares

15	O	Administração pública, defesa e seguridade social
16	P	Educação
17	Q	Saúde humana e serviços sociais
18	R	Artes, cultura, esporte e recreação
19	S	Outras atividades de serviços
20	T	Serviços domésticos
21	U	Organismos internacionais internacionais e outras instituições extraterritoriais
22		Não classificada

Fonte: CNAE, 2023. Elaboração: Autoral, 2023.

A partir da extração dos pontos, a categorização das atividades econômicas desenvolvidas e o processamento dos dados foram feitos no SIG (Sistema de Informação Geográfica) QGis (Quantum GIS). Na categorização, os dados foram enumerados de acordo com o quadro 3, onde o número 1 corresponde às atividades inseridas dentro da seção A (Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura), e assim por diante.

Figura 2 - Categorização dos pontos extraídos nas seções de A a T.



Fonte: Google Maps, 2023.

No mapa 21, pode-se observar duas informações representadas, a primeira possui as atividades econômicas especializadas, ao todo foram 753 estabelecimentos. Nela a seção com maior números de estabelecimentos é a 7, responsável pelo setor do comércio e do reparo de veículos automotores e motocicletas, com 357 pontos, cerca de 47,4% de todos os pontos mapeados. A maior parte deles são lojas no geral, como de roupas, materiais de construção e de variedades, além de pequenos mercados (mercadinhos, comércios, bodegas e padarias), como também de oficinas de automóveis e motocicletas.

A classe S, representada pelo número 19, possui o segundo maior número de estabelecimentos, 159 ao todo, ou seja, um pouco mais de 20%. Nela, estão presentes os salões de beleza e esteticistas, as assistências técnicas e os pet shops. Em seguida, a classe I, representada pelo número 9, corresponde a 15,9% de todos os estabelecimentos, sendo 120. São encontrados restaurantes, pizzarias, sorveterias e açázeiros, marmitarias e hamburguerias. As outras classes correspondem a 15,5% de todos os estabelecimentos mapeados, que são escolas e colégios, academias e clínicas de saúde, consertos de máquinas e etc.

Figura 3 - Ponto Comercial vazio na Av. Mozart Pinheiro de Lucena.



Fonte: Google Maps, 2023. Imagem retirada do streetview do site google maps. Na foto vê-se um estabelecimento que antes era uma igreja do Ministério Deus é Amor na Av. Mozart Pinheiro de Lucena.

Figura 4 - Ponto comercial à venda na Av. Mozart Pinheiro de Lucena.



Fonte: Google Maps, 2023. Imagem retirada do streetview do site google maps. Na imagem observa-se um estabelecimento comercial-residencial “abandonado”, que outrora era uma oficina e loja de motos na Av. Mozart Pinheiro de Lucena.

Paixão (2009) afirma que a violência acaba gera impactos também no preço dos imóveis comerciais, pois esses comerciantes terão custos adicionais de proteção contra violência.

Áreas violentas exibem uma queda na demanda, pois passam a ser evitadas pelos consumidores. Itens como sistema interno de segurança, despesas com firmas de segurança particular e contratação de vigias passam a fazer parte do custo do empreendedor, tornando o investimento na atividade comercial e de serviços locais menos atrativos. Dessa forma, capitais que poderiam ser investidos na ampliação da rede de serviços urbanos são desviados para outros fins, como, por exemplo, o mercado de títulos públicos, deixando de gerar empregos diretos e indiretos via efeitos multiplicadores. Do ponto de vista do mercado imobiliário, o custo da violência se reflete na desvalorização dos imóveis nas regiões mais violentas da cidade. Essa desvalorização leva os proprietários de imóveis a não investirem na manutenção destes, assim como os construtores a não empreenderem novas construções no local (PAIXÃO, 2009, p.126).

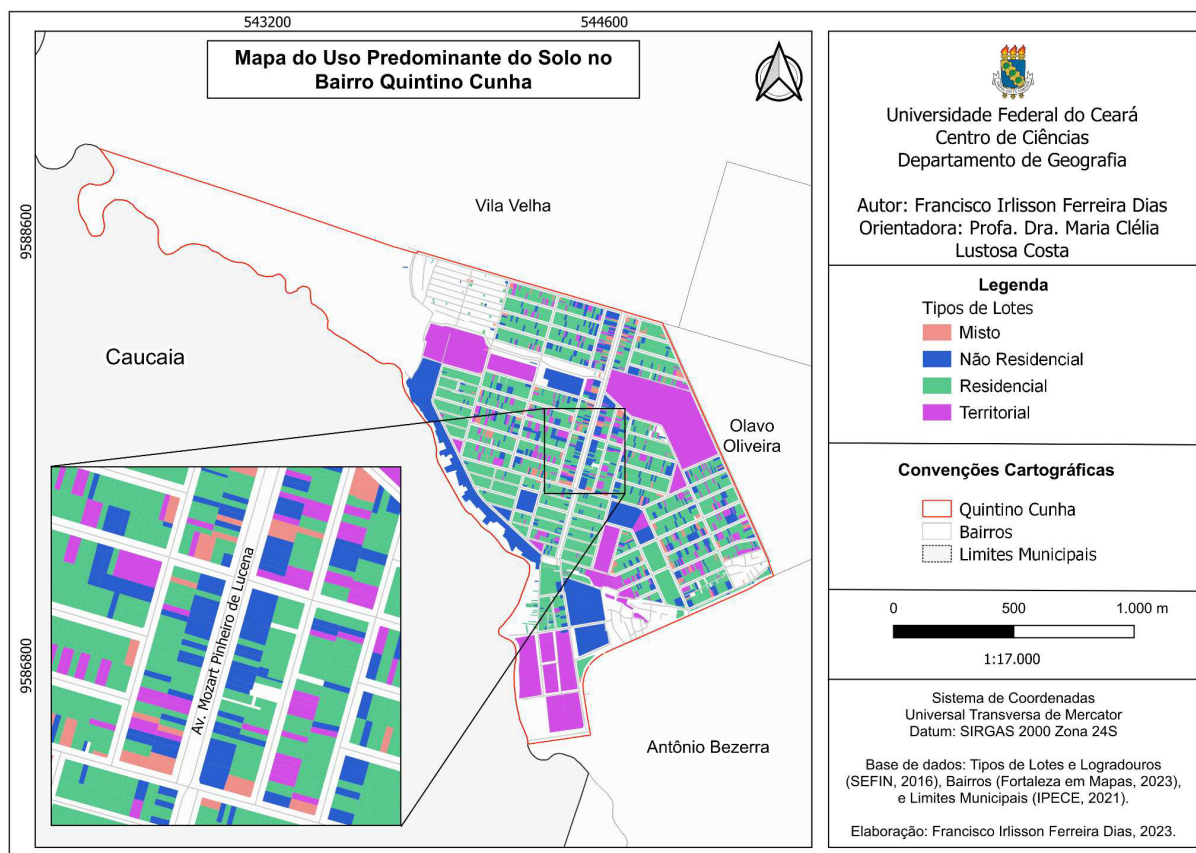
É importante mencionar a presença de supermercados, como o Villa Box, também presente na Avenida Mozart Pinheiro de Lucena, além do Supermercado Cometa, que também gera influência no bairro. Santos (1978) fala dos circuitos da economia, o circuito superior, presente no bairro na forma de supermercados, e o inferior, presente na forma de pequenos comércios, como mercearias, lojas e etc.

Figura 5 - Vista da Rua Dona Lúcia Pinheiro.



Fonte: Autoral, 27 de outubro de 2023.

Mapa 22 - Uso predominante do solo no bairro Quintino Cunha.



Fonte: SEFIN, 2023. Elaboração: Autoral, 2023.

O mapa 22 foi produzido com informações da SEFIN (2023), onde cada lote possui um tipo de classificação com relação ao uso do solo. Ela explica como se dá a representação de cada tipologia:

Uso Residencial: Quando a soma das áreas edificadas das unidades residenciais for igual ou superior a 70% da área total edificada; Uso Não Residencial: Quando a soma das áreas edificadas das unidades não residenciais for igual ou superior a 70% da área total edificada; Misto: Quando o percentual de área edificada das unidades residenciais e não residenciais estiverem entre 31% e 69% Territorial: Quando área edificada total for igual a 0,00 (SEFIN, 2023).

Desta forma, observa-se que o bairro é altamente residencial, no entanto, apresenta muitas áreas não residenciais e mistas. Nos lotes não residenciais, podem ser alocadas lojas, fábricas, salas comerciais e galpões, enquanto nas

mistas, podem ser usadas tanto para o uso residencial quanto para o uso não residencial. Se comparados, os mapas 21 e 22 se complementam, pois onde se localizam a maior parte dos estabelecimentos usados para atividades econômicas, é onde também estão os lotes com usos mais diversos, seja residencial, não residencial ou misto.

4.4 Violência urbana e o impacto no comércio local no bairro Quintino Cunha

Nos últimos anos, a literatura que investiga os efeitos do crime e da violência sobre o desempenho econômico tem mostrado que eles restringem o crescimento e a operação dos negócios, implicando custos para o setor público e para agentes privados na forma de bens roubados ou danificados, vidas perdidas, despesas de segurança, como serviços e equipamentos especializados de segurança (câmeras, grades, muros, cercas e etc), dor e sofrimento (DETOTTO e OTRANTO, 2010, apud ALMEIDA, 2020, p.28).

Almeida (2020, p.29) indaga se as incertezas que são decorrentes de ambientes violentos e com criminalidade, geram custos para firmas e criam obstáculos aos negócios, minando a percepção do empresário - aqui entendido como o comerciante, em relação ao ambiente em que as firmas operam e contribuem para a formação de expectativas mais pessimistas acerca do futuro da economia.

Assim, para este tópico serão indagadas questões de como a violência impacta no desempenho econômico e no sentimento de insegurança dos pequenos comerciantes. Primeiramente, será realizada uma relação entre os pontos comerciais, representados no mapa 17 e as ocorrências policiais dos anos de 2015 a 2017 no bairro Quintino Cunha, como descrito no mapa 15 e 16 e todas as informações já levantadas até aqui.

Após estabelecer essa relação, serão analisadas as respostas do formulário aplicado no dia 27 e 30 de outubro de 2023 nos locais indicados com base nas informações anteriores.

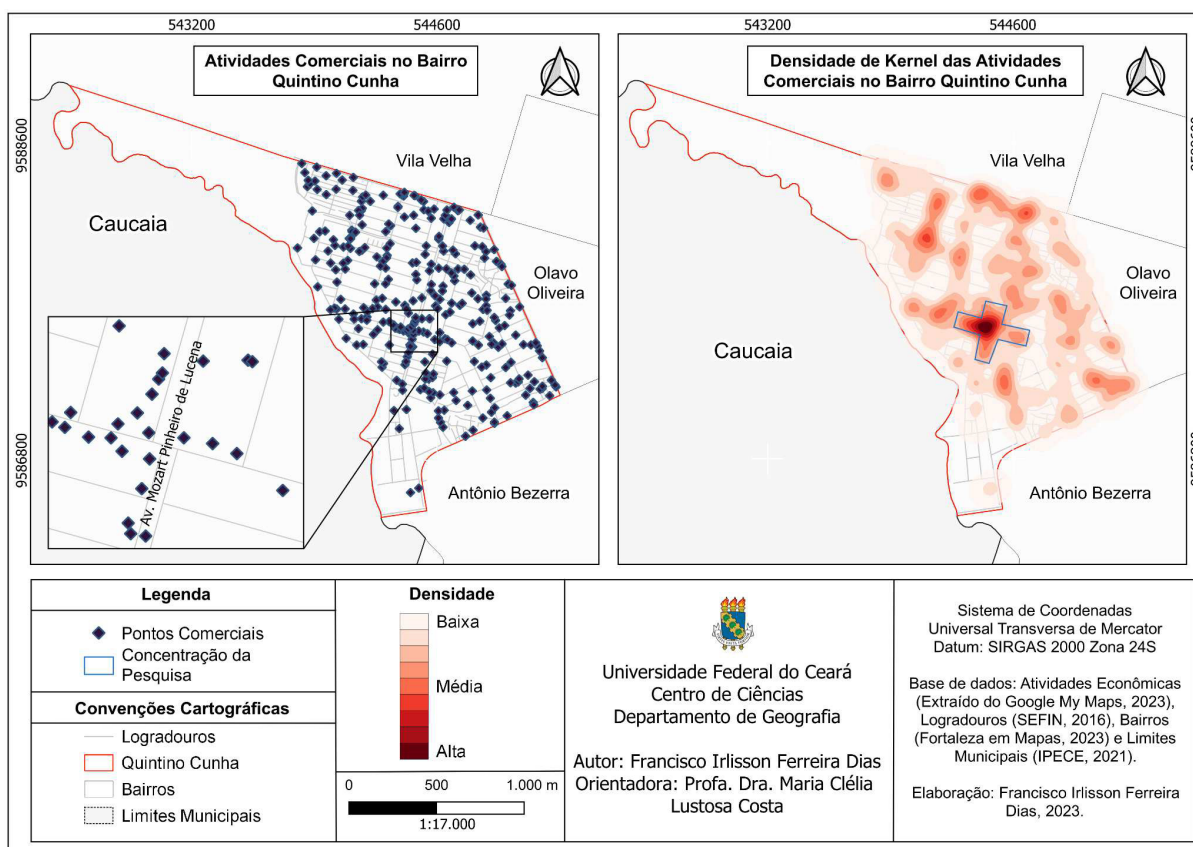
4.3.1 Cruzamento: Av. Mozart Pinheiro de Lucena e Rua D. Lúcia Pinheiro

Antes da aplicação do questionário, foi necessário entender qual era o público alvo da pesquisa e onde ele estava concentrado. Atentando-se para as classificações feitas acima com relação aos estabelecimentos, nota-se que a maioria dos pontos estão inseridos dentro da classe 7 (Comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas), que também são em sua maioria mercadinhos, padarias, mercados e mercearias, além de lojas de produtos variados, como de artigos femininos e masculinos, variedades e presentes.

No entanto, a classificação também acrescenta as atividades de reparação de veículos, como automotores e motocicletas, o que não é o foco da pesquisa. Assim, também foi necessário fazer a distinção e reclassificação dos pontos da classe 7, considerando-os como comerciais ou não comerciais.

No mapa 23, é possível observar a concentração dos pontos comerciais inseridos na classe 7, os pontos comerciais representam cerca de 90% dos pontos nessa classe.

Mapa 23 - Atividades comerciais no bairro Quintino Cunha e a densidade de Kernel delas.



Fonte: Google My Maps, 2023. Elaboração: Autoral, 2023.

Nas duas informações contidas no mapa 23, é possível observar a concentração de pontos entre o cruzamento da Avenida Mozart Pinheiro de Lucena e a Rua Dona Lúcia Pinheiro. Estabelecendo uma conexão entre a concentração das atividades comerciais no bairro com as ocorrências policiais dos anos de 2015 a 2017 mapeadas, indaga-se sobre quais são os impactos que essa violência presente nessa área pode afetar esses estabelecimentos e as atividades de compra e venda.

Então para tentar entender essa questão, a área do polígono azul foi selecionada para a aplicação do formulário (Apêndice 1). Nele são levantadas questões sobre qual o tipo de comércio ou atividade econômica presente no estabelecimento, quanto tempo a atividade existe, qual o cargo do respondente, e o tipo do imóvel.

4.3.2 Resultados e análise da entrevista

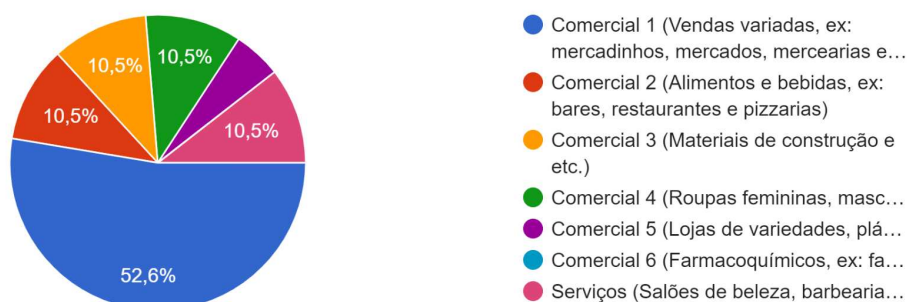
O questionário foi dividido em três blocos de perguntas:

No primeiro bloco de perguntas, são abordadas questões para entender quem era o respondente e perguntas sobre o estabelecimento. Das 19 pessoas que participaram da pesquisa, mais de 60% eram funcionários, normalmente o dono estava ocupado demais e não conseguia participar, ou o dono participava, mas apenas dando apontamentos nas respostas dos funcionários. Mais de 50% do comércio eram do setor de vendas, como mercearias e mercadinhos (Comercial 1), os outros setores, cada um ficou com 10%: setor de alimentos e bebidas (comercial 2: bares e restaurantes), lojas e depósitos de construção (comercial 3), lojas de roupas ou artigos de vestuário (comercial 4), salões de beleza e reparos em geral (serviços) e lojas de variedades (comercial 5) obteve apenas uma resposta.

Gráfico 7 - Tipos de setores.

Qual o tipo ou setor do comércio?

19 respostas



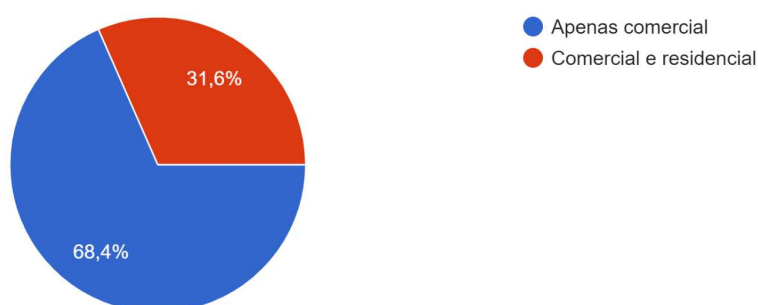
Fonte: Respostas do formulário aplicado nos dias 27 e 30 de outubro de 2023.

Outra indagação levantada foi sobre o uso da edificação comercial ou comercial e residencial. Quase 70% dos imóveis eram apenas comerciais, o que pode ter relação também com a pergunta anterior, que procurou saber se esses estabelecimentos eram alugados ou próprios, e a maioria (52%) responderam que eram alugados. Na figura 4, observa-se alguns estabelecimentos nas esquinas da avenida, como lanchonetes e lojas de celulares.

Gráfico 8 - Tipo do estabelecimento.

O estabelecimento é apenas comercial ou também residencial?

19 respostas



Fonte: Respostas do formulário aplicado nos dias 27 e 30 de outubro de 2023.

Figura 6 - Vista dos estabelecimentos do cruzamento da Avenida Mozart Pinheiro de Lucena e da Rua Dona Lúcia Pinheiro.



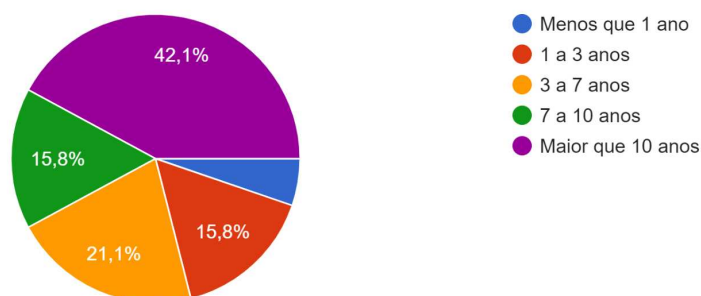
Fonte: Autoral, 30 de outubro de 2023.

É interessante observar que esses estabelecimentos estão há muito tempo no bairro, o que pode significar que eles estão consolidados e já possuem uma clientela própria, em especial, os imóveis que são mistos e próprios. Mais de 40% disse que já tinha o imóvel há mais de 10 anos, alguns responderam 20 anos, 30 anos, e alguns disseram que estava na faixa dos 10 anos. Foram poucos estabelecimentos que estão a pouco tempo no local, apenas 1 dos respondentes, representando 5%.

Gráfico 9 - Tempo de permanência no estabelecimento.

Há quanto tempo está no estabelecimento ou que tem o seu negócio?

19 respostas



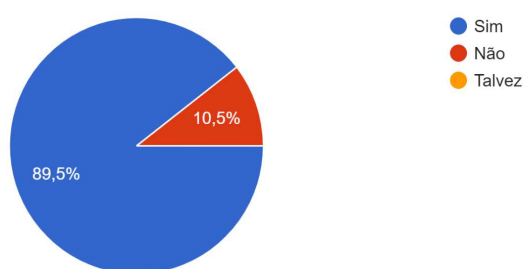
Fonte: Respostas do formulário aplicado nos dias 27 e 30 de outubro de 2023.

No segundo bloco de perguntas foram sobre as experiências do respondente com situações de violência. Ao longo das respostas dadas pelos entrevistados, fica nítido o sentimento de insegurança dentro e fora do bairro. Alguns responderam com tons de brincadeira: “alguém não?”. Quase 90% das pessoas responderam que se sentiam inseguros dentro e fora do bairro.

Gráfico 10 - Sentimento de insegurança no bairro ou em outros lugares da cidade.

Você já se sentiu inseguro ou com medo de andar no seu bairro ou em outros lugares da sua cidade?

19 respostas



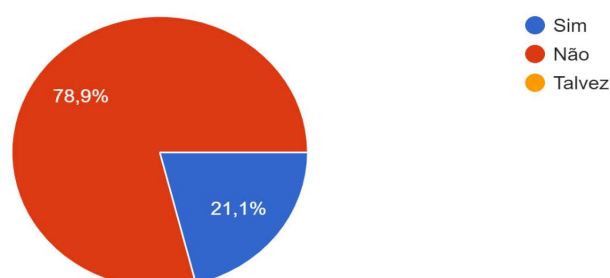
Fonte: Respostas do formulário aplicado nos dias 27 e 30 de outubro de 2023.

Com relação a apenas o sentimento de segurança no bairro, a porcentagem aumenta, mais de 20% dos respondentes afirmaram que se sentem seguros no bairro. Alguns justificaram pelo fato de nunca terem sido assaltados ou roubados, esse sentimento prevaleceu.

Gráfico 11 - Sentimento de segurança no bairro.

Você se sente seguro no bairro onde você mora?

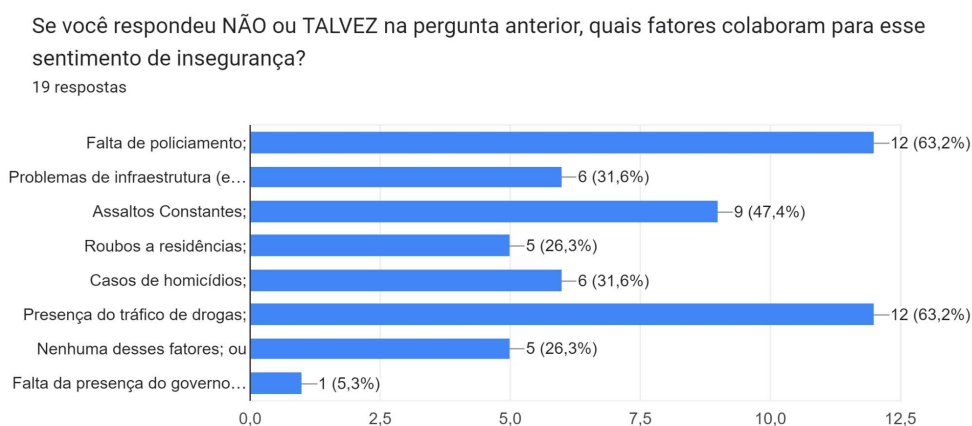
19 respostas



Fonte: Respostas do formulário aplicado nos dias 27 e 30 de outubro de 2023.

Para os que responderam “não” ou “talvez”, foram levantados alguns fatores que poderiam colaborar com esse sentimento de insegurança. Os fatores que mais obtiveram marcações foram a falta de policiamento e a presença do tráfico de drogas. No entanto, em alguns relatos as pessoas afirmaram que a passagem de viaturas da polícia ou as motos do raio eram recorrentes no bairro, enquanto a maioria afirmou que a polícia já foi mais presente.

Gráfico 12 - Fatores que colaboram para o sentimento de insegurança.



Fonte: Respostas do formulário aplicado nos dias 27 e 30 de outubro de 2023.

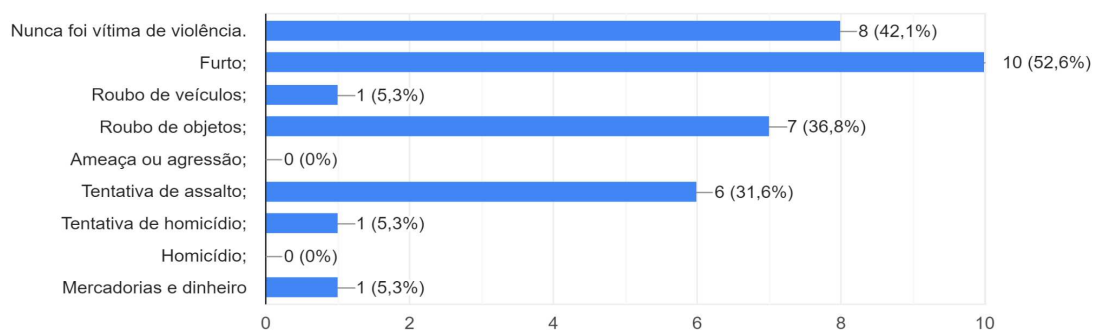
Os assaltos constantes também foram bastante indicados, enquanto roubos a residências e casos de homicídios não foram tão ressaltados. Eles disseram que esses tipos de acontecimentos não eram tão recorrentes, por isso que não colaboram tanto com o sentimento de insegurança.

O último bloco de perguntas foi elaborado pensando na relação entre a violência e o estabelecimento. O furto foi o tipo de violência mais recorrente nas respostas dos estabelecimentos. É interessante notar uma normalização desse tipo de violência. Os próprios proprietários ou funcionários indagavam: “quem não?”. Então é como se ser assaltado, furtado ou roubado fosse uma experiência que todos teriam que passar. E aos que responderam que nunca tiveram nenhuma experiência do tipo, afirmavam “ainda não, graças a Deus.”, aparentemente apenas esperando que aconteça um momento ou outro.

Gráfico 13 - Os funcionários já foram vítimas de violência no estabelecimento?

O estabelecimento já foi vítima de alguma forma de violência? Se sim, qual?

19 respostas



Fonte: Respostas do formulário aplicado nos dias 27 e 30 de outubro de 2023.

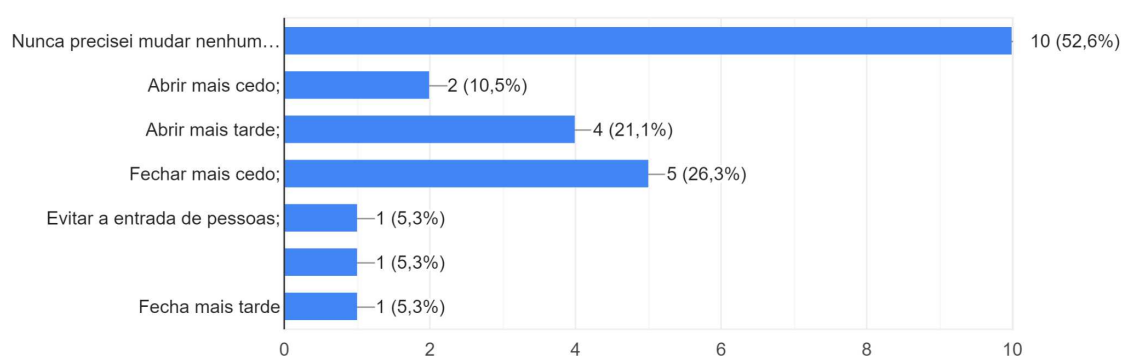
A violência também impactou de certa maneira nos hábitos dos comerciantes, a maioria afirmou que nunca precisou mudar nenhum hábito desde que possui o estabelecimento, enquanto outros disseram que começaram a fechar mais cedo por causa do medo. Foi notável que a maioria respondeu que sempre tenta abrir ou fechar tendo como referência os outros comerciantes, estabelecendo um horário padrão de abertura dos comércios.

Gráfico 14 - Mudança de hábitos no funcionamento do estabelecimento.

Você já teve que mudar algum hábito no estabelecimento ou notou que foi mudando aos poucos?

Se sim, qual?

19 respostas

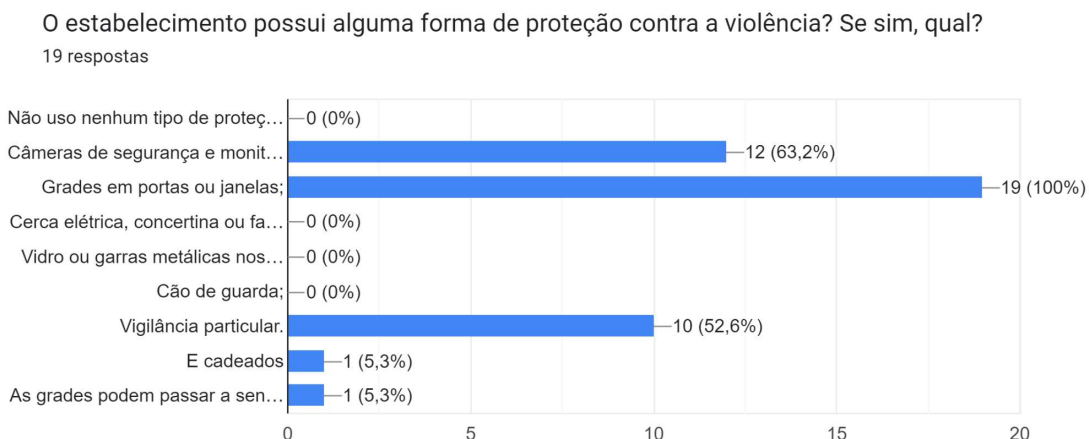


Fonte: Respostas do formulário aplicado nos dias 27 e 30 de outubro de 2023.

Todos os respondentes possuíam grades ou portões nos estabelecimentos. Lira (2017, p. 127, apud MOREIRA, 2021) atenta para a “arquitetura do medo”, onde as formas são influenciadas pelos temores à violência contemporânea. O uso de

segurança privada, de monitoramento e câmeras são comuns nesses estabelecimentos, enquanto que outras formas de proteção não são usadas, como cercas elétricas, vidros e garras metálicas nos muros e cão de guarda, provavelmente por esses estabelecimentos serem comerciais e alugados.

Gráfico 15 - Formas de proteção.



Fonte: Respostas do formulário aplicado nos dias 27 e 30 de outubro de 2023.

Nas figuras a seguir é possível notar a presença das grades tanto na avenida principal, Mozart Pinheiro de Lucena, quanto nos arredores.

Figura 7 - Padaria com grades.



Fonte: Autoral, 27 de outubro de 2023.

Figura 8 - Estabelecimentos comerciais e residenciais com grades e portões.



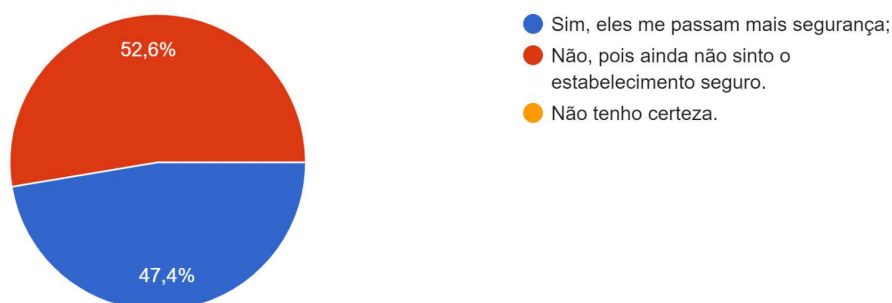
Fonte: Autoral, 27 de outubro de 2023.

Mesmo com grades, câmeras de segurança, vigilância privada, de acordo com alguns dos entrevistados, esses itens apenas geram uma intimidação no criminoso, mas não passam tanta segurança. Nas palavras de um deles: “não me sinto tão segura, porque se eles quiserem roubar, nada vai parar eles”. Outros entrevistados se sentem mais seguros com as proteções presentes nos estabelecimentos.

Gráfico 16 - A sensação de segurança com o uso de itens de proteção.

Esses itens lhe dão uma maior sensação de segurança para no estabelecimento?

19 respostas



Fonte: Respostas do formulário aplicado nos dias 27 e 30 de outubro de 2023.

A sensação de insegurança foi o principal fator citado pelos entrevistados, gerando impacto significativo nos comércios. Ela faz com que eles mudem os horários de funcionamento, abrindo mais tarde, fechando mais cedo, estabelecendo um padrão de abertura dos comércios; há impacto nas vendas, tendo que limitar suas entregas a certos horários e locais, ou até mesmo parando de entregar; o medo de assaltos e roubos, também sentido pelos funcionários e pelos clientes, que tentam não usar os aparelhos celulares dentro dos estabelecimentos, deixando em casa, como também outros objetos. Alguns responderam que a violência não tem tanto impacto dentro dos comércios, apenas fora.

Com a entrevista, ficou óbvio a falta do poder público na garantia da segurança no comércio local do bairro Quintino Cunha. De todas as entrevistas, apenas uma informou que o policiamento foi uma das ações feitas para o melhoramento do sentimento de segurança dos comerciantes e moradores do bairro. Todos os outros responderam que nunca tiveram nenhuma forma de incentivo ou ação com relação à segurança nos estabelecimentos.

5 CONCLUSÃO

A violência urbana é um fenômeno que se apresenta em diversas escalas e intensidades, de diferentes formas no cotidiano citadino, pois seu contexto socioespacial é um sistema dinâmico. Os fatores sociais, espaciais, políticos e ideológicos se combinam e traçam um projeto de sociedade selvagem e inquietante (PEDRAZZINI, 2006, apud SANTOS, 2009).

Vários autores abordam a violência sempre relacionada à pobreza, à exclusão social, à marginalização, omissão do Estado, a falta de serviços públicos, e aos enclaves de pobreza, territórios criados como resultado dos processos de urbanização.

Em Fortaleza, as desigualdades decorrentes de uma urbanização descontrolada e sem o devido apoio a populações excluídas, como em outras capitais, acelerou o crescimento da violência e da criminalidade, aumentou a presença do tráfico de drogas nas periferias, onde a presença do poder público é mais escasso. Com os dados disponibilizados no Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2022, Fortaleza é considerada uma das capitais mais perigosas e violentas do mundo, os crimes violentos letais intencionais (CVLI) são um dos mais altos do Brasil e do Ceará, sendo alvo de preocupação dos pesquisadores desde os anos 2000.

No bairro Quintino Cunha, com a presença de um grande número de pessoas em situação de vulnerabilidade social, e com uma infraestrutura precária, os índices de desenvolvimento humano são baixos. Outras formas “mais fáceis” de ganhar dinheiro empurram os jovens para a criminalidade. No relatório de cartografia da criminalidade e da violência para Fortaleza, o bairro aparece com um dos menores IDHM em 2010, e com um dos maiores índices de homicídios, principalmente nos aglomerados subnormais, ou seja, nas favelas.

No mapeamento das áreas integradas de segurança, a AIS 6, na qual o Quintino Cunha está inserido, apresenta diferentes posições nas ocorrências dos indicadores criminais (CVLI, CVP, apreensão de entorpecente e armas de fogo e furtos), principalmente nos crimes violentos contra o patrimônio, com o maior número de casos em 2021.

Assim, informações levantadas apontam para entendimento da criminalidade e a violência no bairro. No entanto, ressalta-se que no relatório da cartografia do

crime, os dados sobre o bairro eram poucos e antigos, de 2010, e os dados referente às AIS, embora atuais, englobavam vários bairros heterogêneos, o que poderia mascarar informações mais específicas sobre o Quintino Cunha. Foram levantados dados sobre as ocorrências no bairro, que mesmo que não fossem tão atuais, eram mais específicos e mostravam uma série de registros que ajudou a entender mais sobre a criminalidade no Quintino Cunha.

Com a espacialização dos dados, pode-se ver que esses crimes se concentram nas principais vias do bairro, como as avenidas, e onde também se concentravam a maioria dos estabelecimentos comerciais. Importante observar que o estado do Ceará foi um dos que mais tiveram ocorrências e taxas de crimes contra o patrimônio, como por exemplo o roubo a estabelecimentos comerciais em 2020 e 2021, possuindo a sexta maior taxa dos estados brasileiros. Além disso, em Fortaleza, a AIS 6, da qual o bairro Quintino Cunha está inserido, foi a que mais obteve ocorrências de crimes contra o patrimônio, e a terceira que mais obteve números absolutos de furtos. No bairro, o número de veículos localizados foi superior a todas as outras ocorrências (94), no entanto, ressalta-se o números de ocorrências de homicídios (41), o porte e apreensão de armas de fogo (28), o número de roubos (13) e apreensão de entorpecentes (12).

Após entender sobre os processos urbanos e históricos de Fortaleza e do bairro Quintino Cunha, como a violência se comporta nesses territórios, e entender sobre como se dividem, se classificam e se localizam os estabelecimentos, foi necessário fazer uma relação entre os dados já levantados. Essa relação pôde ser feita com a pesquisa realizada com os comerciantes e os funcionários. Nela, notou-se um medo e desconfiança em abordar sobre a temática, o que já era esperado.

A pesquisa mostrou que o sentimento de insegurança era a principal condicionante para gerar algum impacto nos comércios, seja na diminuição das vendas e na delimitação dos locais de entregas, seja na mudança de hábitos dos comerciantes, no uso de equipamentos de proteção contra a violência, em que alguns conseguiam ter acesso a equipamentos mais tecnológicos e outros não. Mostrou também que o poder público ainda é ausente, e questiona-se sobre o papel do policiamento em melhorar o sentimento de segurança nos comerciantes.

REFERÊNCIAS

ABIKO, A. K.; COELHO, L. O. **Mutirão Habitacional: Procedimentos de Gestão**. Vol. 2. Porto Alegre: ANTAC, 2006.

ADORNO, Sérgio. **Exclusão socioeconômica e violência urbana**. Sociologias, Porto Alegre, 2002.

AGUIAR, J. D. G.; GORAYEB, A. **Cartografia da violência em Fortaleza: O caso do Campus do Pici, UFC**. Extensão em Ação, Fortaleza, v.19, n.1, jan./jun. 2020. p. 25-40.

ALCÂNTARA, L. L.; RAMOS, J. L. **Correlação entre apreensão de armas de fogo e a redução do número de homicídios no distrito federal**. Curso de Altos Estudos, Instituto Superior de Ciências Policiais, 2018.

ALMEIDA, A. F. G. **Corrupção, Crime e Violência: Quais os Impactos sobre a Confiança dos Empresários e Consumidores?**. 2020. Tese (Doutorado em Economia) - Faculdade de Economia, Universidade Federal Fluminense, Niterói - RJ.

ALMEIDA, L. Q. **Vulnerabilidades socioambientais de rios urbanos: Bacia hidrográfica do Rio Maranguapinho. Região Metropolitana de Fortaleza, Ceará**. 2010. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Geociências e Ciências Estradas, Universidade Estadual Paulista. Rio Claro - SP.

ALMEIDA, L. Q.; CARVALHO, P. F. **Riscos naturais e sítio urbano - inundações na bacia hidrográfica do Rio Maranguapinho, Região Metropolitana de Fortaleza, Brasil**. Revista Brasileira de Geomorfologia - v. 11, nº 2, 2010. p. 35- 49.

ALMEIDA, M. A. S.; LOPARDI, A. L. S. **Crime contra o patrimônio na Região Metropolitana de Belo Horizonte: Uma análise econômico espacial**. Juiz de Fora, Revista Vianna Sapiens, vol. 1, n. 2, 2010. p. 91-120.

ALMEIDA, A. N.; SILVA, J. C. G. L.; ANGELO, H. **Importância dos setores primário, secundário e terciário para o desenvolvimento sustentável**. Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional, v.9, n.1, Taubaté, SP: jan-mar de 2013. p. 146-162.

_____. **APÓS chuva, Rio Maranguapinho transborda e água invade BR e ruas em Caucaia**. G1 CE, 30 de abril de 2022.

ARAÚJO, R. V. **Vulnerabilidade social: Transformações no espaço urbano de Fortaleza no início do século XXI**. (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: 2015.

BARCELLOS, W. S.; BARRETO, A. C. J. **Violência urbana: Criminalização da pobreza e a disputa territorial do tráfico de drogas**. CSOnline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, Juiz de Fora, n. 25. 2017. p. 38-57.

BARROS, A. C. **Favelas em Fortaleza: do Surgimento a tentativa de erradicação (1877-1973)**. In: XXIX Simpósio Nacional de História. Contra os preconceitos: História e Democracia. 2017, Brasília. Anais do XXIX Simpósio Nacional de História - contra os preconceitos: história e democracia, 2017.

BARROS, A. C. **Favelas em Fortaleza e movimentos sociais: o reflexo do déficit de moradia (1972-1982)**. In: 31 Simpósio Nacional de História, 2021, Rio de Janeiro. Anais do 31º Simpósio Nacional de História [Livro eletrônico]: história, verdade e tecnologia, 2021.

BATELLA, W. B.; DINIZ, A. M. A. **Análise dos condicionantes da criminalidade violenta no estado de Minas Gerais**. Sociedade & Natureza, Uberlândia, 22 (1): abr. 2010. p. 151-163.

BATISTA, N. G. **Um estudo do Comércio Local de Brasília**. 1965. Tese (Mestrado em Arquitetura) - Escola de Arquitetura, Universidade de Brasília, Brasília.

BEATO FILHO, C. C. et al. **Conglomerados de homicídios e o tráfico de drogas em Belo Horizonte, Minas Gerais, de 1995 a 1999**. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro: 2021. p. 1163-1171.

BERGAMASCHI, R. B. **SIG aplicado a segurança no trânsito – estudo de caso no município de Vitória – ES**. (Monografia de Graduação) - Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória: 2010.

BORDIN, M. **Geografia do Crime em Curitiba: A produção de espaços segregados pela violência**. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Paraná. Curitiba: 2009.

BORGES, M. **Geografia do crime: áreas de Fortaleza com piores IHDs concentram maior número de homicídios em 2020**. Diário do Nordeste, 2021.

BRASIL, G. M. et al. **Pesquisa Cartografia da Criminalidade e da Violência na cidade de Fortaleza**. Fortaleza: 2010.

BRASIL. Governo Federal. **Classificação Nacional de Atividades Econômicas - CNAE**. 2023.

CACHINHO, H.; SALGUEIRO, T. B. **Os sistemas comerciais urbanos em tempos de turbulência: vulnerabilidade e níveis de resiliência**. Finisterra, 101. Lisboa: 2016. p. 89-109.

CAMPOS, B. **Fortaleza**. Mundo Educação Uol, 2023.

CARDOSO, F. L. M. G. et al. **Homicídios no Rio de Janeiro, Brasil: uma análise da violência letal**. Ciências e Saúde Coletiva, 21 (4), 2016. p. 1277-1288.

CARLEIAL, L. Moradia digna: direito conquistado mas ainda não implementado. in: MORAIS, M. P.; KRAUSE, C. NETO, V. C. L. (Org.). **Caracterização e Tipologia de Assentamentos Precários: Estudos de Caso Brasileiros**. Brasília : Ipea, 2016. p. 15-18.

CASTRO, M. G.; ABRAMOVAY, M. **Jovens em situação de pobreza, vulnerabilidades sociais e violências**. Cadernos de Pesquisa, n. 116, julho de 2022. p. 143-176.

CAVALLIERI, F. et al. Caracterização e Tipologia dos Assentamentos Precários Brasileiros: O caso do Rio de Janeiro. in: MORAIS, M. P.; KRAUSE, C. NETO, V. C. L. (Org.). **Caracterização e Tipologia de Assentamentos Precários: Estudos de Caso Brasileiros**. Brasília : Ipea, 2016. p. 412-463.

CLEPS, G. D. G. **O comércio e a cidade: novas territorialidades urbanas**. Sociedade e natureza, 16 (30). Uberlândia: 2004. p.117-132.

DANTAS, R. F. **Segurança Pública: Um Novo Modelo de Metas e Premiações**. In: IPECE: Textos para Discussão, 2014. Ceará: IPECE, 2014.

Dantas, E. W. C. O centro de Fortaleza na contemporaneidade. In: Dantas, E. W. C.; SILVA, J. B.; COSTA, M. C. L. (Org.). **De cidade a metrópole: (Trans)formações urbanas em Fortaleza**. Fortaleza: Edições UFC, 2009. p.13-86.

DECORA, Viva. **Conjunto Habitacional: Entenda Sua Origem e Por Que Influenciou a Arquitetura Moderna**. 2020.

DINIZ, A. M. A.; NAHAS, M. I. P.; MOSCOVITCH, S. K. T. **Geografia da violência urbana em Belo Horizonte**. Caderno de Geografia, Belo Horizonte, 2003.

DINIZ, L. S. **O pequeno comércio em contexto de violência na cidade de Campina Grande - PB**. 2012. Tese (Doutorado em Geografia) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco. Recife: 2012.

FARIA, A. A. C.; BARROS, V. A. **Tráfico de drogas: uma opção entre escolhas escassas**. Psicologia e sociedade, 23 (3), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte: 2011.

FBSP. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2021**. Ano 15 - 2021.

FBSP. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2022**. Ano 16 - 2022.

FELIX, S. A. **Armas versus Vidas: Análise da regressão sobre o impacto da apreensão de armas nos homicídios**. Revista do Laboratório de Estudos da Violência da UNESP/Marília, edição 11, 2013. p. 119-129.

FERREIRA, B. S. et al. **Crimes Violentos Letais e Intencionais (CVLI): Fatores e Motivações que os Influenciam em Consonância com as Políticas de Segurança Pública**. Revista Fórum de Segurança, 2020.

FERREIRA, I. C. B.; PENNA, N. Azevedo. **Territórios da violência: um olhar geográfico sobre a violência urbana**. Espaço e tempo, USP, São Paulo, 2005.

FORTALEZA. Prefeitura Municipal. **Análise resultado do PIB de Fortaleza para o ano de 2020**. Fortaleza: 2020.

FORTALEZA. Prefeitura Municipal. **Entenda a nova territorialização administrativa de Fortaleza**. Fortaleza: 2021.

FORTALEZA. Prefeitura Municipal. **Fortaleza em Mapas**. 2023.

FORTALEZA. Prefeitura Municipal. **Fortaleza tem o maior PIB do Nordeste e o 11º maior do Brasil**. Fortaleza: 2022.

FORTALEZA. Prefeitura Municipal. **Prefeitura lança programa Fortaleza Mais Verde**. Fortaleza: 2020.

_____. **FORTALEZA tem o maior PIB do Nordeste, e oitavo entre as capitais do Brasil, diz IBGE**. Portal G1 CE, 2022.

FREITAS, F. L. S.; COSTA, M. C. L.; SILVA, J. B.; . **Um estudo sobre a violência urbana, segregação sócio-espacial e a vulnerabilidade social no bairro Jardim das Oliveiras Fortaleza-CE.** In: 12 Encuentro de Geógrafos de América Latina, 2009, Montevideo. Caminhando en una América Latina en transformación. Montevideo, 2009.

FREITAS, F. L. S. **Segregação sócio-espacial, vulnerabilidade e Violência em Fortaleza.** 2008. Trabalho de Conclusão de Curso, (Graduação em Geografia) - Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: 2008.

FREITAS, F. L. S.; COSTA, M. C. L. **Crimes letais, urbanização e justiça social na Região Metropolitana de Fortaleza.** In: XI Encontro Nacional da ANPEGE: A diversidade da Geografia brasileira: escalas e dimensões da análise e da ação. Presidente Prudente - São Paulo, 2015. p. 375-388.

FREITAS, F. L. S., COSTA, M. C. L. **Desigualdade socioeconômica e espacialização dos homicídios na Região Metropolitana de Fortaleza.** In: Maria Clélia Lustosa Costa, Renato Pequeno. (Org.). Desigualdade socioeconômica e espacialização dos homicídios na Região Metropolitana de Fortaleza. 1 ed. vol. 1. Rio de Janeiro: Letra Capital: Observatório das Metrôpoles, 2015. p. 332-356.

GAGO, Gabriel. **Enchente em comunidade de Caucaia compromete cotidiano de moradores.** OPovo, Caucaia, 16 de janeiro de 2023.

GUIMARÃES, T. H. **Crimes contra o patrimônio: Um estudo sobre os condicionantes socioeconômicos das práticas de infrações penais em Minas Gerais.** 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Econômicas) - Instituto de Ciências Sociais Econômicas e Gerenciais, Universidade Federal de Ouro Preto. Mariana - MG.

HABITAFOR/FORTALEZA. Prefeitura Municipal. Fundação de Desenvolvimento Habitacional de Fortaleza. **Plano Local de Habitação de Interesse Social de Fortaleza: Pelo Ingresso à Terra Urbanizada e à Moradia Digna e Sustentável.** Produto III: Diagnóstico Preliminar. Fortaleza: 2010.

HARTUNG, G. **O papel das armas de fogo na queda de homicídios em São Paulo**. In: Ensaios em demografia e criminalidade. Tese de Doutorado em Economia. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 2009.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2022**. 2023.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades e Estados: Maceió e outros**. 2022.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **PIB das capitais brasileiras**. 2020. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/explica/pib.php>>.

IPECE/CEARÁ. Governo Estadual. Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará. **Em 2019, valor da produção agrícola do Ceará cresce 8,3% em relação a 2018**. IPECE, 08 de outubro de 2020.

IPECE/CEARÁ. Governo Estadual. Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará. **Fortaleza é a única capital nordestina entre os dez maiores PIB do Brasil**. IPECE, 17 de dezembro de 2021.

IPECE/CEARÁ. Governo Estadual. Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará. **Perfil Municipal de Fortaleza: Tema VII: Distribuição Espacial da Renda Pessoal**. IPECE Informe, edição especial, nº 42 de outubro de 2012. IPECE, 2012.

IPECE/CEARÁ. Governo Estadual. Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará. **Produto Interno Bruto: Análise do PIB dos Municípios Cearenses - 2022**. IPECE, nº 06, 2022.

IPLANFOR/FORTALEZA. Prefeitura Municipal. Instituto de Planejamento de Fortaleza. **Atlas dos Assentamentos Precários de Fortaleza**. Fortaleza: IPLANFOR, 2016.

IPLANFOR/FORTALEZA. Prefeitura Municipal. **Plano Fortaleza 2040: Governança municipal, modelo de gestão e participação da sociedade na elaboração do plano / Prefeitura Municipal de Fortaleza.** – 2ª ed. v. 8. Fortaleza: IPLANFOR, 2019.

KAZTMAN, R.; FILGUEIRA, F. As normas como bem público e privado: reflexões nas fronteiras do enfoque "ativos, vulnerabilidade e estrutura de oportunidades" (Aveo). In: CUNHA, J. M. P. (Org.). **Novas metrópoles paulistas: população, vulnerabilidade e segregação.** Campinas, SP: Nepo/Unicamp, 2006.

LIRA, P. S. **Geografia do Crime e Arquitetura do Medo: Uma análise dialética da criminalidade violenta e das instâncias urbanas.** Letra Capital, Observatório das metrópoles, ed. 2. Rio de Janeiro: 2017.

MAGRINI, M. A. O. **Interações entre violência e cidades: em busca de uma definição de violência urbana.** Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n.36, v.1, p.83-98, jan./jul. 2014.

MALVASI, P. A. **Interfaces da vida loka: Um estudo sobre jovens, tráfico de drogas e violência em São Paulo.** (Tese de Doutorado) - Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo. São Paulo: 2012.

MARICATO, E. **Metrópole na periferia do capitalismo: ilegalidade, desigualdade e violência.** São Paulo: 1995.

MARQUES, D.; LAGRECA, A. **Os crimes patrimoniais no Brasil: entre novas e velhas dinâmicas.** In: Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2022. 2022. p. 116-122.

MARTINS, A. **Comércio cearense reage e tem performance melhor que o Brasil.** Diário do Nordeste, 15 de agosto de 2023.

MEDEIROS, S. R. F. Q. **A casa própria: sonho ou realidade? Um olhar sobre os conjuntos habitacionais em Natal.** (Mestrado em Ciências Sociais) -

Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal: 2007.

MOISÉS. **Lista dos bairros de Fortaleza por IDH**. Professor Moisés, 2015.

MOREIRA, T. B. **A criminalidade violenta na cidade de Pacajus - Ceará: Das territorialidades das facções aos impactos no cotidiano**. (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza: 2021.

MUNIZ, A. M. V.; SILVA, J. B.; COSTA, M. C. L. **Reestruturação Produtiva, Trabalho e Transformações no Espaço Metropolitano de Fortaleza**. Boletim Goiano de Geografia, vol. 31, núm. 1, Universidade Federal de Goiás. Goiás, Brasil: 2011. p. 13-25.

PAIVA, R. A.; DIÓGENES, B. H. N. **Urbanização turística e infraestrutura na Região Metropolitana de Fortaleza: Impactos e conflitos**. Paisagens Híbridas, Vol. 2, n.º. 2. 2022. p. 166-185.

PAIXÃO, L. A. R. **O impacto da violência no preço dos imóveis comerciais de Belo Horizonte: uma abordagem hedônica**. Econ. Aplic., vol. 13, n.1. Rio de Janeiro: 2009.

PEQUENO, R. et al. **Direito à Cidade e Habitação: Condicionantes institucionais e normativas para a implementação de políticas (programas e projetos) de urbanização de favelas no Município de Fortaleza**. 2021. LEHAB, Observatório das Metrôpoles Núcleo Fortaleza - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza: 2021.

PINHEIRO, V; IACOVINI, V. **Política, Projetos e Resistências Urbanas: Perspectivas Rumo ao Direito à Cidade em Fortaleza**. 2015. In: XVI Encontro Nacional da ANPUR. Política, projetos e resistências urbanas: perspectivas rumo ao direito à cidade em Fortaleza. Belo Horizonte: 2015.

_____. **RIO Maranguapinho transborda e deixa moradores de bairros de Fortaleza em alerta.** Diário do Nordeste, Fortaleza, 07 de maio de 2021.

SALGUEIRO, T. B. **O comércio e a cidade: Lisboa e Porto.** Finisterra, 29, 57. Lisboa: 1994. p. 177-183.

SALGUEIRO, T. B. **Novas formas de comércio.** Finisterra, 48. Lisboa: 1989. p. 151-217.

SALGUEIRO, T. B.; CACHINHO, H. **As relações cidade-comércio: dinâmicas de evolução e modelos interpretativos.** In: CARRERAS, C.; PACHECO; S. M. M. (Org.). Cidade e Comércio: a rua comercial na perspectiva internacional. Rio de Janeiro: Armazém das Letras, 2009.

SANTOS, I. R. **Aspectos da violência urbana.** Caderno de ciências sociais aplicadas, Vitória da Conquista- BA, 2009.

SANTOS, M. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos.** Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1978.

SANTOS, M. A. F. **Territórios do crime no espaço urbano e mecanismos de prevenção.** Revista da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia (Anpege). V.11, n.16, jul-dez. 2015. p.325-341

SÃO PAULO. Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo. **Provimento CG nº 37/2013** - Modifica o Capítulo XX, do Tomo II, das Normas de Serviço da Corregedoria Geral da Justiça (Processo 2012/24480). 2013.

SEFIN/Fortaleza. Prefeitura Municipal. **Secretaria de Finanças de Fortaleza. Infraestrutura de Dados Espaciais - IDE SEFIN.** Fortaleza: 2023.

SILVA FILHO, A. M.; ZEBENDE, G. F.; GUEDES, E. F. **Análise temporal das subtrações de veículos em Salvador (BA).** Conj. e Planej., Salvador: 2017. p. 47-61.

SILVA, J. B. Formação socioterritorial urbana. In: Dantas, E. W. C.; SILVA, J. B.; COSTA, M. C. L. (Org.). **De cidade a metrópole: (Trans)formações urbanas em Fortaleza**. Fortaleza: Edições UFC, 2009. p.87-141.

SIMDA/FORTALEZA. Prefeitura Municipal. Sistema de Monitoramento Diário de Agravos. **População consolidada por bairro segundo a faixa etária, 2021-2022**. Fortaleza: Prefeitura Municipal de Fortaleza, 2023.

SOARES, J. A. **O ambiente da periferia: conflitos sociais e riscos nas políticas urbanas em Fortaleza – Ceará**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente), Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011. Adaptado por: OLIVEIRA, H. L. In: A incerteza de morar em áreas de riscos de Fortaleza-CE. Laboratório de Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2021.

SOUZA, G. M.; MEDEIROS, C. N.; PINHEIRO, F. S. A. **Correlações espaciais entre ocorrências e concentração de aglomerados subnormais em Fortaleza, Ceará**. In: Anais XVI Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto - SBSR, Foz do Iguaçu, PR, Brasil, 13 a 18 de abril de 2013. Foz do Iguaçu: INPE, 2013. p. 4451-4458.

SOUZA, K. **Brasil é um dos cinco países com maior número de celulares, mostra ranking**. Exame, 2021.

SOUZA, M. S. Análise da estrutura urbana. In: Dantas, E. W. C.; SILVA, J. B.; COSTA, M. C. L. (Org.). **De cidade a metrópole: (Trans)formações urbanas em Fortaleza**. Fortaleza: Edições UFC, 2009. p.13-86.

SSPDS/CEARÁ. Governo Estadual. Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social. **Áreas Integradas de Segurança do Estado ganham nova reformulação na RMF e sobem para 25**. SSPDS, 21 de maio de 2021.

SSPDS/CEARÁ. Governo Estadual. Secretaria de Segurança Pública e Desenvolvimento Social. **Estatísticas 2022**. 2022.

STABILE, A. S.; PAIVA, D.; HONÓRIO, G. **Brasil registra queda de 2,4% em mortes violentas intencionais em 2022, aponta Anuário**. G1. São Paulo, 20 jul. 2023.

APÊNDICE - QUESTIONÁRIO PARA PESQUISA DE CAMPO

Seção 1 de 3

FORMULÁRIO PARA O TCC

O presente formulário servirá como análise para o Trabalho de Conclusão de Curso, onde todas as informações serão sigilosas e de forma anônima.
Ao participar como voluntário, você declara que as informações prestadas no presente formulário são verdadeiras, e que consente com o uso dos dados coletados para a apresentação do TCC, para a produção de textos e trabalhos afins.

Agradeço a sua participação,
Francisco Irilsson Ferreira Dias, aluno do curso de Geografia - UFC.
Orientado por: Profa. Dra. Maria Clélia Lustosa Costa.

Qual cargo no estabelecimento? *

Dono

Funcionário

Outros...

Qual o tipo ou setor do comércio? *

Comercial 1 (Vendas variadas, ex: mercadinhos, mercados, mercearias e bodegas)

Comercial 2 (Alimentos e bebidas, ex: bares, restaurantes e pizzarias)

Comercial 3 (Materiais de construção e etc.)

Comercial 4 (Roupas femininas, masculinas e etc)

Comercial 5 (Lojas de variedades, plásticos e presentes)

Comercial 6 (Farmacoquímicos, ex: farmácias)

Serviços (Salões de beleza, barbearias, pet shops, esteticistaas e reparos em geral)

Qual o tipo do estabelecimento? *

Alugado

Próprio

O estabelecimento é apenas comercial ou também residencial? *

- Apenas comercial
- Comercial e residencial

Há quanto tempo está no estabelecimento ou que tem o seu negócio? *

- Menos que 1 ano
- 1 a 3 anos
- 3 a 7 anos
- 7 a 10 anos
- Maior que 10 anos

Você reside no mesmo bairro onde o estabelecimento está? *

- Sim
- Não

Após a seção 1 Continuar para a próxima seção

Seção 2 de 3

Sobre a violência no bairro:



Descrição (opcional)

Você já se sentiu inseguro ou com medo de andar no seu bairro ou em outros lugares da sua cidade? *

- Sim
- Não
- Talvez

Você se sente seguro no bairro onde você mora? *

Sim

Não

Talvez

Se você respondeu NÃO ou TALVEZ na pergunta anterior, quais fatores colaboram para esse sentimento de insegurança? *

Falta de policiamento;

Problemas de infraestrutura (ex: iluminação, pavimentação e etc)

Assaltos Constantes;

Roubos a residências;

Casos de homicídios;

Presença do tráfico de drogas;

Nenhuma desses fatores; ou

Outros...

Após a seção 2 Continuar para a próxima seção

Seção 3 de 3

Com relação à violência e seu estabelecimento:

Descrição (opcional)

O estabelecimento já foi vítima de alguma forma de violência? Se sim, qual? *

- Nunca foi vítima de violência.
- Furto;
- Roubo de veículos;
- Roubo de objetos;
- Ameaça ou agressão;
- Tentativa de assalto;
- Tentativa de homicídio;
- Homicídio;
- Outros...

Você já teve que mudar algum hábito no estabelecimento ou notou que foi mudando aos poucos? Se sim, qual? *

- Nunca precisei mudar nenhum hábito.
- Abrir mais cedo;
- Abrir mais tarde;
- Fechar mais cedo;
- Evitar a entrada de pessoas;
- Outros...

O estabelecimento possui alguma forma de proteção contra a violência? Se sim, qual? *

- Não uso nenhum tipo de proteção.
- Câmeras de segurança e monitoramento;
- Grades em portas ou janelas;
- Cerca elétrica, concertina ou farpada;
- Vidro ou garras metálicas nos muros;
- Cão de guarda;
- Vigilância particular.
- Outros..

Esses itens lhe dão uma maior sensação de segurança para no estabelecimento? *

- Sim, eles me passam mais segurança;
- Não, pois ainda não sinto o estabelecimento seguro.
- Não tenho certeza.

Como você acha que a violência e o sentimento de insegurança impacta o estabelecimento? *
(Ex: nas entregas, nas vendas..)

Texto de resposta longa
.....

O estabelecimento já recebeu alguma forma de apoio do poder público, como segurança ou programas de incentivo? Se sim, qual? Se não ou não sabe, apenas reponda com um ".". *

Texto de resposta curta
.....